

O novo mundo maravilhoso

Porquê e como podemos transformá-lo?

ESTRUTURA DO ESTUDO

Capítulo 1 - Situações e perspectivas

- Preparar e montar
- Situação anterior, contexto real do mundo atual
- Recursos actuais da população
- Densidade prevista, reservas recursos
- Problemas crescentes habituação insustentável
- Perspectivas, declínio lento,
- Alternativas, previsão, agir positivamente
- Proposta de solução

Capítulo 2 - Nova configuração

- Introdução
- Objectivos
- Direitos
- Deveres
- Hexadecálogo

Capítulo 3 - Transformação, Metamorfose

- Duas fases, objectivos, tempos
- Fase preliminar, recolha de dados uniformizados
- Fase de morfologia global
- Actualizações periódicas

Capítulo 4 - Debate

- Conversa na sala de estar
- Reacções e comentários diversos
- Perguntas, esclarecimentos
- Debates aprofundados
- Conclusões
-

Introdução

Estas são as primeiras linhas do meu primeiro livro. Decidi escrevê-lo porque acho que o tema é muito, muito interessante. O tema do livro é propor uma solução alternativa decisiva para os crescentes problemas críticos globais. A intenção não é apenas encontrar uma solução fácil e simples, mas definir uma nova estrutura planetária funcional, acompanhada das direcções básicas para a transformação completa necessária.

Não há aqui qualquer vestígio da minha autobiografia; vou poupar-vos a isso. Mas, em todo o caso, deviam saber alguma coisa sobre mim; pode ser útil.

Desde o início que me dediquei ao piano. Desde a década de 1970, tenho-me interessado e ocupado em diferentes domínios. Passei da aviação, depois para a consultoria de negócios e, por fim, para as tecnologias da informação. Esta última fase introduziu-me no conhecimento de diferentes domínios: indústria, comércio, serviços, etc. Esta variedade de interesses levou-me ao desenvolvimento criativo de soluções específicas em contextos díspares. Ao iniciar a redação deste projeto, deparei-me de imediato com uma falta total de conhecimentos literários mínimos necessários. Como é habitual, procurei uma fonte neófita. A partir das primeiras pesquisas, encontrei e descarreguei vários guias, escolhendo manuais com instruções claras e compreensíveis, pelo menos à primeira vista. Numa primeira leitura, a maioria sublinhava a necessidade de os neófitos identificarem e definirem em pormenor o objetivo e o alvo do livro. Após este primeiro passo, aparentemente fácil de completar, fiquei imediatamente paralisado. Instintivamente, a resposta parecia simples: o público-alvo é "toda a gente". Mas ao dizer isso, eu

Também me apercebi de que era uma definição genérica, demasiado vaga; era preciso redefini-la, diluir essa vastidão para tornar, entretanto, também o alvo mais circunscrito, mais identificável. Tentei e tentei, mas no fim voltei à estaca zero. Basicamente, para sair deste impasse, tentei rever e reconsiderar o objetivo principal do documento.

Só então, depois de reforçar, consolidar e reavaliar o alcance do objetivo do livro, decidi avançar com a sua escrita fora das regras estabelecidas. Portanto, se o público-alvo se confirmar como sendo "toda a gente", que seja. Depois de sair desse impasse inicial, ganhei coragem. O resultado é simples: todos os outros passos do guia para principiantes não receberam a atenção que mereciam, com exceção, para meu alívio, dos que tratam das regras gramaticais. Não é que os conselhos fossem incorrectos; na verdade, considero-os necessários e pertinentes. No entanto, sou o autor deste livro, o primeiro, mas que também poderá ser o último, pelo que o escrevo como o sinto, com o coração e/ou com a cabeça, mas sempre, para o bem e para o mal, tudo e apenas o meu trabalho. Mas porque é que insisto em identificar os leitores-alvo em toda a gente? Mais uma vez, a resposta é simples, porque o alvo se refere a todo o planeta, adivinhou bem, apenas ao nosso planeta, e mais especificamente, explicamos aqui porquê, com o quê e como podemos ou devemos transformá-lo, com base nas nossas perspectivas que vão desde a sobrevivência a longo prazo até à obtenção e manutenção do bem-estar global. Assim, para além da ambição manifestada pelos objectivos, quem não se sente interessado, ou parcialmente envolvido, ou pelo menos intrigado? A resposta não deve incluir um grande número de pessoas. No entanto, devo informar aqueles que se sentem indiferentes, ou que se consideram desinteressados, que ao longo do resto do livro é tudo sobre este tema. Por isso, dirijo-me aos outros, espero que a maioria, que se sentem de forma variada intrigados e envolvidos, pelo menos por curiosidade.

Então, caros leitores, agora identificados por mim como intrigados, comecemos a árdua viagem.

A partir destas linhas começa o estudo, ou melhor, o aprofundamento, de uma hipótese de projeto dedicada a uma proposta de resolução radical dos próximos cenários incertos e inquietantes que se esperam, mas que podemos tentar pôr em marcha a partir de agora e que inevitavelmente nos esperam. Os vários caminhos evolutivos dos cenários possíveis, mais cedo ou mais tarde, envolverão cada vez mais todo o planeta.

Partindo de novos cenários globais, traço de forma pioneira as vias de implementação de uma transformação sócio-econômica/cultural radical que envolva holisticamente todo o globo.

Não há dúvida de que estes temas e as suas soluções são decididamente inovadores e proporcionalmente chocantes. Tento expô-los da forma mais simples possível. Tendo em conta o público-alvo deste estudo/projeto, considerando as suas áreas de aplicação, é muito amplo e muito vasto, disso não há dúvida. Por isso, optei por me adaptar, utilizando as linguagens necessárias e suficientes para facilitar uma compreensão abrangente. Todo o projeto está dividido em três fases. Este livro apresenta a primeira. As outras duas só são antecipadas no terceiro capítulo. O projeto que vai ler está dividido em quatro capítulos:

1) Preparação

2) Nova configuração fundamental

3) Transformação da implementação

4) Debate com reacções, comentários, esclarecimentos e explicações

Não é minha intenção abordar e tratar as questões críticas mais importantes da atualidade como um tema de terrorismo, mas sim sob a forma de uma verdadeira coleção destinada a um convite que proponha contramedidas exequíveis, ainda que decididamente inovadoras e sem precedentes, que proponham cenários viáveis para uma cura planetária radical.

Se houver indicações consistentes e válidas para diagnósticos preocupantes, os prognósticos consequentes prevêm terapias adequadas.

Mas se o tratamento não produzir resultados positivos e os problemas reaparecerem, as opções incluem persistir, repetir ou aumentar o tratamento ou, em alternativa, e este é literalmente o nosso caso, intervir preventivamente com uma ação vigorosa e decisiva.

Mas vamos rever a nossa situação, globalmente, em relação ao nosso planeta. Como é que estamos globalmente? Há alguns indícios que nos devam preocupar? E se houver, como é que vão estar num futuro próximo? Aceitável? Toleráveis? Ou será suficiente habituarmo-nos à sua presença, adaptarmo-nos à convivência? Faz tudo parte da evolução natural? Temos de nos

resignar à sua

habituação? Ou podemos demonstrar que temos a capacidade de governar todas as realidades a nosso favor? Quão preocupantes serão as respostas aos próximos check-ups globais? Evidentemente, esperamos que tudo corra bem. Provavelmente, continuarão a estar dentro da normalidade, mas, infelizmente e apesar de nós próprios, temos de o admitir, estão a piorar lenta e progressivamente. As preocupações podem ser subjectivas, mas os números não o são. Estes falam claramente, podemos interpretá-los como quisermos, mas isso não muda o facto de representarem consistência e evidência reais, que não podem ser adiadas, minimizadas ou minimizadas; são, e tornar-se-ão cada vez mais, situações duras concretas e inevitáveis. E quando elas reaparecerem e não puderem mais ser adiadas, e a fatura chegar?

A recente e frenética aceleração evolutiva que foi desencadeada nos últimos dois séculos é, sem dúvida, pelo menos impressionante, de acordo com os números.

As projecções gráficas de estatísticas representam apenas o estabelecido, mas antecipar as perspectivas representando prováveis continuidade.

Pelo menos tal como foram historicamente classificadas, bastam algumas décadas para representar e decretar o salto para uma nova era. Actualizemos a situação tanto quanto possível e avancemos lentamente. Reservemos algum tempo para analisar e rever a nossa situação. O contexto e a imagem actualizados do nosso planeta no sistema solar e para além dele reduzem-nos e diminuem-nos para magnitudes relativamente insignificantes. Mas para nós elas representam e constituem o nosso e único tudo, não apenas um significado marginal. Actualmente, não temos outras alternativas adequadas e viáveis à nossa disposição. Estamos aqui, neste planeta, e aqui permaneceremos. Certamente, alguém e de qualquer forma, num futuro próximo, irá para outro lugar. Será primeiro a Lua e depois Marte, depois outras luas ou asteróides, se não mesmo exoplanetas ou aldeias espaciais. Para além destas alternativas, no futuro imediato, a nossa estadia está certamente confirmada e, em todo o caso, ficaremos aqui, esperando viver aqui o máximo de tempo possível e não degradarmo-nos inexoravelmente na sobrevivência. E é este o ponto firme, difícil de refutar, que eu queria atingir, ou melhor, fazer com que se concentrassem. Espero ter despertado a vossa atenção ou encontrar-vos, pelo menos, de acordo, se não mesmo convencidos deste ponto de vista comum. É com esta predisposição que aqueles que estão intrigados podem prosseguir a abordagem desta proposta para a compreender melhor. Mas será que limitarmo-nos a desejar cenários de futuro aceitáveis, pelo menos vivíveis, partilhando mais a esperança do que enfrentando

resolutamente a realidade, é suficiente para nos mantermos
responsavelmente serenos?

Aqueles que não se sentirem suficientemente conscientes da alternativa, pelo menos para a avaliarem, acharão este documento inútil, dispersivo, se não mesmo perturbador, ou prejudicial aos seus interesses pessoais. A minha esperança é que pelo menos alguém sinta algum estímulo para se aprofundar no assunto. Se não houvesse sempre pioneiros, estaríamos ainda em palafitas, ou em cavernas, e porque não, ainda permanentemente entre os ramos. Há pouco mais de um século, começávamos a voar e, há meio século, aborrecemo-nos com a visita à Lua. Todos os desafios, muitas vezes inicialmente individuais, são lançados e vencidos, independentemente da sua dificuldade, que, na minha língua materna, rima com vontade.

Propõe-se aqui (fase de estudo) completar a curto prazo um caminho (este projeto) que visa o amanhã (fase de transformação) com algumas modificações ou ajustamentos para finalmente alcançar um futuro sem restrições de bem-estar generalizado e estável em todo o planeta. Aconselharam-me a "pensar em grande" se quisermos obter resultados positivos adequados. Assim me aconselharam, e assim tenho seguido servilmente esta sugestão. Pelo menos neste ponto, espero que possamos chegar a um consenso unânime. Começamos devagar, mas certamente chegaremos lá, como a tartaruga.

Continuando com a situação global, termino o cenário atual com uma rápida revisão da situação que nos foi transmitida pelo passado, actualizando-a para o presente e olhando depois para o futuro. Enumero os problemas que arrastámos do passado com os que surgiram recentemente. Reavaliando e reconsiderando tudo, concordarão que o conteúdo da lista que se segue não é o resultado de uma imaginação vívida, nem de um catastrofismo pernicioso, mas o produto inquietante de uma concentração crescente de múltiplas criticidades. Tudo isto é verificável em pormenor e facilmente constatável. Não se deve subestimar que sempre estivemos, estamos e estaremos diretamente interessados em sofrer catástrofes diversas, mesmo as de origem "natural". Isto não nos deveria alarmar muito, se não fosse o facto de, pelo menos desde o século passado, nos termos tornado cada vez mais tecnologicamente equipados para o seu rápido conhecimento, dimensão e progressão e, finalmente, também para a nossa fragilidade proporcionalmente crescente. Utilizei o plural porque nos estamos a aperceber de que os problemas, sejam eles pequenos ou grandes, mais cedo ou mais tarde envolvem indiscriminadamente todo o planeta. Assim, cada problema de uma só parte do planeta vai alastrar-se, afectando, reaparecendo e atingindo todos cegamente.

Vou fazer uma pequena lista dos principais aspectos críticos que se destacam:

impactos de asteróides, meteoritos, vento solar, mega erupções vulcânicas, inverno vulcânico, glaciações, efeito de bola de neve que derrete o gelo, terremotos, aumento da temperatura, circulação termohalina, desflorestação, desertificação, grandes incêndios, camada de ozono, hidrato de metano oceânico, metano do permafrost siberiano, pandemias, esgotamento dos recursos terrestres, energia, matérias-primas, resíduos alimentares, resíduos industriais, sobrepopulação, fome, seca, bolhas financeiras, inflação, estagflação, recessão.

Estes são apenas os mais conhecidos! Do seu ponto de vista, falta alguma coisa?

Certamente que sim, mas não é minha intenção ser exaustivo, e muito menos catastrófico. Simplesmente chamo a vossa atenção, pelo menos para estas criticidades planetárias, algumas bem conhecidas mas também deliberadamente negligenciadas, muitas vezes escondidas ou, pior ainda, completamente ignoradas. Se a vossa preocupação ainda não foi despertada ou activada, podem completar a lista à vontade com calamidades mais localizadas, mais conhecidas por vós, mas isso não faz parte dos objectivos deste estudo. Note-se que muitas das de interesse global são também activadas e desenvolvem-se com efeitos interactivos, desencadeando reacções em cadeia e favorecendo complicadas manifestações mistas entre causas e efeitos, o que faz com que as evoluções das situações sejam ainda mais interligadas e emaranhadas. A combinação destes efeitos, para além de agravar o contexto, não facilita certamente as soluções. A presença destas principais calamidades, muitas vezes naturais e de interesse global, que são suficientes para aumentar as preocupações quanto à sua frequência e consistência, leva-nos a concordar que elas serão nossas companheiras cada vez mais assíduas. Mas o conjunto de evoluções galopantes e aceleradas, graças a uma vigilância tecnológica aprofundada e alargada, chama a nossa atenção para o facto de os problemas estarem intimamente ligados. A classificação no topo de todos os problemas encontra um par de criticidades entrelaçadas, representado pelo crescimento da população, combinado com o consumo per capita de recursos naturais, tanto renováveis como não renováveis, cujos resultados combinados devem ser considerados como uma das ameaças mais alarmantes à próxima estabilidade global. À primeira leitura, sentimo-nos decididamente contra esta afirmação, uma reacção instintivamente natural. Mas é preciso refletir e reler a afirmação, tendo em conta uma previsão objetiva.

Começamos por quantificar o cenário, pelo menos com dimensões indicativas e arredondadas. A precisão dos dados, neste caso, não é necessária. Deixemos que os especialistas os aperfeiçoem. O primeiro número é bastante significativo, indicando que, desde 1970, o valor do índice de consumo per capita mais do que duplicou. Mais ou menos, o aumento da população também teve o mesmo valor.

Resumindo estes dois valores, em 50 anos quadruplicámos o consumo anual de recursos globais. Esta é uma realidade gritante e difícil de refutar. Para além do empobrecimento do nosso património, é também a causa direta da acentuada deterioração climática e da poluição ambiental. Só no último século, activámos este último processo a todos os níveis em que se verificou a nossa presença intrusiva no subsolo, na superfície terrestre, nos fundos marinhos e não só. Para que nada nos escape, estamos a deixar a nossa pegada em todas as camadas da atmosfera, e estamos também a deixar, na continuação dos maus hábitos, o nosso cartão de visita no lixo espacial.

Serão estes processos já imparáveis? Durante quanto tempo é que nos podemos adaptar?

Um grande grupo de problemas concentra-se num único parâmetro muito simples: o "Overshoot Day".

Para já, basta recordar a inexorável e constante antecipação da sua data, que indica o dia do ano em que o consumo de recursos ultrapassará a capacidade de recuperação da Terra. A agenda do Overshootday não gera incertezas. Essa data está a ser lenta mas constante e preocupantemente antecipada. Seria também oportuno recordar os problemas causados por comportamentos considerados humanos. Para que fique mais claro, refiro-me tanto a conflitos e tentativas de conquista como a momentos de recessão económica e colapsos financeiros, todos com pesadas implicações sociais. É de salientar que não menciono o que sempre foram as fases de resolução dos vários diferendos e conflitos armados, pelo menos os classificados com armas convencionais.

Estes temas são falados e discutidos em abundância, diariamente e em todo o lado. Aqui, apenas são evocados porque é a partir desta situação atual que o projeto se baseia e se inspira.

Se ainda não vos perturbei o suficiente, deixem-me mencionar a última das grandes questões, que merece ser tratada separadamente. Depois prometo que iremos mais longe.

Assim, o último grande problema, que eu considero a verdadeira "espada de Dâmocles", é o número e a variedade de nações que ostentam mais ou menos publicamente um arsenal atômico. Os Estados Unidos e a Rússia parecem, depois dos Acordos de Reiquejavique, ter reduzido os arsenais um do outro para 7000, mas dez outras nações parecem estar a competir por outros milhares. Pessoalmente, estou mais preocupado com esta última situação. As primeiras 14.000 estão firmemente nas mãos daqueles que já se aperceberam do perigo letal. Até agora, tudo bem, mas será que amanhã se manterão as mesmas condições? Se a lista destes problemas não vos bastar, se não estiverem já suficientemente perturbados, podem aumentá-la à vontade, completando-a com acontecimentos localizados apenas da natureza humana: poluição atmosférica, insurreições locais a vários níveis de envolvimento, mesmo que apenas com armas convencionais. Como prometido, paro aqui nas nossas preocupações, até porque o objetivo deste estudo não é enumerá-las, mas resolvê-las todas ou, pelo menos, limitar o seu impacto. Entretanto, a tendência evolutiva atual não prevê alterações substanciais num futuro próximo, pelo que devemos resignar-nos a esta coexistência. Quer queiramos quer não, estas situações representam a nossa dura realidade e nós fazemos parte delas, ativa ou passivamente. Cada um de nós pode escolher livremente, em qualquer altura, de que lado se encontra e comportar-se de forma coerente. Deixamos de lado o passado para nos concentrarmos no presente. Estas recordações servem para nos refrescar sobre a situação actualizada da nossa jangada, tal como a proporção do nosso planeta no sistema solar, se não no universo. Este novo contexto e este novo cenário devem ser, doravante, a nossa referência dominante. Temos também de rever as nossas posições no seio da natureza, cada vez mais modificada por acelerações descontroladas.

Agora tenho de atualizar a lista crítica. Nos primeiros lugares, reposicionaria o esgotamento dos recursos, imediatamente seguido do aquecimento global e daria espaço à nova "nova entrada". Uma única referência a uma emergência atualmente em curso, mas pelo menos exemplar para realçar a nossa fragilidade global: a epidemia de COVID-19.

Não pretendo fazer um relato cronológico, nem uma divisão de responsabilidades, mas apenas sublinhar a simplicidade, a rapidez e a globalidade no desencadear de ondas de perturbação, em primeiro lugar sanitárias, mas também com consequências económicas e sociais directas de alcance e incidência ainda maiores. Quando comecei a escrever este capítulo, era desconhecido, enquanto no início de setembro de 2020, as actualizações de todo o planeta pareciam cada vez mais um

boletim de guerra. Estamos a habituar-nos aos números de mortos e de contágios; prestamos mais atenção às curvas dos diagramas. Com o tempo, o vício substituirá a atenção, a curiosidade e a preocupação iniciais. Não se trata tanto do número de vítimas, que infelizmente existem, mas é mais preocupante do ponto de vista socioeconómico, porque nenhum especialista se atreve a indicar o fim definitivo. O mundo inteiro espera que acabe rapidamente, com ou sem vacinas, mas os rumores de vários especialistas (não desmentidos) alertam-nos para possíveis modificações genéticas, anúncio prodrómico de posteriores vagas mutantes ou reedições. E aqui paro, encerrando esta chamada sobre este problema atual que atrai toda a nossa atenção e preocupação diárias. No entanto, a realidade considera "normal" a sua adição à lista de problemas já em curso, o que significa que não foram, para esta nova entrada, reduzidos. A pandemia imprevista e inquietante mantém-nos ocupados e concentra todas as nossas atenções e preocupações que nos acompanharão mesmo após a sua conclusão.

Infelizmente, os outros problemas clássicos não foram eliminados por esta recente intrusão, nem suspensos; pelo contrário, continuam silenciosamente a sua evolução. Quando esta pandemia for completamente erradicada, eles voltarão, inexoravelmente actualizados, para retomar o seu antigo lugar nas nossas ansiedades.

Mais uma razão para encorajar, estimular a procura de iniciativas positivas que visem soluções completas, adequadas e abrangentes.

Esta será a realidade no final de 2020. E, tendo em conta a situação mundial, o que podemos fazer, pensar e planear para o futuro? Certamente, intervirei para ajudar numa emergência. As mais preocupantes, que nos afectam diretamente, são enumeradas a seguir. Não há objecções a esta situação, que exige a máxima concentração e atenção de todos os recursos. Mas, uma vez ultrapassada esta situação crítica - refiro-me à pandemia -, como tencionamos enfrentar o futuro? Esta é uma excelente pergunta. Será que se pode considerar positiva a simples recuperação de posições anteriores à sua ocorrência? Retomar o caminho anteriormente interrompido com os mesmos hábitos? E o que é que o calendário nos reserva? Mesmo que as suas preocupações tenham sido temporariamente atenuadas, a lista de problemas não foi apagada. A pandemia será, sem dúvida, erradicada, mais cedo ou mais tarde, com empenho e colaboração global. Esperemos que isso aconteça mais cedo do que tarde. Isto demonstrará que, por muito que tenha demonstrado a nossa fragilidade como indivíduos e como sociedade, a solução final será

só pode ser alcançado e mantido se todos trabalharem em conjunto para atingir os mesmos objectivos.

A sensação de alívio pela ameaça afastada não nos deve permitir regressar passivamente ao tema socioeconómico, mas sim avaliar a oportunidade de resolver todos, ou pelo menos a maioria, dos outros problemas pendentes da lista com a mesma dedicação global. Não há dúvida de que as sugestões, os esforços e os caminhos que serão apresentados estarão orientados para a resolução ou tentativa de resolução de problemas locais específicos e urgentes com recursos significativos. Sempre foi assim, e não vejo nenhum fator futuro que altere este padrão. Um número infinito de intervenções parciais locais e transitórias, de utilidade real e efémera. Pode, no entanto, ser a progressão natural, o curso e o recurso da história, que, embora imperfeita, nos acompanhou e nos trouxe até aqui.

Em vez disso, esta investigação começa com a intenção e o objetivo de resolver todos os problemas mundiais passados e presentes com uma operação imensa e conclusiva.

Este é o tema do próximo capítulo, que o leva ao coração do projeto.

Capítulo 2

OBJECTIVOS, DOGMAS, NORMAS, ESADECÁLOGO

Conduta, posições e orientações

Neste capítulo e nos dois seguintes, ficará a conhecer os componentes essenciais e a estrutura do projeto.

Para além disso, e em perfeita concordância com a abordagem e os pressupostos, este estudo propõe uma forma viável de resolução que é claramente inovadora e perturbadora, mas ainda assim exequível.

Este estudo não pretende fazer ajustes fáceis, parciais ou forçados aos sistemas atualmente em vigor, mas sim propor e prever uma transformação mundial decididamente radical.

A utilização das mesmas normas do contexto que originou o problema é ineficaz para resolver questões de longa data. Outras vias alternativas são exploradas aqui.

Mesmo que se trate apenas de uma hipótese de projeto, o seu âmbito de aplicação deve ser global e categórico ao nível do ESADECALOGUE (decálogo de 16 pontos).

Está a percorrer um itinerário que o levará à visão de um mundo figurativamente redesenhado, embora continue a ser o mesmo e único globo em que sempre estivemos. Mas o que é que muda se continua a ser o mesmo? Muito simplesmente, tudo muda.

E se eu disser tudo, antes de chegar ao fim deste capítulo, terás razões justas e consistentes para concordar comigo, pelo menos nesta afirmação.

Comecemos pelos fundamentos do assunto.

Primeiro, encontramos os objectivos, depois passamos aos direitos e responsabilidades e concluimos com o hexadécálogo.

OBJECTIVOS: Todo o estudo seria inútil se não se estabelecesse na sua base alguns objectivos muito importantes que encarnam e caracterizam as aspirações e os desejos últimos da humanidade, alguns dos quais sempre foram invocados e desejados, mas nunca alcançados.

Para compreender melhor a sua magnitude, é necessário primeiro estudá-los e depois avaliá-los. Que melhor ferramenta para os medir, quantificar e avaliar do que uma balança, um instrumento adequado tanto para pesar como para distinguir a diferença entre dois pratos aparentemente idênticos? Num dos pratos, coloco os objectivos realizáveis ou os elementos positivos, no outro, a contrapartida com os elementos indesejáveis.

Três grupos de objectivos são colocados na placa positiva. A primeira categoria é constituída por objectivos totalmente novos, que são, por conseguinte, inteiramente inéditos.

No segundo grupo, que também tem um bom impacto, são feitos esforços para acabar com os comportamentos negativos atualmente prevalentes que dificultam e impedem a realização dos próprios objectivos e que, conseqüentemente, são contrariados.

Com l'ultimo gruppo, depois de alcançada a estabilidade planetária, a importância das tarefas relacionadas com o espaço tornar-se-á uma prioridade exclusiva.

O primeiro grupo de oito objectivos visa principalmente encorajar a manutenção e o respeito dos resultados em:

1) Acompanhar e gerir de forma coordenada as delicadas transições das realidades de cada território durante as três épocas envolvidas (inicial, transformação e destino final).

2) Assegurar, pelo menos, uma existência digna a todos os habitantes do planeta.

(Todos são accionistas com direitos e responsabilidades iguais).

3) Gerir a conservação do planeta de uma forma estável, consistente e a longo prazo, centrando-se em questões e temas como o ambiente, o clima, a utilização dos recursos, etc.

4) Incentivar os indivíduos e os povos a praticarem o respeito mútuo numa variedade de contextos, incluindo contextos culturais, sociais e religiosos.

5) Disciplinar uma observação hexadecológica que codifica a interconexão dos princípios constitutivos essenciais.

6) Promover a formação, a coordenação e a concentração de todos os recursos humanos e tecnológicos em todos os domínios do desenvolvimento coerentes com as novas prioridades, promovendo sobretudo abordagens, intervenções e gestão com visões globalmente integradas.

7) Manter a sustentabilidade global a longo prazo, aumentando a ciclicidade na utilização de todos os recursos, evitando o desperdício e a utilização desnecessária.

8) Reunir todos os recursos humanos e tecnológicos necessários para formar uma única estrutura operacional sólida para enfrentar e apoiar os desafios da exploração e colonização extraterrestres.

As únicas exceções aceitáveis são as relacionadas com a execução destas iniciativas recentes.

Estes dois últimos pontos centram e orientam todos os aspectos das nossas actividades prioritárias: estabilidade e sustentabilidade em termos de existência, bem-estar, desenvolvimento, agricultura, energia, investigação, etc.

A estabilidade planetária assumirá, a partir de agora, uma prioridade básica.

No segundo grupo estão algumas iniciativas ou caminhos, ambos com resultados positivos, que visam contrariar e eliminar gradualmente:

1) Uma atenção obsessiva ao crescimento do PIB nacional.

2) a acumulação/concentração de dinheiro/riqueza não necessária para actividades pessoais/comerciais.

3) Significativa centralização do poder ou do controlo, com situações e consequências que vão da oligarquia à ditadura, mas frequentemente com o mesmo modus operandi e consequentes objectivos e resultados.

4) Governos/administrações centralizados autocráticos estabelecidos e geridos de cima para baixo

5) as consequências inevitáveis e negativas do consumismo, que são amplamente aceites e, infelizmente, cada vez mais perseguidas de forma imprudente à escala mundial.

6) a predominância de interesses nacionais ou de grupos de interesses a vários níveis, áreas ou dimensões.

7) L'eccessivo apprezzamento monetario che svaluta e diminuisce la centralità del rispetto reciproco, sia collettivo che individuale.

O último grupo, mas não menos importante, contém os objectivos mais importantes, embora não actuais, mas necessários para a nossa sobrevivência futura, para expandir a nossa presença para além do nosso planeta.

A sua lista confirma, considera e apoia todas as iniciativas arrojadas e planeadas consideradas necessárias para atingir os seus grandes objectivos. Algumas delas já estão em curso. É apenas uma questão de as completar e de assegurar o máximo apoio, disponibilizando todos os recursos considerados necessários para a sua melhor prossecução frutuosa:

- 1) Todo o conhecimento inerente.**
- 2) Investigação extraterrestre.**
- 3) Exploração, incluindo a exploração não robótica.**
- 4) Exploração dos recursos dos asteróides, etc.**
- 5) Terraformação, sempre que possível e necessário.**
- 6) Colonizações progressivas, terrestres ou em órbita.**

Mas, para já, é necessário compilar e apresentar estas listas, pelo menos como proposta indicativa, porque estes objectivos básicos são já da maior importância e sê-lo-ão cada vez mais no futuro, envolvendo-nos e comprometendo-nos completamente. Como se verá, o espaço aparece no hexadéclogo no último ponto, mas apenas porque sintetiza e converge toda a atenção anterior. Todos os pontos anteriores podem ser vistos e considerados como uma reestruturação preparatória, necessária para um suporte sólido e uma implementação resiliente.

O único aspeto que estes objectivos não podem ultrapassar é a estabilidade global.

Se o ajudar a agrupar todos estes objectivos diferentes, tentarei condensá-los num único título utilizando um acrónimo dos 5P:

O acrónimo P PPPP significa Prosperous Perennial Peaceful Planetary Permanence (Permanência Planetária Próspera, Perene e Pacífica).

I progetti e le campagne di colonizzazione spaziale possono anche fallire, ma non possiamo permetterci di rovinare, deteriorare o distruggere la vivibilità della nostra attuale base, unica nel suo genere, che finora ci ha ospitato fedelmente e ci ha sostenuto nell'evoluzione grazie alle sue delicate peculiarità. Quindi, per questo argomento, completiamo anche la conoscenza e l'apprezzamento della loro funzionalità interconnessa e naturale.

Após a definição dos objectivos, prevejo algumas reacções instintivas ou juízos como: fantasioso, infantil, óbvio, ingénuo, utópico, irrealizável, ilusório, e ainda pior.

Mas, em todo o caso, estes são os objectivos mais ambiciosos posicionados, se os quantificássemos, pesássemos e avaliássemos num prato de uma hipotética balança.

Por outro lado, que contrapesos, objecções ou resistências poderá colocar?

O principal contraste é claramente o conjunto das principais questões críticas já enumeradas acima, às quais terá acrescentado livremente as que faltam. Depois de dispor os contrapesos, em que direção se moverá o indicador da balança? Para o positivo? Para o negativo? Ou permanecerá no centro neutro? Quem quer opor-se à tendência do indicador de escala para o lado positivo?

Pessoalmente, não tenho qualquer desejo de contrariar aqui as diferentes posições contrárias. Há muito espaço e tempo, sobretudo para os críticos, para propor razões que possam contradizer os três conjuntos de objectivos. Quem responderá e com que argumentos, força e determinação? Veremos como e se o ponteiro da balança vai mudar. Não há limites de tempo. A paciência triunfa sobre tudo. Vivemos há muitos séculos, em constante evolução. Ultimamente com acelerações impressionantes, mas infelizmente também estamos a notar e a perceber que os problemas nos acompanham e estão a progredir, pelo menos, na mesma proporção.

Já os esqueceste? Não basta ler a lista para apreciar este estudo; é preciso tê-los sempre presentes, como a espada de Dâmocles que aponta para a chave certa da compreensão.

Fixe e memorize a posição da agulha na balança, depois de ter posicionado a seu gosto o que considera serem resistências. Servirá para quantificar a deslocação detectada durante a verificação no final do capítulo quatro.

Entretanto, enquanto aguardamos a oposição, continuemos com a apresentação, que neste momento consiste numa breve lista de direitos e deveres pessoais.

FUNÇÕES

É correto salientar que os direitos previstos não serão mais do que uma compilação de todos os direitos individuais já consagrados nas principais constituições em vigor. Se não estiverem já presentes, os seguintes direitos serão quase de certeza acrescentados aos melhores dos melhores, no âmbito da estrutura global.

Vota tanto para o seu VE (Votos Eleitorais) como para o CEO (Chief Executive Officer = Presidente da Câmara) em relação ao LAP (Projeto de Administração Local) do seu território.

A partir do momento em que este projeto é efetivamente considerado ou executado, cada pessoa tem o direito de manter, pelo menos, o seu nível de vida atual.

A escala do nível de vida começa num nível razoável e progride para cima, um critério que se aplica a todos os territórios.

Todas as pessoas têm direito a uma educação a todos os níveis, nomeadamente à luz e em função das necessidades locais previstas.

O hexadecálogo contém outros exemplos de novos direitos individuais e colectivos.

Outros direitos serão complementados e acrescentados apenas na medida do necessário e/ou exigido localmente, mas continuarão a ser geralmente compatíveis.

Responsabilidades

Em termos de direitos, a primeira responsabilidade de cada residente é participar e contribuir para a estabilidade e a sustentabilidade das necessidades locais, respeitando as orientações do hexadecálogo e contribuindo para a cobertura das necessidades e dos constrangimentos em matéria de emprego. As mesmas condições se aplicam à adição de outros deveres como direitos, especialmente se forem temporários e localizados.

Chegou o momento de apresentar o hexadecálogo, que constitui o coração do projeto.

Uma vez que toda a atividade e funcionamento desta NOVA TERRA MAGNÍFICA se baseia no HESADECALOGUE, um sistema integrado de dogmas e regras vinculativas de ordem e orientação, não são possíveis mudanças estruturais. Apenas uma grande maioria de consenso fundamentado pode implementar mudanças ou adições integrativas e correctivas.

Só serão possíveis adições estruturais motivadas pelo contexto do décimo sexto e último dogma. Exceto neste caso, não serão feitas alterações estruturais que possam prejudicar a estabilidade e a funcionalidade globais do sistema ou comprometer a sua eficácia. Reitero com firmeza que as únicas excepções reconhecidas como aceitáveis podem dizer respeito apenas ao último, mas não menos importante, ponto do hexadécálogo: O espaço, que é relativamente recente e está literalmente aberto a qualquer evolução.

A razão deveria ser óbvia: o objetivo primário inicial é e será sempre a estabilidade da nossa permanência planetária, mas na medida em que for alcançado, os outros objectivos globais devem expandir-se para incluir todas as actividades de expansão extraterrestre.

Só uma negligência ou um planeamento inadequado para a concretização destes objectivos mais ou menos imperiosos poderá alterar ou mesmo perturbar os objectivos iniciais de estabilidade. Caberá aos responsáveis da altura ponderar muito bem as várias opções.

Com este projeto, só podemos esperar proporcionar aos nossos próximos descendentes um planeta que seja o mais sustentável possível e que mantenha todo o seu potencial para continuar a funcionar nas melhores condições possíveis.

Tendo em conta o rumo que as coisas estão a tomar, surge também, infelizmente, uma tendência para os problemas persistirem para além das tentativas de os resolver, como é o caso do Overshoot Day; vale a pena repetir que o esquecimento ajuda a refletir.

ESADECALOQUE

O ESADECALOGUE é uma lista de novas regras que contém os pontos principais do projeto. Estes são os pilares fundamentais em relação aos quais todos os princípios orientadores e normas devem ser revistos e actualizados, principalmente nos pormenores. Isto é especialmente verdade para os primeiros cinco pontos, que servem de inspiração para o resto da lista.

O sexto ponto enumera vários componentes da estrutura, todos eles necessários para atingir e manter os objectivos principais. O conteúdo do ESADECÁLOGO deve ser considerado como uma referência única e válida para todo o planeta, sem limitações temporais. Os conteúdos do hexadécálogo activarão vários conjuntos de arquétipos para novos paradigmas, que serão redefinidos, partilhados e consolidados. Todos os procedimentos para a sua ativação,

A implementação e a gestão são especificadas e detalhadas nos dois livros seguintes que completarão a fase preparatória de todo o projeto.

Recordo que este livro fornece apenas o esboço básico inicial; para a sua implementação e pormenores relacionados, que são na sua maioria adaptados às realidades locais peculiares, como já antecipei, terão de esperar pela publicação subsequente dos outros dois livros.

Apelo mais uma vez à paciência, que, como sabem e devem concordar, triunfa sobre tudo.

Para melhor avaliar e compreender os dogmas do hexadecálogo que se segue, sugiro que refresque a sua memória reconsiderando os objectivos enunciados e bem definidos neste capítulo. Após esta recuperação, terá uma visão mais clara como alternativa em oposição aos actuais problemas críticos crescentes que motivaram a apresentação desta proposta de resolução, que é também decididamente inovadora para uma verdadeira substituição. Facilita a sua visão global como proporcionada e adequada.

Tempos desesperados requerem medidas desesperadas.

Hoje, para além da epidemia em curso, que não é certamente insignificante e que nos fará companhia durante pelo menos mais um ano, os restantes problemas e situações que não abrandaram, mas que pusemos temporariamente, mas por necessidade, de lado, reaparecerão e voltaremos a viver com eles, inelutavelmente.

Será que vamos ficar mais viciados no seu aborrecimento?

Podemos sentir-nos aliviados e mais preparados em termos de resiliência colectiva, mas isso não resolve nem elimina as criticidades regredidas.

Esta pandemia vai, sem dúvida, passar, como passou no passado, mas vai deixar a sua marca. Não é certamente reconfortante saber que, estatisticamente, esta pandemia não é tão letal como a do século passado, ou as mais recentes mas limitadas. Todo o sofrimento direto que ela provocou será recordado apenas nas estatísticas.

No entanto, já é mais um lembrete óbvio e tangível de que estamos rodeados pela natureza e que faremos sempre parte dela. Esquecemo-lo muitas vezes por estarmos tão ocupados com a nossa vida. Infelizmente, outro sinal perceptível é o da economia, com danos ainda não totalmente quantificáveis. Regressar à pré

A partir do momento em que o vírus se tornar pandêmico, levará pelo menos o dobro do tempo, se não mais. Seja como for, ver-nos-emos confrontados com uma lista alargada de problemas globais.

Não é meu hábito ou cultura pessoal ser desajeitado e referir-me a figuras históricas, mas quando é necessário, é necessário, e neste caso parece-me apropriado e adequado. Ao longo dos séculos, nunca ninguém o negou, e se eu o mudar para "HUMANIDADE SAUDÁVEL NO PLANETA SAUDÁVEL", espero que ninguém o questione agora.

Se a maioria o fizesse, seria como apagar a luz ao fundo do túnel. Até porque inverter os termos de Juvenal faz muito mais sentido.

Tal como uma mente saudável deseja, procura, requer e exige um corpo saudável, uma humanidade saudável requer um planeta igualmente habitável e saudável.

Invertendo os termos, é possível reinterpretar a forma como um planeta saudável apoia e alimenta uma humanidade saudável.

Mas não basta dizê-lo ou partilhá-lo: é preciso pô-lo em prática, implementá-lo. E quem é capaz de o fazer? E quem é capaz de o fazer? Se não o fizermos, teremos de procurar consultores marcianos?

É muito menos difícil e comprovado continuar a adiar a resolução de problemas, especialmente os maiores. Se tivéssemos a certeza de que a fatura nunca nos seria apresentada, esta seria uma solução mais do que aceitável. Ou, o que é mais provável, se simplesmente esperarmos, aumentamos as hipóteses de a batata quente ir parar às mãos de outra pessoa, de preferência o mais depressa possível.

A proposta deste estudo parte de uma longa lista de problemas estabelecidos, aborda-os de frente e aceita o desafio propondo uma solução inovadora que pode ser implementada num período de tempo relativamente aceitável.

Alguns poderão argumentar que o nosso planeta ainda não está gravemente comprometido, que tudo continua a decorrer de acordo com a natureza e que toda a gente vive melhor do que no passado.

Talvez possa concordar em parte que "toda a gente está a viver melhor", mas não no que diz respeito à sua situação futura. Atualmente, um número crescente de pessoas sente que a sua situação se está a deteriorar irremediavelmente, embora muito lentamente.

Esta sociedade em crescimento está subtilmente predisposta a abraçar os objectivos do estudo, se não os seus caminhos de solução, pelo menos as suas preocupações.

Poderá ser útil relatar alguns dos meus pensamentos pessoais; se não estiver interessado, salte as próximas duas páginas.

No capítulo anterior apenas referi problemas gerais, situações e projecções. Continuando nesta via, não considero terrorismo especular e avaliar soluções ou alternativas. Na melhor das hipóteses, trata-se de uma preocupação excessiva ou exagerada.

Nesta secção, proponho e desenvolvo o meu ponto de vista para aqueles que são ou podem vir a ser sensíveis ao assunto.

Como já foi referido, os que discordam, parcial ou totalmente, são enquadrados num posicionamento estatístico natural e contraditório.

O respeito pelo outro é essencial, mas também deve ser recíproco. Ao longo dos milénios, nunca houve uma inovação que tivesse recebido uma aprovação imediata e unânime. Se a ideia era positiva, a conversão estatística celebrou o seu sucesso mesmo após longos períodos de contraste. Mas, antes de lá chegarmos, é preciso que alguém comece a falar do assunto. Não importa se as ideias suscitam críticas ou elogios. No nosso caso, embora comentários, críticas e julgamentos sejam sempre bem-vindos, eles devem ser feitos pelo menos depois de toda a lista subsequente que representa a solução ter sido compreendida. Quando considerados e analisados individualmente, nenhum dos itens da lista faz sentido lógico completo ou compreensível. No entanto, quando combinados, os resultados e benefícios integrados delineiam um cenário muito interessante, um cenário que é inquestionavelmente conducente a uma continuação válida da nossa existência.

Gostaria de chamar a vossa atenção e compreensão para o facto de que descrever em poucas páginas como deve ser estruturado e funcionar um novo e único sistema administrativo para todo o planeta não é fácil nem simples. Seria necessário, pelo menos, várias bibliotecas inteiras.

Considerando a simplicidade, resumi o ponto focal de referência no ESADECALOG, que é apresentado nas páginas seguintes; é uma referência universal que é considerada válida para todos e mesmo para sempre.

A sua composição é imutável. A sua alteração comprometeria o objetivo de apoio de toda a estrutura.

Toda a sua lista deve ser plenamente aceite como uma proposta de solução integrada que tem bem em conta todos os problemas actuais e, sobretudo, futuros. Não devem ser esquecidas as vantagens em atingir os objectivos de estabilidade, sempre invocados e desejados, mas nunca plenamente realizados e cumpridos.

Mesmo que não vá mais longe, este estudo pode ser reconhecido como uma iniciativa positiva que visa despertar, alcançar e realizar objectivos atávicos para uma serenidade global pacífica.

Temos de assumir os desafios pendentes do passado e os mais recentes e, dos seus sofrimentos não resolvidos, retirar a motivação adequada para tentar de novo. Melhor cedo do que tarde, as estatísticas podem finalmente registar um resultado positivo. Por que não? Certamente que se ninguém tentar, tudo continuará sem melhorias apreciáveis, numa história sem fim.

Como dizia Einstein, não devemos repetir servilmente os mesmos caminhos, métodos e procedimentos, obtendo os mesmos resultados negativos, para não cairmos na insanidade.

Se Einstein estiver correto e ninguém estiver disposto a desafiá-lo, não se deve arriscar a tentar de novo, mas sim tentar de novo com algo literalmente inovador ou diferente.

Conhece alguma lei que regule e imponha limites à inovação? Não tenho conhecimento de nenhuma. Se, no nosso caso, for necessário apresentar uma nova proposta, prefiro que contenha um elevado nível de inovação do que um nível reduzido.

PENSAR GRANDE. Não basta aprender, é preciso também ter a coragem de o pôr em prática.

Recomendo a releitura dos objectivos anteriores do estudo para o ajudar a compreender o novo decálogo.

É fundamental recordar que não se trata apenas de mais uma proposta alternativa ou variante aos actuais governos ou administrações, que seria imediatamente criticada e ridicularizada de todos os ângulos, mas sim de uma proposta abrangente e inovadora

deve ser considerado como uma solução para um futuro global estável e ilimitado.

Valeria a pena lê-lo sem interrupções numa primeira fase, quanto mais não seja para promover uma visão integrada de 360 graus.

Tal como o título indica, trata-se de uma lista de 16 artigos. Por fim, eis o ESADECALOG acima mencionado.

O CATÁLOGO ESADECALOGUE

Os títulos são os seguintes:

- 1) SEM CRESCIMENTO**
- 2) MAIS QUALIDADE**
- 3) MENOR QUANTIDADE**
- 4) CONSISTÊNCIA**
- 5) RESPEITO MÚTUO**
- 6) AUTONOMIA**
- 7) ESTRUTURA ADMINISTRATIVA PIRAMIDAL**
- 8) SISTEMA GLOBAL DE INFORMAÇÃO ADMINISTRATIVA**
- 9) CONTROLO LOCAL**
- 10) FORÇAS ARMADAS**
- 11) TRABALHO**
- 12) TEMPO PARA RELAXAR**
- 13) UMA ÚNICA MOEDA**
- 14) BANCOS/MERCADOS DE ACÇÕES**
- 15) IMPORTAÇÃO/EXPORTAÇÃO**
- 16) ESPAÇO**

Segue-se uma explicação inicial dos principais motivos e objectivos de cada um dos artigos. O quarto capítulo contém explicações mais pormenorizadas.

1) SEM CRESCIMENTO

Antes de mais, este é o objetivo mais importante do projeto, bem como o que requer mais atenção.

Para um funcionamento estável e rentável, o projeto exige não só um crescimento zero, mas também um regresso à densidade populacional/km² existente em 1970 em cada território, ou seja, "apenas" há meio século. Em números redondos, isto equivale a 4 mil milhões de pessoas em vez dos actuais 8 mil milhões.

A razão para esta redução é determinada pela necessidade de assegurar a relação mais satisfatória entre a disponibilidade de todos os recursos e o número dos seus utilizadores e beneficiários para todos e especialmente para sempre.

Há muito que as Nações Unidas observam e prevêem um declínio da taxa de natalidade e não se prevê que a população total ultrapasse os 12 mil milhões num futuro próximo.

Isto significa que o problema, que já é de interesse ou preocupação global avançada, será abordado através de uma avaliação actualizada e de novas questões, tais como se é possível viver para sempre apertado nesta jangada de 12 mil milhões ou mais, ou se é possível viver lá muito mais tempo e confortavelmente para 4 mil milhões.

A dimensão da jangada não é expansível e os seus recursos são limitados. Muitos deles não são renováveis, enquanto outros são perecíveis.

É um pouco cínico, mas é a dura realidade, a lembrança de que cada ser humano liberta anualmente 45 toneladas de dióxido de carbono, uma quantidade que duplica se considerarmos também as entradas das explorações pecuárias para o alimentar, um total que é ainda ultrapassado se contarmos com todas as descargas civis/industriais relacionadas.

Para quem se sente confortável com números, este simples pormenor pode identificar uma componente significativa do aumento do efeito de estufa (9 biliões de toneladas por ano de dióxido de carbono), quando calculado sobre a atual e crescente população mundial.

O resultado de uma simples proporção pode ajudar a compreender tanto a razão como a necessidade de a população mundial regressar, e permanecer permanentemente, à dimensão anteriormente registada há 50 anos.

Quanto menos consumirmos e desperdiçarmos, mais poderemos evitar ou adiar as inevitáveis e prejudiciais consequências futuras do esgotamento. Se avaliar estas premissas de forma adequada e responsável, então poderá reconsiderar este projeto como um compêndio integrado e positivo de acções correctivas.

As iniciativas propostas por este estudo parecem, à primeira vista, medidas inaceitáveis e impraticáveis, mas, se pensarmos bem, com todo o tempo necessário, elas são literalmente proporcionais aos problemas que iremos enfrentar, ou pelo menos sofrer, num futuro comum próximo.

Nalguns casos, não há necessidade de esperar até amanhã; alguns já podiam ser tratados antes e a maioria continua a poder ser tratada agora. Quem tem tempo não o deve desperdiçar.

Há alguém que discorde? Devemos desistir e resignar-nos ao aumento real da população? É claro que estes são problemas que iremos encontrar no futuro, mas, proporcionalmente, já estamos a ver os sintomas hoje; o único período em que podemos tomar e pôr em prática iniciativas.

Esperar inerte ou ficar calado não resolve nada. Na melhor das hipóteses, atrasa e agrava irresponsavelmente as situações e as suas consequências.

Acha que me estou a repetir? Se eu insisto, significa que há uma razão válida para isso; ultrapasse-a.

O consumo anual per capita necessário para que todos possam ter uma vida, pelo menos decente, é e será sempre o fator dominante nas diferentes fórmulas.

Mesmo neste ponto, se não houver uma tendência para um consenso acordado, ou pelo menos uma inclinação para o considerar um ponto relevante, o resto do hexadéclogo e todo o estudo tornam-se incompreensíveis, obscuros e, nalguns casos, até mesmo disparatados, estranhos e ridículos.

Mas quem é que decide nestes últimos casos? As dificuldades de implementação, o árduo envolvimento global, ou simplesmente a miopia geral ou o bom senso timidamente sussurrado?

Que fórmula permitiria uma estadia mais longa e mais pacífica se estabelecêssemos e aceitássemos o objetivo de uma economia global estável? Esta investigação sugere uma solução estruturada e bem planeada. Provavelmente, sem dúvida, caminhos pioneiros, sem dúvida, mas pelo menos um estudo exaustivo para enfrentar, começar já é o primeiro passo. Esperar, procrastinar, evitar, ficar parado com as mãos nas mãos são certamente comportamentos preferíveis, desprovidos de riscos imediatos. A principal distinção, que talvez se possa identificar classificando este projeto como um "cenário maquiavélico louco", ajudará também à sua compreensão.

Com estas atitudes prevalecentes e bem documentadas, é de perguntar se alguém compreende onde reside a responsabilidade ao mais alto nível. Não sejamos míopes. Alarguemos os nossos horizontes. Estamos a ficar demasiado habituados à nossa rotina diária? Estamos a deixar-nos ir? Há alguém na ponte de comando?

Peço desculpa por estas explosões, mas quando chega a altura, chega a altura. Agora acalmo-me, mas encontrar alguns idiotas na rua não me preocupa. Encontrar demasiados, sobretudo nos sítios errados, é que me assusta.

Continuando, a questão da sobrepopulação permanece em aberto; é quase certo que convergirá, mais cedo ou mais tarde, para as direcções deste estudo.

Uma diferença é que a concretização dos outros objectivos também é aqui prevista, integrando-os em soluções socioeconómicas abrangentes, como veremos nos dogmas seguintes, em vez de os abordar separadamente e de os concretizar por arrastamento de todas as questões críticas actuais. São cenários que devem ser comparados e avaliados em profundidade, e devem ser sempre coordenados na sua totalidade.

De qualquer modo, a contração ou redução da população é uma das razões para o longo período de tempo que decorre até à execução total do projeto.

Prevê-se que sejam necessários um ou dois séculos para regressar aos níveis de densidade populacional/territorial que aumentaram nos últimos 50 anos. O único expediente planeado para o conseguir é incentivar e manter a taxa de natalidade em torno de 1,5 durante o tempo que for necessário, em todo o mundo. Há algumas nações que já há várias décadas se encontram abaixo deste índice. Assim, uma vez que se trata de um comportamento natural já existente, não deve horrorizar demasiadas pessoas bem pensantes.

Recuperando lentamente ou aproximando-se, sem traumas, desses valores, a taxa de natalidade será então função da estabilidade máxima da população residente; muito provavelmente um índice de fecundidade por mulher fértil de cerca de 2, ou ligeiramente superior, para atingir e manter um crescimento zero.

Os países que não conseguirem atingir e manter uma taxa de natalidade planeada suficiente para cumprir esta redução poderão, de qualquer forma, participar no projeto, mas com prioridades adequadas determinadas principalmente pela ausência de um nivelamento tardio com o resto do mundo. O quarto capítulo contém mais informações e explicações. Prossigamos agora com o hexadéclogo. Estamos apenas no início.

2) Mais qualidade

O que é afirmado no dogma anterior, particularmente no que diz respeito à estabilidade, não deve ser interpretado como um ambiente estático ou imóvel, mas sim como um equilíbrio perpétuo entre todos os componentes ou aspectos do planeta. Este dogma clarifica as decisões a tomar para lançar as bases da próxima evolução natural. O objetivo fundamental e primordial do projeto é ativar e aperfeiçoar as condições para que todos possam ter e melhorar o seu nível de vida, elevando-o a níveis pelo menos aceitáveis e satisfatórios, mantendo a dignidade. Assim, para além de garantir aspectos, etapas e necessidades básicas como a alimentação, a segurança, os cuidados do berço ao caixão, a garantia de emprego e de rendimentos adequados, cada indivíduo deve encontrar-se e sentir-se participante e protagonista de um ambiente propício à sua ascensão ou colocação pessoal e progressiva na pirâmide de Marlow. Estes objectivos fazem parte dos direitos de uma pessoa, mas estão também associados e imbuídos de um respeito mútuo responsável.

Aumentar e melhorar a qualidade não se limita ao domínio pessoal, mas é contínuo e aplicável a tudo o que pode ser melhorado. O aumento da qualidade ambiental é a condição fundamental para manter o planeta habitável durante o maior tempo possível. Será necessário recordar que as actuais alterações climáticas anunciam e prevêem a deterioração sistemática imparável, ou a destruição, dos nossos habitats únicos? Alguém já está a falar de ecocídio, que está à espera atrás da porta e prestes a bater.

3) Menos quantidade

Este dogma tem por objetivo evitar o desperdício de qualquer recurso terrestre. Na prática, produz-se apenas o suficiente para garantir a manutenção de stocks elevados de todos os recursos utilizados a todos os níveis da nova estrutura. Conservar todos os recursos disponíveis durante o maior tempo possível é e será uma obrigação fundamental e inevitável para cumprir e atingir os objectivos do projeto. Os resíduos são cada vez mais considerados ilegais e devem ser combatidos de forma mais agressiva como uma potencial fonte de instabilidade. Se queremos resolver problemas, façamos tudo o que estiver ao nosso alcance para não os criar. Facilitamos o planeamento, a produção e a distribuição dos bens necessários (consumo consolidado) e, em seguida, prevemos a sua reutilização adequada, também predispondo todos os territórios com uma população numericamente proporcional e estável. Esta utilização judiciosa cria as condições para a melhor conservação e reutilização a longo prazo dos recursos limitados disponíveis, maximizando a economia circular e evitando o desperdício desnecessário e um maior esbanjamento injustificado. Quando utilizados em conjunto com os dois princípios anteriores, obtêm-se os melhores resultados.

Pode ser resumido como "viver melhor com menos", o que é universalmente aceitável e aplicável a tudo e todos.

Para aumentar a disponibilidade de vários recursos e, ao mesmo tempo, proporcionar e garantir uma vida decente para todos, é necessário: desenvolver maciçamente as etapas de reciclagem e recuperação; eliminar os resíduos e concentrar-se na diminuição do nível de utilidade marginal.

Por outras palavras, utilizar apenas o necessário. Tal como fazemos com o sal. Não demasiado pouco, mas também não demasiado.

A única exceção significativa a este primeiro trio de dogmas são as exigências do décimo sexto dogma, o ESPAÇO, mas isso é outra história, em que a observância e a evolução de todas as regras e princípios geralmente válidos podem ser anuladas; o fim justifica a procura e a utilização de recursos. UBI MAIOR MINOR CESSAT, não é uma opção simples.

4) ESTABILIDADE.

Deve ser dito inequivocamente que o termo "estabilidade" não tem qualquer referência ou ligação a significados como "bloqueio da evolução" ou "inibição do crescimento", nem sequer tem uma vinculação "invocação da estaticidade global". Os endereços dos três pontos anteriores do hexadecálogo devem ser sempre lembrados. A interpretação correcta é atribuir-lhe o significado de "REGULARIDADE CONSISTENTE, SÓLIDA E PARTILHADA", nomeadamente dentro do percurso evolutivo natural. Os resultados de qualquer melhoria progressiva nunca devem ser a causa de uma contração ou enfraquecimento do nível já alcançado e estabelecido de progresso sólido e estável.

Os grandes objectivos do projeto não podem ser realizados ou sustentados sem a condição absoluta e permanente de uma estabilidade solidamente conquistada. Atingir e manter a máxima estabilidade global é um requisito incontornável para enfrentar o futuro com tranquilidade e serenidade, mesmo perante todas as suas diversas criticidades conjunturais.

É preferível progredir gradualmente, avaliando e ponderando cuidadosamente os efeitos globais, do que apressar a implementação de mudanças parciais, mesmo que ostensivamente benéficas.

Esta prerrogativa torna-se um requisito para as condições de sobrevivência e preservação estável da vida planetária. (PPPPP)

Quaisquer desvios às orientações, na medida em que se verificarem, podem constituir um sinal de alerta precoce, sugerindo e exigindo rapidamente acções correctivas adequadas a vários níveis.

Por definição, os termómetros mais fiáveis de informação e diagnóstico das tendências globais e da rigidez são os índices de estabilidade instantâneos e divulgados a nível mundial.

Não são meras repetições de dogmas anteriores.

Também estes têm a ver com volumes que excedem os níveis em que a utilidade marginal diminui, resultando em produtos supérfluos de utilidade ou necessidade decrescente, gerando assim, na sua maioria, resíduos, um comportamento que contrasta fortemente com um dos principais objectivos do projeto, que, se bem se lembram, é assegurar uma habitabilidade decente em todos os cantos desta jangada durante o maior tempo possível.

Por conseguinte, a estabilidade deve ser definida como uma resiliência adequada e condições coordenadas após actualizações, modificações e melhoramentos intencionais.

Se acrescentarmos e integrarmos o dogma seguinte, o quadro geral pode parecer mais claro e mais compreensível.

5) Respeito mútuo

Todos os residentes têm os mesmos direitos e deveres e espera-se que os utilizem e respeitem.

Todo o sistema, incluindo a estrutura, o governo local, a tecnologia da informação (dogma #9) e a população, é concebido para encorajar a aplicação, a partilha e a observância do RESPEITO RECÍPROCO em todas as suas formas e manifestações.

A sua interpretação e aplicação são muito facilitadas pelo facto de todos os habitantes da Terra observarem e partilharem o mesmo hexadécálogo ao mesmo tempo.

É uma "Conditio sine qua non" juridicamente vinculativa e necessária. Um pacto para preparar o caminho e facilitar a realização dos dogmas anteriores, bem como a compreensão dos outros. Como resultado, a sua plena utilização permite a realização e a preservação dos 5Ps (Permanência Planetária Próspera, Perene e Pacífica).

A maioria dos direitos e deveres individuais não precisa de ser reescrita a partir do zero, mas sim actualizada ou complementada para um realinhamento ascendente partilhado.

Os conceitos fundamentais foram introduzidos no início deste capítulo. Compreendo que não se trata de uma apresentação exaustiva, mas sim de uma antecipação com o único objetivo de os introduzir e orientar nesta fase. Só posso supor que serão enumerados no segundo livro e descritos em pormenor no terceiro.

Acredito na compreensão mútua para reduzir as dificuldades na conclusão da redação destas orientações, que deverão, em primeiro lugar, respeitar as regras gerais, mas tendo também em conta os costumes e culturas locais.

Estão previstos vários passos para os adequar e conformar às novas realidades, incluindo intervenções e partilhas por parte de pessoas e organizações homogéneas e consistentes que representem também todas as realidades e instâncias históricas emergentes dos territórios mas reinterpretadas à luz do novo panorama global.

6) AUTONOMIA/SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL DOS ALIMENTOS, KM0

O principal objetivo de cada território de nível, com responsabilidade relativa, é assegurar e garantir a sua própria autossuficiência KM0 mais ampla. Isto aplica-se essencialmente aos dois grandes recursos circulares, da alimentação à energia. Quando não for possível ou conveniente, deve ser procurada gradualmente em realidades adjacentes do mesmo nível territorial e depois, se necessário, em níveis superiores.

O objetivo autárquico no KM0 aplica-se principalmente aos recursos alimentares primários e básicos, como as culturas e o gado, mas também às fontes de energia, especialmente as renováveis.

Está então implícito que devemos orientar-nos, com a máxima prioridade, para o desenvolvimento de uma agricultura diversificada e autossuficiente a qualquer nível territorial, sensível aos interesses e usos locais, mas sempre coordenada com os níveis superiores da estrutura.

As vantagens são numerosas. Entre as mais importantes contam-se: uma consciência responsável do valor da própria riqueza de recursos; uma produção cuidadosa apenas do que é necessário e a contenção dos custos logísticos que são redundantes e simplesmente não são mais necessários.

Só podem ser feitos outros tipos de investimentos em todas as LA (Local Administration) e nos seus LAP (Local Administration Planning) se estes objetivos de autossuficiência já tiverem sido atingidos.

Os investimentos e as intervenções são explicitamente indicados na lista de prioridades de cada autarquia local.

Toda esta procura de autossuficiência tem como objetivo reduzir os riscos e os problemas desencadeados e causados por potenciais fomes, a todos os níveis, do local ao global, causadas por várias fontes, em várias escalas temporais e geográficas. abertura máxima da agricultura regenerativa, que substituirá gradualmente a agricultura intensiva.

Simultaneamente, a contenção dos custos e do desperdício de outros recursos, desde a produção até à distribuição, que, juntamente com a reciclagem total de resíduos ou detritos de todos os tipos, impulsionará, complementarará e concretizará a conservação global perene, melhorando também, desde o início, as qualidades ambientais naturais.

Um dos índices da estabilidade e flexibilidade consistente da resiliência local é o nível de precaução do objetivo de autossuficiência e a produção de consumo local apenas do que é necessário a cada nível territorial. Deve também garantir uma autossuficiência adequada em caso de emergências várias, minimizando a dependência de fontes externas. Quanto mais se mantiverem estes padrões, necessários à sobrevivência local, mais se reduzem as diferenças territoriais, resultando num equilíbrio de estabilidade global e num respeito mútuo natural mais facilitado.

É evidente que, se estes objectivos, que podem ser classificados como necessidades naturais, forem apreciados e valorizados em cada território, a universalidade destas intenções é reconhecida e compreendida, e ninguém pode considerar-se isento ou excluído no quotidiano.

Deveria parecer-vos claro que este dogma, quando combinado com os anteriores, também participa no aumento e consolidação da estabilidade global.

Aqui estamos e permaneceremos por muito tempo nesta jangada única, isolada e cada vez mais bem definida; se não imprimirmos esta representação crua em cada componente do projeto, particularmente no hexadéclogo, se não colocarmos cada um dos seus dogmas no seu devido lugar, arriscamo-nos a perder não só o nosso tempo presente, mas também o controlo sobre o nosso futuro.

Ambas não são conclusões de que nos possamos orgulhar.

Consequentemente, cada nível piramidal (o dogma seguinte) deve administrar-se com a maior autonomia local possível, mas mantendo intactas as prerrogativas dos níveis superiores.

O respeito e a garantia de uma autonomia de base completa beneficiam cada realidade administrativa. Ou seja, cada AL governa-se livremente dentro dos limites das suas próprias disponibilidades e atribuições, respeitando as regras reconhecidas e já aceites nos níveis superiores.

A manutenção de reservas adequadas e suficientes de todos os tipos nos níveis territoriais mais elevados para emergências será uma boa prática como precaução para garantir contra variações ou acontecimentos imprevistos. A autossuficiência local, mais do que a autonomia global, deve, portanto, ser preferida em termos de alimentos, fontes de energia e tudo o mais considerado de importância primária ou vital.

Isto não exclui a integração e o comércio com outros territórios, nem limita a circulação de mercadorias entre eles. A logística será sempre necessária, mas a tendência é para a utilizar menos globalmente e mais intensamente a nível local; ver KMO e os objectivos principais do estudo.

Este dogma contempla investimentos motivados e significativos em fontes de energia renováveis, como a eólica, a solar, o hidrogénio, a fusão e outras fontes de energia semelhantes.

O carvão, o petróleo e o gás serão os primeiros a ser eliminados. Há várias décadas que isto deveria ter sido não só óbvio, mas posto em prática, porque é da maior importância para a autossuficiência energética do planeta, seja qual for a combinação de alternativas que venha a ser concretizada.

Em termos gerais, isto completa as condições básicas, as premissas e os objectivos do projeto. Todo o resto do hexadéclogo e o resto deste livro devem aderir, observar e estar em conformidade com estes seis primeiros princípios.

7) ESTRUTURA PIRAMIDAL ADMINISTRATIVA APS

A partir deste momento, a nova estrutura integrada e necessária é considerada indispensável para uma verdadeira mudança global.

No que diz respeito à relação real entre as nações, é necessário antecipar e prever que a nova estrutura administrativa será montada a partir do zero, a um nível igual para todos, com prerrogativas iguais e um nível adequado de autonomia, e depois ascenderá estruturalmente até estar concentrada e unida na cimeira global (de baixo para cima).

Através deste projeto, a Terra é transformada numa APS única e global, mas não uma corporação, antes uma sociedade de habitantes.

Para explicar melhor a todos, e não apenas aos que se dedicam ao direito das sociedades, com esta estrutura, cada habitante torna-se automaticamente proprietário de uma ação (intransmissível) e beneficia de todos os direitos, aceitando os objectivos, as lesões e os deveres da empresa.

Em termos simples, todos seremos partes interessadas, com responsabilidades, direitos e deveres iguais, tanto em termos de aspirações como de tarefas.

Para implementar e aplicar positivamente os seis pontos anteriores, precisamos de criar novas estruturas administrativas, organizacionais e funcionais. Com esta apresentação, entramos na área estrutural do projeto. A ativação, o uso e a utilização desta estrutura administrativa única devem cumprir e aplicar-se às regras e normas globais, necessárias para a estabilidade distribuída. Tendo todo o globo como objetivo, não existe uma estrutura administrativa alternativa à baseada numa confederação de governos locais individuais com uma estrutura piramidal repetida fractalmente em cada nível, mas utilizando uma única ferramenta administrativa partilhada globalmente.

Esclareço a minha interpretação pessoal da distinção entre federação e confederação na distinção que encontrei entre ordenar e coordenar.

De acordo com a minha conceção e visão, na federação os níveis inferiores têm autoridade para gerir e aplicar o que foi decidido a partir de cima com variações limitadas, enquanto na confederação cada território é autogerido em plena autonomia e todos os níveis estruturais superiores coexistem em respeito mútuo, aceitando e respeitando as suas diferentes componentes. As direcções vindas de baixo cruzam-se, convergem e misturam-se proporcionalmente, mas mantêm a proveniência original, representando sempre e aplicando-se apenas a todas as realidades subjacentes.

A distinção pode parecer menor, mas, como já disse, não é a mesma coisa; ordenar é impor genericamente a partir de cima, enquanto coordenar é administrar e gerir os costumes e tradições locais, mas sempre dentro de regras partilhadas. Apoio firmemente este modelo confederal pessoal, com objectivos e acordos comuns implementados e personalizados a nível local.

Estou convencido de que estamos cada vez mais no caminho certo para deixarmos finalmente o passado para trás. É altura de experimentar algo novo, algo verdadeiramente inovador.

Não será isso, no mínimo, coerente com o resto do projeto? Será alguma vez possível imaginar a resolução de todos os problemas actuais, nomeadamente socioeconómicos, mantendo intactas todas as realidades actuais, incluindo as estruturas administrativas, ou pelo menos com o mesmo conjunto de abordagens, procedimentos e prerrogativas?

Perante o que está em jogo, prever as dificuldades e agir em conformidade não significa resvalar para a apreensão, mas procurar soluções bem fundamentadas e justificadas, com o único objetivo de alcançar uma tranquilidade natural e reconfortante. O planeta gira regularmente, mas o futuro, ou melhor, o nosso futuro, depende inteiramente de nós; devemos ser os seus arquitectos em todos os momentos e conjunturas. Se não o construirmos da melhor forma possível, continuaremos a viver, mas adaptando-nos passivamente ao que encontrarmos.

Na mudança maciça do projeto, espera-se que todas as actividades sejam transformadas numa nova gestão e administração dentro de uma única APS criada, governada e apoiada pelas bases através dos LAs (Governos Locais), ou seja, os actuais municípios.

Toda a estrutura assenta numa pirâmide administrativa, com níveis de controlo e de decisão gerados e comunicados de forma ascendente, começando pelo nível mais próximo da população residente.

Por AL, refiro-me a um governo municipal, mas também àqueles relacionados a níveis superiores que os agrupam, resultando em territórios cada vez maiores. Começando pelo topo, cada nível trata da distribuição dos objectivos planetários, declinando-os nos níveis inferiores, combinando-os em relação às realidades que os compõem, e representando as suas instâncias e expressões nos níveis superiores.

Acima do nível municipal, as convergências administrativas estruturais são concetual e operacionalmente virtuais, ou seja, são uma síntese e um resumo das realidades dos níveis inferiores.

A composição ou o número de níveis entre a base e o topo da estrutura pode variar em função da realidade territorial, mas tal não deve prejudicar ou comprometer a representação completa e reflectida em cada nível.

Partindo do nível mais elementar, cada território é representado e ponderado com dois valores: os votos da maioria e os dos outros, ditos minoritários, que, como o termo indica, são quantitativamente inferiores, mas representam uma orientação ou um endereço político administrativo proporcional.

Esta configuração pode ser indicativa de uma configuração de estrutura administrativa.

Os níveis administrativos incluem:

- 1) **Município**
 - 2) **Distritos municipais**
 - 3) **Províncias**
 - 4) **Grupos de Províncias**
 - 5) **Regiões**
 - 6) **Grupos de regiões**
 - 7) **Países**
- Grupos de nações (subcontinentes)**
- 9) **Os Continentes**
 - 10) **Planeta**

Os objectivos são nivelar, normalizar e melhorar a satisfação global das necessidades colectivas que emergem de baixo para cima, começando no topo da estrutura. Cada nível descendente pode indicar, propor e promover variações personalizadas dos parâmetros que são relevantes para o seu território. À medida que se desce na estrutura, chama-se a atenção para as necessidades individuais e colectivas. Aqui, os princípios da autonomia local são combinados e fundidos com os resultados emergentes da coordenação a nível superior.

Toda a estrutura é gerida a partir da base, o único nível diretamente envolvido na votação. Todos os candidatos a cargos administrativos devem ter experiência relevante para o nível de candidatura.

Os resultados das votações de base, que devem ser sempre respeitados e tidos em conta, encontrarão outras realidades de outros territórios confluentes, que podem ou devem amalgamar entre si; sintetizando assim as suas respectivas particularidades em novos parâmetros/normas, mais cedo ou mais tarde na ascensão da estrutura.

Estes novos parâmetros partilhados serão aplicados nos seus níveis inferiores e serão igualmente representados e considerados nos níveis superiores.

Aprecio a importância e a definição do nível de base porque estou convencido de que quanto mais firme for a fundação, melhor será a estabilidade dos níveis superiores do sistema, que, no seu conjunto, podem oferecer garantias funcionais sem restrições temporais.

O tema é importante e fundamental. Para já, não espero que tudo seja compreendido em poucas linhas ou páginas. Penso que é suficiente dar uma visão rápida da situação. Depois, como previsto e com a colaboração adequada, procederemos à definição completa de todos os aspectos operacionais estruturais do projeto.

Devido à concentração de todas as actividades de controlo administrativo e de verificação, esta estrutura merece atenção e consideração adequadas.

Em vez de citar quaisquer referências actuais ou históricas, vejo-a como uma nova interpretação e combinação de uma confederação socioeconómica global multifacetada.

GAIS é a sigla de GLOBAL ADMINISTRATIVE INFORMATION SYSTEM.

Muitos associam o termo "Big Brother", do livro 1984 de Orwell, a um ambiente de controlo opressivo adequado a um regime ditatorial. Mas não neste caso. Convém considerá-lo pelo que ele fará neste caso. Assim, embora o GAIS, enquanto estrutura, se posicione como um irmão mais velho, continuará a atuar como um bom irmão.

É uma palavra grande, mas descreve com exatidão todo o conjunto de software e hardware que funcionará em TODAS as administrações, desde a base piramidal da rede até ao topo. Trata-se de metas, objectivos e orientações que serão transformados em procedimentos, estruturas e fluxos de dados adequados para garantir e proteger a sua integração coordenada óptima.

Todo o projeto não poderia ser criado e concebido sem a presença e a utilização do GAIS ou de qualquer outro serviço de apoio semelhante.

Por isso, gostaria de escrever algumas notas sobre ela, tentando ilustrar todas as potencialidades decorrentes da sua plena utilização. Mais uma vez, estas são apenas considerações iniciais, portanto puramente indicativas, mas serão devidamente completadas e aperfeiçoadas, como tudo o resto, nos próximos dois livros.

Apenas um pequeno grupo de gestores altamente especializados será responsável pela criação, definição e implementação desta estrutura maciça. Será também responsável pela formação dos operadores, pelo apoio e, uma vez concluída, pelas intervenções para eventuais actualizações ou alterações. Gere, recolhe, verifica, controla e informa sobre todas as operações de registo, actos, deliberações, procedimentos e respectivas verificações de viabilidade e de adequação, se estão em conformidade com o PAL (Projeto Administrativo Local) ativo. Utilizando esta ferramenta em todo o lado, da base ao topo da pirâmide, todos os dados introduzidos e índices de processamento são actualizados em tempo real, permitindo a autogestão mais atempada, tranquila e responsável.

Toda a administração utiliza e confia no omnipresente GAIS, o único certificador e controlador global, para iniciar, orientar e dirigir os objectivos de estabilidade. (5PHF)

Esta impressionante estrutura informática irá também propor, aconselhar e inspirar as iniciativas e intervenções mais adequadas a empreender para encontrar soluções apropriadas, bem como várias opções e formas de abordar caminhos administrativos mais adequados.

O componente de software de base é constituído por vários módulos altamente integrados que proporcionam o mais elevado nível de discrição em matéria de privacidade. Funciona numa rede puramente zonal, apoiando-se em vários servidores locais em contacto com os residentes e por eles utilizados.

Acima do nível de base, a instalação é concetualmente privada e dedicada exclusivamente ao tratamento, ao acompanhamento, à auditoria e à actualização do conjunto dos horários.

Estes servidores locais servem de base à estrutura piramidal global de TI (de baixo para cima). Esta estrutura representa a verdadeira globalização, com o seu fluxo livre e transparente de dados e informações. Tal como o GAIS está para todo o sistema nervoso, as várias administrações locais estão para a espinha dorsal. As funcionalidades estão uniformemente distribuídas por toda a estrutura, aumentando a garantia de regularidade mútua. Isto deve-se ao facto de, após as novas rondas administrativas locais, os novos parâmetros de atividade e de desenvolvimento das eleições locais vencedoras do projeto serem inseridos e fixados no servidor correspondente.

O tamanho das actualizações dos parâmetros é limitado; pequenas percentagens estão sempre dentro das janelas atribuídas e activas para esse nível/território. Antes de ser apresentado aos eleitores, todo o PAL deve ser aprovado pelo GAIS, que determina

e certifica a sua viabilidade nos níveis superiores da estrutura. As propostas dos diferentes PAL serão então

rejeitados, a menos que sejam apresentados num programa exequível. Os eleitores poderão então escolher entre PALs que já foram examinados e classificados como adequados; o resultado da eleição recompensará o PAL que for mais reconhecido como adequado e aceite pelos residentes. O GAIS local, através do seu serviço capilar, garante e certifica que a administração atual seguirá o PAL proposto e escolhido durante o mandato, facilitando e facilitando assim o caminho de implementação planeado.

O programa, ou as promessas eleitorais, como se espera, só serão apresentados se passarem no teste de adequação e exequibilidade do PAL e, só nesse caso, poderão ser escolhidos pela maioria dos eleitores. A execução será confiada ao novo diretor-geral eleito e à sua equipa. A minoria é institucionalmente responsável pelo controlo e pelo cumprimento da legislação. Os GEs eleitos dispõem de todos os instrumentos para se manterem informados e, em seguida, avaliarem e julgarem o comportamento individual do seu ponto de vista. Com estes passes, cada LA em toda a estrutura tem o poder e a oportunidade de consultar a mesma ferramenta, sabendo que cada transação será verificada, revista e validada diretamente e em tempo real pelo intermediário (nível superior) de acordo com os parâmetros previamente definidos (LAP). Uma vez que o pacote de software é único e não pode ser alterado, cada LA funciona sabendo que está sujeito a um eventual e contínuo controlo cruzado. Isto aplica-se a todos, pelo que toda a estrutura piramidal é administrada num ambiente de respeito mútuo devido à presença generalizada do GAIS. Por conseguinte, o Grande GAIS, quando utilizado para estes fins, não pode ser classificado como uma estrutura tirânica ou opressiva, mas sim como um verdadeiro big brother que proporciona estabilidade e máxima transparência e que assinala o aparecimento de anomalias, desequilíbrios e dissemelhanças nos vários LA dos vários níveis de controlo.

A melhor expressão democrática ocorre quando toda a base de residentes pode manter-se exaustivamente actualizada, sem sigilo, informada em tempo real das actividades administrativas, tanto locais como de cada componente da pirâmide administrativa.

Os actos propriamente ditos devem ter uma exposição clara com possíveis gráficos, explicações mais simples e comentários com níveis progressivos de compreensibilidade para melhorar a sua legibilidade. A persistência de cada registo nas bases de dados é concetualmente eterna, mas está mais dependente da tecnologia de armazenamento em massa do momento. É

foi inicialmente concebido apenas como uma estrutura informática para as administrações territoriais. Organizámos o projeto para gerir e armazenar todas as operações administrativas, mas à medida que o projeto avançava, alargámos o seu âmbito para incluir todas as interações com os residentes. Assim, todas as transacções comerciais ou financeiras são totalmente rastreáveis.

Não é novo, mas tornou-se habitual, concordar que todas as transacções que envolvem contas correntes ou cartões de crédito já são rastreadas; entretanto, as transacções em numerário já são limitadas de várias formas e serão ainda mais contrariadas.

Como se pode ver, tudo isto já é atual e, num futuro próximo, haverá contínuas limitações e contrastes na utilização e circulação do numerário, sobretudo para grandes quantias. Se esta tendência se mantiver, os legisladores preocupar-se-ão cada vez mais com a circulação, a utilização e a posse de numerário. Dentro de 100 ou 200 anos, no máximo, será progressivamente um método de pagamento obsoleto, esporádico e invulgar.

Campanhas e promoções maciças, tais como cashless ou cashback, pagamentos electrónicos, cartões, códigos QR e similares, serão gradualmente implementadas. Além disso, estamos a proceder à retirada de circulação e, conseqüentemente, à utilização de papel-moeda de grande valor facial, ou com restrições às transacções que excedam um determinado montante em dinheiro. limitações que já estão em vigor e que se manterão até que o objetivo seja alcançado Será que tudo será eventualmente e apenas rastreável? A resposta parece ser óbvia, sendo a única incerteza a variável "quando".

É apenas uma questão de tempo até que o rastreio e a transparência que lhe está associada sejam propostos, impostos e, finalmente, aceites e utilizados como a única forma de pagamento.

Tendo em conta os condicionalismos actuais, a tesouraria será bloqueada muito antes da execução prevista ou esperada do projeto, que levará vários séculos a concluir.

Esta tendência é registada no presente estudo, que convergirá no futuro à medida que a implementação for avançando.

No prazo previsto no estudo, em termos de gerações, todos os habitantes estarão devidamente "bancaizados", mas junto da administração local, onde todos os serviços são prestados a taxas 0,00 sem custos. Cada transação, na mesma e única moeda, realiza-se entre um cedente e um recetor, actualizando em tempo real as suas disponibilidades e acompanhando discretamente através de

o código QR emergente, os smartphones, os pagamentos digitais, a proximidade, etc., depois de passar os controlos formais. Com base nos méritos adquiridos e no empenhamento demonstrado, a administração local manterá a disponibilidade das despesas para cada residente.

Não me canso de recordar que todo o projeto visa e é condicionado pelos objectivos combinados dos 5P (Prosperous Perennial Peaceful Planetary Permanence), e que todos os pormenores individuais do sistema devem ser interpretados a partir desta perspetiva.

A avaliação dos méritos que podem ser obtidos é também função dos objectivos e dos índices locais: estabilidade autónoma, cobertura dos serviços, oferta de serviços, gestão dos recursos, etc.

Para dosear, regular e distribuir as disponibilidades individuais de despesas, cada administração local utiliza uma tabela personalizada, variando o tipo de CCNL (contrato coletivo de trabalho nacional), não só partindo da base mínima, mas também propondo vários níveis, globalmente alargados a todos os residentes, para cada tipo de emprego. O GAIS gere tudo com total transparência, utilizando parametrizações locais.

Se uma transação ainda for rastreável no GAIS, significa que foi primeiro verificada formalmente e depois processada corretamente.

Pode dar-me alguns exemplos dos diferentes tipos de controlos?

A-Identificar as partes envolvidas, bem como a disponibilidade efectiva dos valores que mudam de proprietário, e fornecer uma descrição pormenorizada da transação. Informações mais pormenorizadas estarão disponíveis no segundo ou terceiro livro. Para já, basta referir que este primeiro passo já limita, rejeita e impede tentativas de fraude, burla ou quaisquer operações ilegais e, portanto, não autorizadas. No entanto, isto não implica automaticamente que todas as actividades registadas sejam completamente legais. Entretanto, a presença de operações anómalas ou irregulares sob diversas formas pode desencadear relatórios adequados que proponham investigações, verificações e controlos adicionais. Além disso, a transparência e a consulta completas na estrutura informática de cada ato puramente administrativo melhoram a confiança mútua, a garantia, a fiabilidade e a fiabilidade com o resto da estrutura.

9) LA-Administração local

Como já foi referido, a administração global é representada por uma Sociedade de Habitantes (SfI). Assim, ao nível territorial mais fundamental, encontramos os CEOs (Managing Directors), que são atualmente os presidentes de câmara, burgomestres, etc. Incluem também pessoas como os vereadores e os conselheiros municipais.

Os GE representam uma inovação integradora necessária (Grandes Eleitores).

Todas as autarquias locais existem para garantir que todos os residentes beneficiem e satisfaçam as suas necessidades básicas, e não só.

Uma vez cumprida esta obrigação inicial, podem concentrar-se na satisfação das necessidades secundárias, tanto pessoais como colectivas.

Socialmente ativa e inspirada por um espírito de mutualidade mais amplo, a AL de base utiliza toda a autonomia administrativa decorrente dos resultados das eleições autárquicas, de acordo com o hexadecálogo.

Transparência

Como já foi antecipado, o GAIS assiste e gere cada fase da atividade ou medida administrativa, assegurando a máxima transparência não só para os residentes ou territórios vizinhos, mas especialmente para os GE (Grandes Eleitores), tanto a nível local como superior. A máxima transparência estende-se não só ao trabalho dos administradores, mas também ao comportamento histórico de todos os GEs em todas as consultas.

As tentativas de dissimulação, mistificação, batota e engano são desencorajadas e desmanteladas face a esta transparência generalizada.

Torna-se uma "espada de Dâmocles" constante para os administradores que se sentem tentados a abusar da sua posição/autoridade. Ao mesmo tempo, fornece aos habitantes um instrumento fiável para avaliar o trabalho e determinar a validade tanto dos resultados obtidos como do desempenho e da fiabilidade das pessoas eleitas. Com este estudo, podemos alcançar uma transparência total, que sempre foi invocada, procurada e, em muitos casos, prometida, mas que nunca foi concretizada na prática.

Os directores executivos e os amigos são naturalmente escolhidos.

Os candidatos a vários cargos administrativos, em especial os directores executivos, devem reunir as qualificações necessárias. Para além dos seus direitos civis, devem possuir qualificações para o cargo e o nível de responsabilidade a que se candidatam, bem como experiência adequada e comprovada. Existem qualificações primárias e especializadas. O primário ou básico, que é exigido para cada AL, trata da administração básica, enquanto o especializado, que é opcional, trata de sectores específicos que caracterizam a atividade do território. Ambos os títulos são emitidos ao mais alto nível e são acompanhados de um período de formação prática. São ministrados cursos complementares para as tarefas que se situam acima do nível de base da estrutura. A progressividade é uma consequência natural, necessária para garantir a estabilidade global em cada nível. Estes direitos aplicam-se a todos os níveis e cargos da organização.

Não basta obter um consenso popular através de eleições. A representação é uma coisa; a administração é outra, especialmente em termos de qualidade e garantia de resultados.

Representação

Apenas a base da AL está envolvida nas eleições, a partir da qual todas as representações e coordenações começam e progridem até ao topo (confluência de baixo para cima).

Em todos os níveis superiores, cada realidade das AL é representada pela sua quota-parte de todas as suas realidades (residentes, produtividade, índices).

Cada camada administrativa é estabelecida e composta com base na presença de representantes e nos valores relativos dos GLs que a compõem.

Cada AL designará pelo menos dois representantes, um da maioria e outro da minoria ou da oposição, com o peso dos seus votos, o consenso. Antes de ser votado, cada ato administrativo deve ser considerado e avaliado por todas as AL inferiores. Por conseguinte, os "representantes" desempenham uma função semelhante à dos embaixadores.

Note-se que apenas estão previstas reuniões virtuais, com exclusões parciais ao nível mais básico; assim, cada um permanecerá no seu próprio território. Como resultado, cada nível acima do nível de base reporta e representa sempre todos os valores das suas realidades de nível inferior. Cada nível actua como um simples centro de coordenação, harmonizando, equilibrando e reduzindo

as diferenças entre os níveis inferiores, elevando a qualidade onde ela aparece ou se revela deficiente.

O objetivo é o mesmo e segue o caminho piramidal até ao topo. Cada nível territorial deve primeiro intervir administrativamente para elevar os índices dos territórios que o constituem, comparando-os e nivelando-os com os territórios do mesmo nível, eventualmente amalgamando e unificando os valores, e encurtando as distâncias entre eles.

Vale a pena rever os primeiros seis dogmas.

A autoridade local é responsável direta e incondicionalmente pelas expectativas e necessidades de todos os residentes.

Cada nível de AL é igualmente responsável pelo planeamento das necessidades de emprego, bem como pela aplicação e cumprimento do PAL. Consequentemente, tem de lidar com o planeamento da oferta e da procura, começando pela educação, depois pela formação profissional e, finalmente, pelo emprego ou pela redistribuição. Tanto a estabilidade como o desenvolvimento dependem deste serviço vital.

Cada nível acima do nível de base intervirá e operará com a análise "BOM e RUIM", ou seja, elaborando quadros de comparação onde os melhores dados, factores e índices são destacados (em cima) e os piores são destacados (em baixo) (em baixo). Deste modo, as intervenções serão facilitadas e terão como objetivo reduzir o fosso em relação aos mais atrasados, utilizando recursos comuns.

Começando pela base, cada nível territorial deve quantificar os horários de trabalho para garantir a cobertura e o funcionamento dos serviços essenciais.

Cada AL é o responsável direto pelo planeamento da evolução das actividades no seu território. O principal objetivo da AL é garantir que todos os residentes recebam o nível mínimo "do berço ao túmulo", pelo que deve garantir recursos para serviços básicos (saúde, educação, serviços sociais, culturais e recreativos) o mais próximo possível dos residentes, integrando-os com os níveis superiores da AL (KM0).

Os recursos monetários (dogma #13) circulam primeiro através do pleno emprego e do rendimento mínimo (disponibilidade de gastos), distribuindo as horas pelos desempregados em actividades no seu território, intervindo, se necessário, com contribuições que complementam o rendimento mínimo local, para o qual deve fornecer o número de horas de trabalho para ocupações em todo o

Durante o período de vigência da administração, e depois intervindo para promover a orientação para profissões especializadas através de escolas, cursos, estágios e aprendizagens (PAL).

Uma vez satisfeitos, estabilizados e assegurados os níveis de necessidades básicas, o AL intervirá para abrir e desenvolver actividades ou serviços que complementem os índices de qualidade de vida. Estas mudanças são possíveis com o avanço das tecnologias de informação, telemática e robótica, reduzindo o número de horas de trabalho necessárias para manter os níveis de produção anteriores.

Nesta altura, os tempos livres tornar-se-ão mais disponíveis. Com a estabilidade como objetivo principal, à medida que a quantidade de trabalho diminui, o mesmo acontece com as horas de trabalho.

Eleições para cargos administrativos

Pretendo apresentar alguns detalhes sobre as rondas administrativas locais porque serão as únicas e, na maioria dos casos, aplicáveis globalmente, necessitando de uma base mais homogénea para toda a estrutura administrativa superior.

Penso que as regras são simples, compreensíveis e garantem uma ampla apreciação das intenções de todos os residentes, um tratamento uniforme, globalmente igual, para assegurar e consolidar a base do respeito mútuo.

O espírito democrático concentra-se e exprime-se sobretudo através de eleições, que começam com as eleições legislativas e culminam com a seleção do PAL, que se torna vinculativo a nível local e influencia o ajustamento dos parâmetros das rondas administrativas subsequentes.

A eleição para renovar o governo local (a única eleição em que os cidadãos participam) começa três meses antes do termo do anterior.

Nessa altura, a administração local cessante publica oficialmente os dados do período anterior, os índices no início da ronda, os actuais, com comentários, concluindo com o relatório final.

Ao mesmo tempo, são divulgadas as listas dos candidatos ao GE.

A população votante selecciona os GE (Grandes Eleitores) dois meses antes da verdadeira eleição.

Um exemplo prático com 10 000 eleitores poderia ter estes dois limites extremos: o candidato não deve receber mais de 100 preferências nem menos de 10. Aqueles que não atingirem o nível mínimo podem distribuí-las por outros, desde que não ultrapassem o limite máximo.

As eleições gerais serão amplamente consultadas através de sondagens aprofundadas, que não só indicarão as preferências sobre o assunto em questão, como também permitirão uma compreensão mais pormenorizada das tendências ou orientações de base.

Por conseguinte, o órgão eleitoral só se ocupa de duas eleições: GE e LA.

Plano Administrativo Local (PAL)

Cada coligação candidata no seu território deve apresentar um Plano de Administração Local (PAL) baseado nos últimos dados oficiais da administração apresentados publicamente no final do seu mandato. O PAL deve apresentar e especificar os objectivos finais realizáveis para o próximo período administrativo, com variações, remodelações, actualizações dos valores percentuais, dos índices de receitas e despesas e da qualidade das actividades, tudo isto com um calendário anual de progresso.

Para ser admitido nas eleições, cada PAL deve passar primeiro pela verificação do seu conteúdo e dos seus objectivos, nomeadamente numéricos, por parte do enquadramento.

Recordo que a largura das janelas de parâmetros de cada nível estrutural superior é o compêndio e a expressão resultante dos seus níveis inferiores.

O PAL deve também incluir os nomes e as funções dos seus constituintes (só são admitidos os nomes presentes na lista de candidatos ao GE, mesmo que não tenham sido eleitos para essa responsabilidade).

O LAP da coligação vencedora é aceite pela Câmara Municipal e torna-se o LAP executivo operacional da nova ronda eleitoral.

Consequentemente, a coligação vencedora é responsável pela execução do seu PAL, tal como especificado no GAIS, enquanto as outras coligações (minoritárias) se tornam automaticamente responsáveis tanto pela observância como pela verificação e controlo da execução do PAL, sempre assistidas e apoiadas pelo omnipresente GAIS.

Quaisquer alterações ao PAL podem ser efectuadas com o consentimento maioritário de todo o Conselho Local e dos GE e, em casos extremos, também pelo nível administrativo superior, dependendo e devido a forças maiores imprevisíveis.

O Grande Eleitor (GE) é reconhecido como um representante do bairro, da atividade, etc. É um indivíduo responsável que trabalha em regime de voluntariado (sem remuneração) e deve ter uma "licença" mínima para as actividades administrativas.

A lista de cada coligação só pode incluir pessoas extraídas da lista mais recente de candidatos do GE.

Aprovação administrativa

Durante pelo menos os dois primeiros anos, todos os administradores são titulares permanentes. Depois disso, a revisão (realização de objectivos, etc...) é activada e implementada através do voto dos GEs eleitos localmente. O objetivo desta revisão é confirmar ou atualizar, através de uma votação por maioria simples, o mandato da administração local, alargando-o de um mínimo de um para um máximo de quatro anos.

Posse territorial

Todas as AL adquirem a propriedade exclusiva de todos os recursos, terrenos e edifícios.

Uma vez que cada AL representa a Sociedade dos Habitantes (SfI) a nível local, cada residente é também proprietário (proporcionalmente) de todas as acções. Assim, todos os recursos locais, geridos pelos serviços territoriais, são confiados aos habitantes através de licenças de utilização. Quem for o atual proprietário ou utilizador recebe automaticamente e sem custos a licença de utilização correspondente, para uso pessoal, intransmissível, exceto em caso de herança. Todas as licenças são negociáveis apenas com o AL, nunca entre particulares. Os edifícios e os terrenos (residenciais, agrícolas, industriais, etc.) são licenciados para actividades dos residentes de acordo com os objectivos dos planos do AL. Qualquer despesa de beneficiação de um edifício é considerada um investimento e é, portanto, suportada pela administração. Qualquer licença pode ser activada, geralmente de forma gratuita ou por mérito, pela administração em exercício, tendo em conta as disponibilidades locais, enquanto

a revogação requer o voto de, pelo menos, o CL (Conselho Local) e, em casos relevantes, também o dos GEs. # Organizações políticas.

Uma vez que toda a estrutura administrativa é regida por um conjunto de regras, normas e regulamentos que não podem ser alterados nem anulados, os partidos políticos desempenham um papel cada vez mais marginal na escolha de novos objectivos e abordagens, ao mesmo tempo que assumirão cada vez mais o papel de correntes e movimentos de opinião para intervenções e medidas locais.

Em termos de estabilidade, podem propor e intervir em pequenas mudanças locais, de preferência progressivas. Estas adaptações, de âmbito local e requintado, que podem depois desencadear ajustamentos a níveis superiores, só serão possíveis com a máxima aceitação por parte dos residentes, dos CL, dos GE, por uma larga maioria, e dentro dos parâmetros do nível administrativo superior e sem procurar um impacto importante na LAP existente. Neste último caso, o instrumento apropriado e adequado é o PAL, proposto em cada renovação dos gabinetes administrativos.

Mantêm-se válidas as considerações precedentes e a tónica na necessidade de prosseguir e assegurar universalmente a estabilidade, permitindo simultaneamente o exercício e a utilização da autonomia e, simultaneamente, melhorando e reforçando sempre o respeito mútuo a todos os níveis.

10) FORÇAS ARMADAS

Se o projeto fosse implementado, as forças armadas não estariam presentes porque são ineficazes; portanto, são recursos ineficazes, desperdiçados porque não há mais razões ou justificações para a sua presença. Não há territórios para conquistar ou defender.

Recordo que um dos principais objetivos do projeto é alcançar e conservar a estabilidade social/económica global, imbuída e saturada de respeito mútuo.

A impotência militar global é considerada a melhor e única proteção e garantia universal para alcançar e preservar este objetivo ambicioso e exigente.

Ao alcançar um tal cenário de paz, as motivações que no passado desencadearam todas as tensões e conflitos, termicamente diferentes, quentes, frios ou mornos, acabarão por desaparecer para sempre.

Rever rapidamente o historial conhecido.

As conquistas, invasões e ocupações militares ocorreram sempre pelas seguintes razões: espaço vital para o seu povo, territórios ricos, apropriação de recursos, retaliação por reparações anteriores ou tentativas de vingança. Como resultado, os reequilíbrios correspondentes foram sempre e inevitavelmente despoletados: libertação, recuperação da independência e, muitas vezes, também retaliação.

Há que concordar que, no extremo, era quase sempre a mesma música, com refrões executados AD LIBITUM.

Se cada um dos lados de um conflito hipotético tivesse detectado condições de vida idênticas, tanto as suas como as do seu adversário, ou contasse com recursos ou forças escassos para lançar e sustentar uma guerra a longo prazo, os livros de história da guerra seriam provavelmente muito mais escassos em bibliotecas mais vazias.

A presença de forças já não necessárias e as despesas militares, mesmo que apenas para se defenderem, só seriam parcialmente justificadas pela presença de uma hipotética próxima ameaça de invasão.

No entanto, se o mundo inteiro fosse administrado com transparência, com informações e controlos cruzados sobre as fontes e a reutilização de

todos os recursos (humanos, energéticos, matérias-primas, etc.), especialmente na base da estrutura administrativa, faltariam em toda a parte as condições necessárias para formar secretamente uma força armada suficiente e preocupante.

Então, se, com uma réstia de bom senso responsável, é considerado por todos como inútil, porquê insistir e gastar recursos na sua existência?

Os acordos SALT foram os precursores desta operação.

Apesar do seu âmbito limitado, demonstraram que não se trata de um tabu, mas de um comportamento prudente e razoável partilhado por todos.

Trata-se de retomar a inspiração e os objectivos da operação, ampliando-os de forma plena e abrangente, sem qualquer possibilidade de recuo ou de recuo.

A desmilitarização completa é uma operação muito delicada e complexa, porque implica a manutenção cautelosa e limitada de um rácio de forças que desencoraja qualquer forma de utilização até à sua implementação completa e bem sucedida.

Tentemos definir os territórios que poderão, no futuro, juntar-se ao projeto: grupo A (os bons), grupo B (os maus). Passo a explicar porquê: Uma vez atingidos 50% dos participantes (A), pode iniciar-se a fase de desmilitarização, com um rácio de paridade que diminuirá gradualmente na medida em que os que ainda estão no grupo B se juntarão lentamente ao grupo A.

Estamos a falar e a contar com uma despesa militar anual global que ultrapassou recentemente os 2.000 biliões de dólares.

Estes valores poderiam ser reciclados e utilizados no processo direto de reindustrialização previsto neste estudo (robótica, fontes de energia renováveis) da mesma forma que se procede à desmilitarização, pois já não há necessidade de investir na manutenção de um aparelho mundial tão inútil, mas ainda existente. Muito mais do que os 2 triliões de dólares reciclados serão necessários para este fim. Um investimento planetário verdadeiramente gigantesco que exigirá e comprometerá todos os recursos, tanto de investigação como industriais, mas tudo será bem justificado pelos resultados perenes que poderão ser alcançados.

Estas novas linhas de produção podem ser utilizadas para criar e desenvolver ferramentas para a produção de fontes de energia renováveis, limpas e económicas.

Assim, com exceção do enorme investimento inicial, a energia limpa é significativamente gratuita, está disponível em todo o lado e sempre, sem desperdiçar e destruir matérias-primas cada vez mais valiosas.

O atual aparelho industrial militar presta-se perfeitamente a ser transformado em indústrias robóticas, e é ainda mais adequado às actividades espaciais.

Estes novos recursos e produções servirão de pivô em torno do qual se construirá a autonomia territorial do projeto.

Esta fase explica outra razão para o longo período previsto até ao lançamento bem sucedido do projeto.

Defesa civil

Cada AL deve dispor de um serviço de proteção civil desde o início da fase de MORFING.

Isto inclui e envolve todos os tipos de recursos, tanto materiais como imateriais, que a população residente ativa pode expressar.

Esta é a única estrutura com a responsabilidade exclusiva de assegurar o funcionamento de uma vasta gama de serviços que respondem a todas as necessidades locais, especialmente em situações de emergência, activando os planos integrados de intervenção pré-determinados para cada possível criticidade local.

Todos os habitantes estão organizados numa estrutura única à disposição do governo local, devidamente instruídos e, se necessário, formados, e são responsáveis por intervir pronta e diretamente em todas as intervenções necessárias ou exigidas que afectem, salvaguardem e valorizem o ambiente, todas as realidades e recursos locais. Um serviço que o ajuda a pôr em prática os dogmas 2, 4 e 6.

Não só isso, mas em cada LA, este serviço alargado e coerente deve tratar de todos os aspectos práticos que podem causar emergências e, por conseguinte, tratar de tudo, desde a prevenção até à manutenção e, se necessário, intervenções e subsequente restauração. Toda a responsabilidade é e continuará a ser local. Não há razão para a procurar noutro lugar.

Em primeiro lugar, as ineficiências e os fracassos são diretamente imputáveis à LA em exercício, seguida da sua

A equipa administrativa, mas não dispensa toda a estrutura local, a minoria, a GE ou os residentes. Como se vê no 13º dogma, todas as AL do planeta dispõem de recursos suficientes, se não mesmo abundantes, para organizar, melhorar e manter eficazmente esta proteção.

Além disso, cada instalação local deve dispor de secções de resposta a emergências adequadas para satisfazer as necessidades e os pedidos de outros territórios, nomeadamente os vizinhos.

Os administradores e técnicos locais devem ser os principais envolvidos na prevenção, gestão e resolução de problemas ou emergências, com total responsabilidade e autonomia adequada.

Mesmo nesta altura, dependendo da gravidade da emergência, espera-se a intervenção de níveis superiores da estrutura.

Se todos os territórios forem capazes de evitar direta e prontamente o aparecimento de qualquer problema, desenvolve-se e consolida-se um tipo de defesa geral positiva de anticorpos locais.

A colaboração, nomeadamente a nível territorial, e o respeito mútuo criam uma cola social que gera, desenvolve e consolida uma resiliência natural eficaz.

Cada território deve enfrentar diretamente qualquer criticidade local utilizando todos os recursos humanos disponíveis. Esta não é apenas uma obrigação moral prevista e contemplada no quinto e quarto dogmas, mas a participação individual é contemplada como um dos deveres universalmente exigidos aos residentes, o que reforça os comportamentos e hábitos, bem como a cultura local estável.

11) ACTIVIDADE PARA A FLEXIBILIDADE NO TRABALHO

Voltando aos primeiros princípios do Hexadécálogo, é evidente que toda a gestão da Terra será mantida separada das actividades espaciais. Quando necessário e exigido, o conjunto da esfera produtiva será então diretamente envolvido. Isto deve favorecer, o mais rapidamente possível, uma orientação de transformação que melhore a qualidade em detrimento da quantidade, produzindo apenas o necessário; o supérfluo, como a própria palavra diz, é supérfluo, inútil. É preciso introduzir no imprinting geracional a importância de eliminar todas as formas de desperdício, todas as formas de esbanjamento e, por último, mas não menos importante, a máxima reutilização genérica.

Obviamente, todas as actividades espaciais, como a exploração e a construção de colonatos, recebem a maior atenção e assistência de toda a estrutura terrestre.

Com o avanço tecnológico, surgirão novos cenários.

A mecanização, ou melhor, a robotização, combinada com a integração da teleinformática, reduzirá cada vez mais a necessidade da presença de pessoas, melhorando simultaneamente a qualidade dos produtos e dos serviços.

Um dos principais objectivos do projeto é garantir a todos um nível de vida digno. certeza absoluta na atribuição e redistribuição de emprego suficiente para todos. Aceitando e respeitando as diferentes situações, a solução consiste em redistribuir localmente por todos os recursos humanos locais a totalidade das horas necessárias à estabilidade.

Isto clarifica e defende tanto os direitos como as responsabilidades pessoais. O equilíbrio entre o cumprimento e a observância dos deveres e o exercício dos direitos será um indicador da estabilidade global de cada AL.

As responsabilidades primárias serão assegurar a autonomia ou, se necessário, a autossuficiência. Na medida em que estes objectivos primários forem atingidos e sustentados, a atenção dos GLs deslocar-se-á gradualmente para todas as iniciativas locais de importância secundária.

Paralelamente, os direitos, nomeadamente os económicos, serão medidos nessa perspetiva, tendo sempre em conta e recompensando o empenho pessoal. A principal responsabilidade da AL é planejar, incentivar e apoiar a melhor utilização de todos os recursos, humanos e outros. A remuneração atual é considerada e mantida no novo sistema de remuneração. A disponibilidade individual será sempre diferente, mas partindo de um nível de base relativo à obtenção de um nível de vida decente, adequado a cada território individual. Quando o projeto puder entrar em funcionamento, tanto a tecnologia digital como a evolução robótica terão conseguido e continuarão a conseguir a transformação do trabalho manual tradicional numa função de pura supervisão e controlo.

Tendo em conta o dogma da estabilidade, o resultado é uma redução do número de horas necessárias e utilizadas para atingir e manter o mesmo resultado global. As LA gerem e garantem o máximo emprego.

A mesma LG garante a disponibilidade de despesas mensais (salários, vencimentos, transferências de compensação) para todos os residentes, começando com um nível de dignidade adequado e válido para cada território e aumentando com base na qualidade e quantidade da tarefa escolhida ou atribuída.

Como seria de esperar, não se trata de "salário", mas de "disponibilidade de despesas".

A delicada fase de revisão dos custos, das taxas e das várias listas de preços, com base na qual serão reformados os montantes da remuneração mínima mensal, é uma consequência direta deste facto.

A "disponibilidade mínima de despesas" para manter um nível de vida decente a nível local é o único montante de referência válido para cada território. A partir daí, o montante pode ser aumentado ou complementado para proporcionar um nível de vida muito mais elevado, sendo a única limitação o fundo "A" (Dogma #13) ou a disponibilidade orçamental das empresas locais. Esta variação nas quantias de dinheiro que podem ser gastas garante que há muitas formas diferentes de gastar dinheiro, incluindo em luxo e superluxo. O mais importante é seguir os dogmas 2 e 3.

12) ACTIVIDADES DE LAZER: FAMILIARES, CULTURAIS, DE ESTUDO, RECREATIVAS

De acordo com o primeiro dogma, a redução do tempo de trabalho provocada pela integração da telerobótica não corresponde a uma alteração da remuneração, mas sim a um aumento do tempo livre. Uma consequência direta é a redistribuição do tempo, tanto a nível individual como no seio do núcleo familiar, a vários níveis colectivos e, finalmente, se não também, a nível planetário. A sua reclassificação radical e a sua aplicação criativa ajudam e favorecem o reequilíbrio do tempo, há muito esperado e benéfico. A quem responderemos se defendermos os cinco primeiros dogmas, assegurando ao mesmo tempo uma continuidade existencial estável?

Com exceção do ajustamento do nível mínimo, todas as despesas disponíveis, quer pessoais quer do núcleo familiar, permanecem substancialmente inalteradas.

A disponibilidade mensal continua a ser, pelo menos, a mesma, mas é suficiente para utilização durante longos períodos de tempo livre.

Cada habitante pode utilizá-lo para gerir as diferentes actividades na sua própria AL, mantendo índices adequados de estabilidade, nível de caixas ABC (dogma nº 13), crescimento zero, autarquia, etc. A variedade e a amplitude das actividades locais proporcionam oportunidades adicionais de emprego direto ou induzido. O conceito e o domínio do trabalho foram desenvolvidos. A contração trabalho-férias e a interpretação mútua são intercambiáveis com o trabalho-férias. Quando há muito tempo livre, é natural que se tire partido dele, utilizando-o e preenchendo-o, pelo que haverá mais oportunidades de desenvolvimento ou reforço dos serviços/emprego. O sector do lazer crescerá em detrimento das profissões tradicionais se o dogma anterior se concretizar, beneficiando o indivíduo, a família, as actividades culturais, artísticas, de passatempo, desportivas, recreativas, lúdicas, turísticas, ou as suas diversas novas combinações, ao critério e prazer do indivíduo, da família, culturais, artísticas, de passatempo, desportivas, recreativas, lúdicas, turísticas, ou as suas diversas novas configurações. Tudo é possível, mas apenas se se seguir integralmente o hexadecálogo e a sua metamorfose (terceiro capítulo).

13) Circulação de moeda com uma moeda única

Este é o ponto mais chocante de todo o projeto. Leia-o com atenção; compreendê-lo é essencial para rever e reavaliar toda a proposta.

Dado o envolvimento global do projeto, é necessário normalizar, quantificar, vincular e regular os valores, a começar pelos monetários. Passemos agora à chamada moeda, seguindo uma lição de história muito concisa.

Começamos com a troca direta, depois passamos para a cunhagem de várias moedas em vários metais e, finalmente, para valores representados em papel, escritos e/ou impressos, títulos reais ou, mais recentemente, cada vez mais virtuais. No século passado, convencionou-se fundir-se no PADRÃO-OURO, depois aperfeiçoá-lo no PADRÃO-OURO DE CÂMBIO e, atualmente, utiliza-se globalmente o mercado dinâmico das taxas de câmbio flexíveis, mantendo-se o dólar apenas para as cotações das matérias-primas (petróleo, ouro, prata, cobre, etc.).

A cada passo, o evento incentiva a atualização das relações de valor das grandes nações, tanto económicas como militares.

No entanto, estas realidades históricas já não são previstas no projeto; em vez disso, a concorrência é transformada, estabelecendo a estabilidade como base e preferindo a uniformidade à concorrência oposta.

Não esqueçamos que este será um processo moroso. Uma transformação completa demorará um a dois séculos. As ideias serão convertidas numa nova arquitetura cultural, uma metamorfose proporcional à dimensão do projeto. Será difícil assimilar, digerir e aceitar esta nova ordem de ideias, mas, a longo prazo, numa reflexão serena, cada vez mais mentes, e não apenas as sábias, convergirão para este próximo horizonte.

A estrutura administrativa mundial está concebida, ou melhor, redesenhada no ponto 7 do hexadéclogo, pelo que não há necessidade nem oportunidade de utilizar várias moedas ao mesmo tempo, uma por nação.

Se for acordado que vamos funcionar sob uma estrutura administrativa única, o passo mais lógico indica que, paralelamente, será conveniente e prático utilizar uma moeda única. E esta implicação é evidente. A proposta de

A utilização de uma moeda única mundial não é a única inovação neste domínio.

O fator mais importante, para além da singularidade, que parece ser desconcertante e desorientador para todos os envolvidos, é a quantidade de moeda em circulação. Como já foi referido no anterior breve excurso telegráfico, a quantidade de moeda atualmente em circulação é mutuamente aceite e regulada entre as nações, e quantificada em relação a outros valores de referência, vistos globalmente com rácios universalmente reconhecíveis e mais estáveis. O valor de cada moeda varia de acordo com a garantia e a credibilidade do país emissor. No entanto, após a conclusão da implementação do projeto, não haverá mais diferenças entre os Estados individuais; por esta altura, já deve ter transposto e compreendido que permanecerá e funcionará apenas uma. Consequentemente, não haverá mais restrições quanto à quantidade de moeda única em circulação ou ao seu valor de garantia correspondente. Recorde-se que este projeto só pode ser ativado depois de os Estados que partilham a moeda chegarem a acordo sobre o novo objetivo e a utilização do instrumento monetário e, em seguida, a nova moeda única só poderá circular na quantidade necessária para atingir os objectivos. A utilização da nova moeda única irá alterar significativamente o atual MMT; por isso, irá muito além, haverá muito para rever.

Quanto à quantidade de dinheiro novo, não será certamente infinita, como na hiperinflação da República de Weimar, na segunda metade de 1923, há um século. Independentemente do número de zeros, cada marco valia sempre menos do que o papel em que era impresso. Quanto mais eram impressos em grandes denominações, menos se valorizavam.

No entanto, deve existir sempre uma relação entre os valores de referência globais, amplamente acordados e mutuamente aceites. A realização de vários objectivos determina os critérios, os instrumentos e os procedimentos utilizados para quantificar a moeda em circulação. Assim, em primeiro lugar, encontramos uma estabilidade homogénea, nomeadamente no quotidiano. A moeda deve deixar de ser um instrumento de acumulação, muitas vezes espasmódico e obsessivo, para se tornar um simples meio de regulação de uma relação entre os indivíduos e o conjunto dos territórios. Deve também servir como um instrumento para reconhecer e recompensar os méritos reconhecidos e o empenho demonstrado, pelos indivíduos ou pela comunidade, na sustentação e manutenção dos objectivos e directivas do hexadecálogo.

"Quanto é que recebe por mês?" é a pergunta antiga. "Quanto é que pode gastar por mês?" tornar-se-á mais comum.

Já não é um indicador direto de luxo, mas sim de uma necessidade acordada, como o óleo num motor ou em várias engrenagens.

O passo seguinte consiste em recalibrar e regular a sua utilização de acordo com o novo conceito de função monetária, depois de este ter sido clarificado, compreendido, assimilado e integrado.

A primeira referência fundamental é a avaliação e o cálculo da moeda necessária para assegurar um nível de vida decente, como resultado direto da realização do objetivo principal do projeto. A presença de um ponto de partida para assegurar um nível de vida decente não deve ser interpretada como um achatamento global, mas sim como um nível mínimo essencial para o comportamento social e a conduta civil, considerado aceitável em todo o lado. O mecanismo de contagem progride a partir desta nova base universalmente válida para a extensão adequada destinada a recompensar, incentivar, encorajar e apoiar o empenhamento pessoal no âmbito e no resultado das atribuições pessoais recebidas. A disponibilidade monetária global deve assegurar, sempre que existam os pré-requisitos, a elevação dos padrões de vida ao nível do luxo ou do super-luxo. Ninguém deve ser privado ou excluído do direito de melhorar a si próprio.

Como já foi referido, o resultado pessoal de uma combinação de mérito e empenhamento será a bitola que prevalecerá para o acesso ao nível de vida correspondente. Assim, para quantificar o nível de base, há que somar os valores correspondentes ao nível de vida verificado numa determinada data em cada território. Gostaria de sublinhar que toda esta discussão está ainda no âmbito deste estudo e será aprofundada e consolidada durante a redação do terceiro livro.

Quando o montante projetado de dinheiro em circulação necessário para todo o projeto é recalculado, este montante torna-se o novo valor de todo o dinheiro em circulação. O montante necessário é recalculado com base em vários critérios, todos eles idênticos. O primeiro consiste em quantificar as necessidades de um indivíduo ou de uma família para viver dignamente. Para cada AL serão avaliadas e calculadas de forma independente. Além disso, os valores que foram avaliados devem ser reconhecidos para cada realidade/atividade individual. Foram determinados valores de indemnização, de propriedade e outros. É preciso ter em conta que já não existe qualquer forma de acumulação de riqueza. Como cada propriedade se torna parte

dos recursos da comunidade, os proprietários históricos manterão o uso exclusivo através de licenças de utilização. Não são necessárias grandes alterações de fundo, nem para as pessoas nem para as actividades.

Esta passagem é utilizada em todo o mundo, pelo que tudo o que existe no planeta é considerado património de todos, à disposição de cada LA do território que garanta uma utilização adequada aos objectivos do projeto.

Para o conseguir, é necessário começar por:

1) calcular os valores monetários dos residentes numa determinada pesquisa: imóveis, depósitos, dinheiro, etc.

2) Os rendimentos individuais efectivos serão quantificados durante o mesmo período de tempo.

Esta informação será utilizada para determinar a dotação monetária disponível para cada território.

A dotação total e as disponibilidades monetárias dividem-se em três grandes categorias, mais conhecidas por cofres:

A) moeda puramente circulante utilizada principalmente para salários, indemnizações, transferências, pensões, assistência, serviços normais e manutenção regular.

B) intervenções não habituais e manutenção suplementar, arranque, bens, instalações, máquinas, etc.

C) Catástrofes naturais, como terremotos, danos hidrogeológicos, incêndios e epidemias.

Cada uma destas afectações deve ter aproximadamente o mesmo montante ou proporção que a primeira A).

Os dois primeiros (AB) serão previamente especificados no PAL.

O CC e/ou o GE podem utilizar o caso B numa variação do PAL se a maioria do CC e/ou do GE concordar.

O fundo C) não é obviamente planificável no PAL por definição. Por conseguinte, será utilizado em função da gravidade, da intensidade e do alcance da emergência, tanto a nível local como a nível superior.

Neste caso, o método de reabastecimento é determinado na estrutura mais elevada afetada pela emergência.

O corretor distribui e controla a dotação inicial da LA para actividades locais.

Cada AL pode e deve gerir estas dotações iniciais a fim de as manter:

1) O nível de circulação estável do território.

Intervenções e reforma fiscal

2) Assegurar que os residentes tenham um nível mínimo de rendimento ou de emprego.

3) Manter uma certa proporcionalidade para os rendimentos históricos certificados.

4) Participar em qualquer operação que tenha por objetivo a estabilidade e a melhoria dos índices locais de qualidade de vida.

5) Manter fundos de reserva locais suficientes para fazer face a necessidades locais inevitáveis.

6) participar nos fundos subsidiários disponíveis para os níveis administrativos mais elevados, proporcionalmente ao rendimento e à população.

Ninguém é obrigado a privar-se dos valores em posse legal numa determinada data. Assim, são acrescentados à CAIXA A valores de origem legal, que qualquer residente pode mostrar e reclamar.

A caixa A deve dispor de fundos suficientes para manter o território em causa numa base regular. Estes são os principais elementos envolvidos no cálculo da disponibilidade de caixa A de cada LA.

Como previsto, em cada AL existem outras "arcas" disponíveis para cada AL, ou seja, B e C. Ambos os fundos têm montantes iguais ou superiores ao Fundo A. O Fundo B destina-se principalmente a financiar todas as inovações ou alterações, tanto individuais como municipais, a todos os níveis administrativos, bem como a manutenção extraordinária.

C é o último fundo e destina-se a cobrir emergências e, eventualmente, a servir de reserva para os dois primeiros. O atual diretor-geral é totalmente responsável pela administração das três caixas registadoras (ABC). A chamada oposição e, formalmente, o GAIS estão encarregados de assegurar a sua

correcta utilização. Enquanto o fundo A é utilizado apenas a nível local, os outros dois fundos,

nomeadamente o fundo C, podem estar disponíveis a níveis estruturais mais elevados.

Para completar o quadro, deve ser deixada uma caixa adequada (S de espaço) vazia, mas posicionada e reabastecida no topo da estrutura (conselho dos continentes) para ser utilizada pelo organismo responsável pelas operações do ponto final do hexadecálogo. Estou a falar de coisas como a exploração, a navegação, a terraformação, a colonização e a utilização de realidades/recursos fora do nosso planeta (como outros planetas, luas, asteróides, etc.). Enquanto o fazemos, tendo em mente que precisamos de "pensar em grande" em vez de estabelecer limites, também expandimos o nosso sistema solar. Este último objetivo será cada vez mais importante, necessitando de uma cobertura adequada e consistente que não interfira com a administração regular da "rotina diária". Não somos obrigados a contabilizar a quantidade de moeda em circulação para ninguém além de nós, os chamados "terrestres". Não há extraterrestres, lunáticos ou marcianos e, tanto quanto sabemos, de momento ainda não há qualquer prova certificada de seres ou formas vivas na nossa galáxia que nos possam confundir e interditar no uso indevido da nossa moeda em circulação.

Isto não quer dizer que não existam outras formas de vida conhecidas no universo. Mesmo que tenhamos consciência disso, quase de certeza que não será a quantidade de dinheiro em circulação que nos preocupa. Sou de opinião que a quantidade de moeda em circulação será o menor dos problemas que enfrentaremos quando tivermos a certeza de que não estamos sós e entrarmos em contacto com eles.

Voltando ao presente, a questão do dinheiro em circulação já não é um constrangimento consolidado e reconhecido, mas sim uma condição maravilhosa que permite e, conseqüentemente, facilita a implementação do projeto e a realização dos seus objectivos.

Para facilitar as fases iniciais da transição, as restrições à utilização de numerário, que duram há pelo menos quatro décadas, devem manter uma progressão constante, favorecendo e desenvolvendo a moeda virtual como o único meio para todas as transacções relativas à moeda.

14) FINANÇAS/BANCOS/MERCADOS BOLSISTAS

Como previsto anteriormente, todo o planeta seria considerado como uma enorme e única Sociedade Para Habitantes (SfI).

A administração local tornar-se-á o centro nevrálgico de todas as operações e, conseqüentemente, todas as actividades, incluindo a banca, serão gradualmente integradas nos serviços públicos locais.

A maior parte das operações bancárias actuais serão integradas e geridas diretamente pelas sucursais locais do nosso SfI, nas quais todos seremos parceiros de pleno direito.

As pessoas singulares, as empresas e outras têm "contas correntes" institucionalizadas no seu país de residência.

A este respeito, gostaria de recordar que toda a administração mundial é gerida por um único sistema informático de procedimentos integrados (GAIS), cujo objetivo não é a criação de lucros, nem a acumulação de riqueza pessoal ou colectiva, mas uma redistribuição meritória com vista a respeitar a estabilidade socioeconómica mundial.

O sector do câmbio só será útil enquanto a moeda única não for quantificada e activada. Nessa altura, tornar-se-á obviamente obsoleto e não terá qualquer razão de ser.

Dada a nova configuração e a partilha de objectivos e regras, bem como as relações territoriais, o mercado das matérias-primas desempenhará um papel menos comercial e será mais orientado para a preservação dos recursos e a sua utilização judiciousa.

Em todo o caso, servirá sempre para regular as relações de dinheiro e de competência entre os territórios envolvidos no ciclo procura-oferta.

Para melhor aceitar os pontos seguintes, é sempre necessário recordar os objectivos do projeto e as mudanças radicais.

Progressivamente, porque a acumulação de riqueza deixará de ser prevista, se não para toda a S.P.A., as actividades individuais das bolsas de negócios e dos mercados de acções serão privadas, ou pelo menos redimensionadas, de um dos seus

objectivos actuais, principalmente relacionados com a acumulação ou variação da riqueza individual.

Este objetivo reduzido é progressivamente substituído pelas escolhas e pela propensão para o progresso de cada habitante, oferecendo a possibilidade de escolher entre as diferentes oportunidades de instalação ou de desenvolvimento propostas em cada sessão eleitoral local.

CARTÃO DE CRÉDITO

Uma vez que a atividade bancária é um serviço prestado pela administração local, qualquer transferência de valor monetário só se torna plenamente viável e operacional após autorização e aceitação pelo GAIS.

15) EXPORTAÇÃO/IMPORTAÇÃO

O principal instrumento para melhorar a qualidade de vida nos diferentes territórios é manter um equilíbrio entre as importações e as exportações.

Consequentemente, não há excedentes comerciais; pelo contrário, há apenas o suficiente para manter todas as economias locais activas e estáveis.

O objetivo é facilitar a reposição da moeda entre o "circulante" e o "local", a fim de evitar qualquer desequilíbrio.

Neste caso, "circulante" refere-se a passagens monetárias entre vários LA em torno da estrutura, enquanto "local" se refere a passagens internas em cada LA de base.

A razão é simples e óbvia: se a balança comercial desce de um lado, tem necessariamente de subir do outro; limita-se a antecipar o aparecimento de futuras desarmonias.

Em termos económicos, alguém fica mais rico à custa de outro, o que não é uma indicação da estabilidade territorial desejada.

Pode parecer insignificante a curto prazo, mas, com o tempo, continuar nessa direção desencadeia e desenvolve as condições e as razões que sempre tornaram as relações instáveis a todos os níveis.

Não é necessário perturbar Gian Battista Vico com uma referência ao princípio "CURSOS HISTÓRICOS E RECORRENTES", que se aplica neste caso aos ciclos de riqueza-pobreza, opulência-indigência.

O objetivo do projeto, se bem me lembro, é procurar e maximizar a estabilidade da Terra como base constante e permanente para a exploração e, se necessário, a subsequente emigração planetária.

Estes objectivos serão, sem dúvida, mais fáceis de alcançar se conseguirmos concentrar todos os nossos recursos e esforços sem perturbar o equilíbrio das várias populações e territórios.

Todas as transacções, nomeadamente entre territórios a vários níveis, contribuem para a

equilíbrio entre importações e exportações. O objetivo é estabilizar e regular o volume de capital circulante nos territórios em relação ao seu nível de vida.

Quem compra também tem de vender e vice-versa.

A passagem de vales turísticos, recreativos e culturais por valores equivalentes é a última opção para restabelecer o equilíbrio entre importação e exportação.

16) ESPAÇO

Como já se previa, todos os dogmas/orientações anteriores foram finalizados para uma estabilidade genérica, uma condição essencial para apoiar e sustentar o desenvolvimento técnico e logístico da exploração e conquista espacial no nosso sistema solar e para além dele.

As diferentes fases que, seja qual for o responsável, exigirão, sem dúvida, uma partilha unânime dos objectivos e a utilização de todos os meios necessários para os atingir.

Espero que a importância deste objetivo final desafiante, que acrescenta e oferece uma réstia de esperança para a continuação da raça humana, seja amplamente reconhecida e subscrita, assim como todos os caminhos para uma mudança planeada e necessária para a sua realização.

O nosso planeta pode tornar-se, mais cedo ou mais tarde, o protagonista passivo de várias catástrofes "naturais".

Asteróides, meteoritos, mega erupções vulcânicas e efeitos de bola de neve podem ser as principais causas de catástrofes que põem em causa a sobrevivência "convencional" do planeta.

Não é moralmente aceitável que as gerações seguintes se limitem e se detenham a aperfeiçoar e consolidar apenas a sobrevivência terrena.

Esta representação poderia ser o nosso epitáfio com apenas a inscrição "EX Homo Sapiens"; uma longa espera passiva e desarmada pelo ecocídio. Em alternativa, é preferível, o mais cedo possível, empenharmo-nos em enfrentar, superar e sobreviver aos desafios para evoluir e tornarmo-nos uma civilização multiplanetária; sempre protagonistas activos do nosso futuro.

O hexadecálogo, ou seja, a apresentação da parte fundadora da proposta, termina com este último dogma.

Antes de passar às explicações, comentários, críticas e perguntas, é preciso ir ao terceiro capítulo. O hexadecálogo limita-se a delinear os objectivos, as regras e as orientações, mas não indica nem trata dos caminhos necessários para transformar a realidade atual no novo ambiente reconfigurado previsto.

Capítulo III PROCESSO DE MORFOLOGIA E TEMPOS DE REALIZAÇÃO

Como se previa, esta proposta de projeto estaria incompleta se se limitasse a enunciar as coisas a fazer e não tratasse também da sua conclusão, que é necessária para a sua execução efectiva,

Este capítulo é o mais curto do livro e trata da parte mais complexa e essencial. Os temas abordam a predisposição para a evolução do processo da fase de "morfagem": entendida como verdadeira transformação ou metamorfose global.

O capítulo trata também da transição da fase de "Generalização Planetária" para a composição das várias "Especializações Territoriais".

Tenho em conta que, nesta fase, estamos apenas na fase inicial. Tenho em mente que esta é uma apresentação introdutória de uma hipótese de projeto, até agora uma iniciativa exclusivamente pessoal e, portanto, também em consideração ao seu alcance, incompleta. Para colmatar estas lacunas iniciais, a única solução prevista contempla a colaboração progressiva de vários peritos, de várias especialidades, representando todos os territórios.

Vai precisar de muita paciência antes de completar a visão do projeto. É altura de pôr alguma dela em prática. Tento que o faça o mais rapidamente possível, pelo menos no que diz respeito aos temas mais cruciais, pelo que peço desculpa pelas aproximações, generalizações ou mesmo repetições. No entanto, a conclusão posterior em cada momento continua a ser obrigatória, especialmente se consistir em direcções elaboradas em todo o lado por colaboradores com diferentes experiências. Para o efeito, considero benéfico traçar aqui um mapa do caminho que espera os futuros participantes e que eles devem depois percorrer.

Se ajudar à compreensão, classifique-a como uma operação, ou melhor ainda, como uma aventura digna do melhor espírito pioneiro.

No entanto, uma vez concluído em todas as suas fases, poderá ser reconsiderado e utilizado como um plano de trabalho útil e exaustivo, se alguma vez for de interesse oficial.

Até estas linhas, não houve qualquer intervenção externa, pelo que foi escrito maioritariamente em solidão. No entanto, todas as fases seguintes implicam necessariamente um elevado nível de envolvimento e cooperação a todos os níveis.

No entanto, uma vez concluído em todas as suas fases, poderá ser reconsiderado e utilizado como um plano de trabalho útil e exaustivo, caso venha a ter interesse oficial.

Até estas linhas não houve qualquer intervenção externa, pelo que foi escrito maioritariamente em solidão. No entanto, todas as fases subsequentes envolvem necessariamente um elevado nível de envolvimento e cooperação competente a todos os níveis, trazendo frutos valiosos recolhidos e provenientes de todo o planeta.

Não é necessária uma participação muito grande nas fases iniciais; uma pequena representação de cada território diferente, pouco mais do que simbólica, é suficiente para o objetivo inicial; preferindo assim a qualidade à quantidade.

Uma presença mais alargada será então proveitosa para mostrar representação e exposição, especialmente quando as diferenças culturais, os costumes e as tradições não são homogéneos, mesmo que semelhantes.

A partilha e a participação progressivas são componentes importantes para revigorar e reforçar este vasto, longo e complexo empreendimento colegial.

Esta fase intermédia será a mais difícil e crítica.

Atualmente, a dimensão da participação desejada e os seus níveis de interesse são imprevisíveis. Obviamente, aguardo algumas indicações de interesse, como o início de contactos iniciais, para depois os aprofundar e desenvolver.

É compreensível que, se não se encontrar um nível mínimo de interesse e, pelo menos, uma manifestação preliminar de curiosidade, tudo o que se segue é inútil ou, quando muito, fica forçosamente no plano teórico, o que é pouco mais do que inútil na prática.

Todo este projeto ficaria no ponto de partida e depois arquivado e esquecido como uma mera hipótese bizarra. Nesta altura, sem os apoios, nomeadamente humanos, necessários para concretizar os conteúdos traçados no caminho necessário à sua realização, o que restaria? Pouco ou nada mais do que um sonho. "Tive um sonho e tal ficou". O parco consolo, neste caso,

está concentrado na esperança de que alguém, esperando mais antes disso, o ressuscite.

A partir de agora, o que se segue só será aplicável na medida em que os vários contribuintes possam ser utilizados.

Penso já ter feito referência aos dois livros que se seguirão a este artigo.

De facto, em vez de dois livros, serão dois grupos distintos de livros ou documentos.

O primeiro grupo, dividido em cinco partes, trata da preparação de tudo o que é necessário no início da verdadeira fase de "Morphing".

O segundo grupo, utilizando as elaborações do anterior, trata diretamente de todas as operações da fase "Morphing".

Algumas operações preparatórias são necessárias, contemplando a redefinição e classificação de padrões para dados, índices, utilizáveis para representar uniformemente todo o planeta.

Codificação atual dos territórios, preparando a sua conversão com possível redistribuição territorial.

Para o efeito, a fim de facilitar e garantir a máxima facilidade de utilização e compreensão de todo o arquivo, prevê-se a máxima dependência ou referência ao sistema métrico para todas as unidades de medida (metrologia).

As cinco partes do primeiro grupo são :

1) Criação de uma base de dados que reflecta toda a situação mundial da época, pelo menos a partir do nível das nações. Torna-se indispensável ter colaboradores para o completar, descendo até à base. Só passamos à segunda parte se todo o planeta for medido ao nível da nova estrutura espacial (LA).

2) Reportar os totais para cada nó da estrutura atual até ao topo. Isto é para ter a linha de base real, considerada pelos valores em cada nível. Estas duas primeiras partes serão actualizadas anualmente.

3) Conclusão da definição do hexadecálogo e de quaisquer outras definições, nomeadamente em função das realidades resultantes do ponto 2 supra.

4) Concluída a Etapa 3, proceder então à recondução da situação, tal como certificada na Etapa 2, à perspectiva final prevista após a fase de "Morphing" para todos os nós da nova estrutura administrativa, pelo menos a nível nacional.

5) Distribuir a nova configuração final para cada LA individual.

Cada parte, antes de ser considerada concluída, deve ser aceite e partilhada a todos os níveis envolvidos, desde a base até ao topo; depois, se necessário, pode ser aprovada para alterações e ajustamentos.

Como espero ter ilustrado, todo o "segundo livro" será, em vez disso, bastante documentado, e tudo isto apenas para definir as situações tanto da base como da linha de chegada do projeto.

Só após a conclusão do "segundo livro" é que haverá todas as ferramentas para enfrentar o "terceiro livro": a fase de "Morphing" propriamente dita. Considerada como a operação mais árdua e que envolverá ainda mais todos os recursos disponíveis.

Está praticamente circunscrito numa parte: tem de produzir planos (PERT) para cada nó da estrutura, da base ao topo, sincronizando ao mesmo tempo, tanto quanto possível, o progresso das etapas individuais da metamorfose entre os territórios mais ou menos adjacentes.

Este "terceiro livro" só estará completo quando todos os PERT individuais forem aceites na base (LA) e as suas sincronizações forem ratificadas em todos os níveis superiores.

Agora, tendo antecipado amplamente as operações preparatórias e conclusivas de "Morphing", é altura de acompanhar o capítulo com algumas considerações, explicações.

Uma tarefa preliminar é estabelecer a nova subdivisão para cada território, como enunciado no sétimo dogma.

Após a definição da base territorial, o passo seguinte consiste em determinar a composição de cada nível superior, até à cimeira planetária. Este processo é realizado diretamente pelas equipas de colaboradores/especialistas que representam cada um dos territórios, tendo em conta as diferentes características que distinguem todas as realidades locais resultantes e emergentes em cada nó estrutural.

Quando toda a nova estrutura administrativa planetária for finalmente remontada, os caminhos para os próximos passos e para além deles tornar-se-ão extremamente facilitados.

Os principais objectivos planetários devem ser redistribuídos, diminuindo-os para cada ramificação até à base.

Os critérios de repartição das cargas de produção ou dos serviços pelo conjunto da estrutura devem estabelecer um equilíbrio adequado entre os objectivos e os recursos locais disponíveis.

Penso que é redundante ou simplesmente supérfluo recordar a todos que cada passo deve ser sempre inspirado, observado e respeitado por todo o omnipresente hexadecálogo.

Esta fase delicada diz respeito principalmente à transformação e actualização de parâmetros e índices entre as realidades dos territórios individuais desde a sua criação até à realização das condições operacionais do projeto.

A aplicação geral do hexadecálogo implica intervenções personalizadas para alterações e reutilizações específicas, nomeadamente de todos os dados e parâmetros actuais. Estes serão revistos e reutilizados regularmente para melhor representar e caracterizar as novas abordagens a todos os níveis, global e territorial.

Estes percursos personalizados não só devem receber toda a atenção a todos os níveis, como também devem ser coordenados com a tendência de mudança e impacto nos territórios vizinhos.

Esta fase é ampla e requer a participação colaborativa de economistas, juristas, responsáveis políticos e vários peritos de diversas especialidades.

Como se pode ver, para atingir o mais alto nível de qualidade, tendo em conta a dimensão da reestruturação proposta, é obrigatória, e não apenas desejada, uma ampla participação heterogénea,

Um hard reset do sistema é insuficiente. Reinstalar o mesmo sistema operativo e as mesmas aplicações seria ineficaz: o mesmo ambiente, as mesmas regras e os mesmos resultados para os mesmos problemas.

Aqui, como uma alternativa precisa, propomos uma nova via inovadora que resolve os principais problemas, actuando directamente na sua raiz.

Alexandre, o Grande, resolveu o problema do nó górdio com um único golpe certo, preciso e instantâneo. Infelizmente, no nosso caso, devido à dimensão e âmbito existentes, esta solução demasiado radical não é desejável, nem aplicável, nem repetível, pelo que preferimos optar por uma transformação radicalmente desejável e até exequível, que passa sobretudo por uma fase metamórfica suave, aqui designada por fase de MORFING.

Deve ser lento, pacífico e adaptado às realidades de cada território, guiando-o e acompanhando-o no seu percurso, mas sempre coordenado globalmente.

Na preparação do terceiro livro, que será dedicado a esta fase, será tido em conta o objetivo universal de não incomodar ninguém. Pelo contrário, onde e quando possível, serão feitos esforços para antecipar, preparar e levar todos a beneficiar ao máximo de todas as vantagens e benefícios proporcionados pelos objetivos da "NOVA TERRA MAGNÍFICA".

Prevejo que as operações terão início dentro de um período de 100 a 150 anos. O período de tempo é realmente longo. Verá porquê muito em breve. Tentar acelerar a sua ativação à força poria em causa a sua evolução consistente e robusta. No entanto, se todos estiverem de acordo e o invocarem, este período poderá ser dispensado, sublinhando, sempre que necessário, o controlo da natalidade, que é a principal razão da sua duração.

É também uma excelente oportunidade para utilizar este longo período de tempo para resolver vários desequilíbrios ancestrais, diferenças crónicas e ineficiências a longo prazo com calma, sem ansiedade ou frenesim.

A primeira fase, que é a mais simples, serve também para formar e pôr em marcha as operações entre os colaboradores, tem como objetivo recolher todas as informações e dados dos vários territórios. Uma vez recolhidos, são normalizados para que possam ser tratados de forma coerente, e a fase termina com a publicação de todos os dados recolhidos no "Segundo Livro", revisto e reorganizado para uma visão uniforme e para todas as utilizações posteriores.

Esta fase inicial poderá ser concluída em menos de cinco anos, dependendo da colaboração e da participação.

Após a recolha e normalização dos dados (Parte 2), temos uma compreensão geral das situações reais de partida, bem como indicações do objetivo a alcançar, simultaneamente. Nesta altura, é fundamental chegar a acordo sobre quando começar, quando

terminar, e como fazer convergir o conteúdo e a sua sincronização para cada avanço.

A verdadeira preparação para a metamorfose começa aqui. Pessoalmente, prefiro o termo "metamorfose".

A preparação do "Terceiro Livro", o mais complexo, começa com a publicação e o respetivo feedback dos dados do "Segundo Livro". Permite aos colaboradores: recolher indicações, recuperadas territorialmente, normalizar e estabilizar a base necessária para a redação de um primeiro PERT planetário impressionante.

Este Pert Universal recolhe, integra e especifica todos os macro caminhos e passos relacionados para planear e reconfigurar o planeta que melhor pode alcançar todos os objectivos ambiciosos encapsulados nos 5Ps para HF. (Permanência Planetária Próspera, Perene e Pacífica do Homo Felix).

Este macro-documento, que por si só não produziria quaisquer resultados, serve, em vez disso, uma vez aprovado e adotado, como um ponto de referência inestimável e um bloco de partida para a criação de numerosos outros mini-PERT, um para cada nó da estrutura administrativa, em cascata, de cima para baixo até à base, que é o único nível onde a verdadeira transformação acontece na prática.

Só após as fases de coordenação e de síntese de uma estrutura maciça, composta por pelo menos 200 PERT nacionais, é que se chegará à tão esperada conclusão. Tudo será então adequadamente adaptado às situações e necessidades locais individuais, mas sem prejudicar ou comprometer a observância e o cumprimento dos objectivos globais do projeto.

Será dada especial atenção à sincronização dos PERTs dos vários nós da estrutura, que poderão tornar-se "Caminhos Críticos" nos PERTs de nível superior.

Já se sabe que a metamorfose total do globo deverá durar entre 100 e 150 anos, como previsto. O prazo previsto é necessário sobretudo para repor a população em todo o mundo, pelo menos, ao nível de 1970, nas trajectórias mais suaves.

Os actuais 8 mil milhões, que irão recuar geracionalmente para os 4 mil milhões (reajustamento malthusiano), serão reorganizados numa estrutura piramidal com a mesma base, mas redistribuídos por cerca de 200 mil administrações territoriais (AL) individuais, cada uma com 20 a 40 mil habitantes.

O regresso a esses valores para alguns territórios pode ser uma contração particularmente complexa e problemática, mas é e deve ser, porque essa redução será inevitavelmente cada vez mais necessária e crucial para alcançar e manter as condições de estabilidade prosseguidas pelo projeto. As prorrogações de prazos com derrogações avulsas para os vários condicionalismos demográficos podem, por isso, não só contribuir para a sua implementação coordenada, como limitá-la, se não mesmo viciar por completo a sua eficácia.

P- Então, acredita que a teoria malthusiana é correcta?

A- Limitei-me à simples representação gráfica do cenário previsto em "Catástrofe Malthusiana". Isso foi mais do que suficiente para mim. Como se pode ver, o projeto tem em consideração este estudo de base. Concordo plenamente com a sua abordagem, com os argumentos simples utilizados e com as consequências dinâmicas. Projeto os seus diferentes impactos em múltiplos cenários futuros (simulação de Monte Carlo) e, depois de debater entre "Problem Solving" e "Solution Makers", proponho linearmente a minha própria versão para uma solução completa, cada vez mais convencido de que é aceitável e também exequível. Um pouco de tempo, uma boa dose de bom senso e muita dedicação, é tudo. Um pouco de tempo, uma boa dose de bom senso e muita dedicação; só isso.

P- Quanta segurança, o projeto acaba de ser apresentado.

R- É preciso ultrapassar isso, haverá cada vez mais adeptos convictos, o tempo está do lado do projeto, os melhores aliados de confiança.

P- Mas voltando a Malthus, recordou os neo-Malthusianos, há alguma distinção?

R- Tanto mais que a vejo como uma clarificação actualizada e conseqüente. No início do século, a população da Terra era estimada em 2 mil milhões de pessoas. Hoje, somos o quádruplo, e continuamos a expandir-nos, embora a um ritmo mais lento, porque a superfície e os recursos da Terra não aumentaram ao mesmo ritmo. Pelo contrário, alguns recursos estão a esgotar-se, outros estão a desaparecer e outros ainda estão a planear o seu desaparecimento. Os recentes padrões de crescimento da produção agrícola, em particular, não podem ser mantidos indefinidamente.

A mera esperança de que esta escalada global possa continuar a este ritmo é inexoravelmente negada pela dura realidade das suas projecções numéricas.

Mesmo que ainda possamos controlar a fragilidade e as alterações climáticas, não podemos confiar nelas indefinidamente. Assim, com alguns fundamentos razoáveis, a teoria malthusiana original, que apontava para as consequências da relação genérica entre população e território, pôde ser refutada na altura (Emerson & c). Hoje e sempre mais amanhã, ela prevalecerá inquestionavelmente, com contra-argumentos menos válidos.

Temos de considerar as implicações globais se os recursos se estão a esgotar enquanto o crescimento populacional continua, embora com grandes disparidades entre territórios. Podemos continuar a esperar, mas mais cedo ou mais tarde (esperamos) a fatura emergirá da imprevisibilidade natural. Os números não mentem. Não podemos simplesmente aumentar o tamanho da "jangada". Atualmente, não podemos contar com migrações espaciais consistentes, porque elas levarão séculos. Este é um estudo preventivo, adequado para evitar e resolver positivamente as consequências fatais da pobreza e da miséria generalizadas, como amplamente distribuídas por Malthus, ao mesmo tempo que nos organizamos de forma óptima para a melhor expansão extraterrestre a longo prazo.

P- Não lhe parece que corre demasiado?

R-Eu concordo, mas quando penso em todos os problemas que estamos a acumular, fico entusiasmado, será que posso ignorá-los? Sinto a necessidade de os enfrentar de frente, diretamente na sua origem, deixando de lado tudo o resto.

Congratulo-me por vos ter apresentado esta parte do documento. A vossa participação crítica ajudar-me-á a manter-me no caminho da apresentação. E assim será cada vez mais, com os colaboradores esperados, para todos os próximos passos planeados e necessários para a sua completa composição a cada nível. Assim, desde já, comentários, sugestões, críticas (preferencialmente construtivas) são bem-vindos. Para completar, elogios são aceites e bem-vindos, não se importem e ajudem sempre.

P- Poderia dar pelo menos um exemplo concreto desta transformação? Assim, começamos a formar uma opinião.

A- Uma etapa aparentemente simples desta transformação pode ser identificada na troca de moedas por uma moeda única universal. Não só pela relação de troca ou pelos modos de utilização, mas também pela mudança implícita nos valores universalmente atribuídos a tudo.

A transição gradual das várias moedas locais para a nova moeda única será uma das etapas críticas desta remodelação. São necessárias várias etapas. A primeira etapa consiste em terminar a reavaliação e o recálculo de todos os valores actuais em todos os territórios definidos.

Uma vez atingido e bem definido o montante total, este passa a ser o novo valor territorial.

Trazendo estes valores individuais de volta ao topo da estrutura, teremos o valor planetário

A partir daqui, recomeçamos o planeamento, para uma reorganização coerente e harmoniosa da realidade crua para o cenário ideal esperado, partilhado e configurado para o 5PHF.

Estimar a quantidade de dinheiro nos cofres locais iniciais tornou-se um parâmetro inovador e necessário para que cada governo local sustente a fase de transformação e/ou o início da nova era.

Uma vez que será publicado no primeiro dos dois livros de transformação, será também um componente válido para o reequilíbrio, facilitando a execução harmonizada da transformação impulsionadora.

Teremos certamente períodos em que serão utilizadas duas ou mais moedas, mais ou menos em simultâneo, mas com valores, significados, utilizações e aplicações diferentes. Este é apenas um dos grandes desafios que se antecipam, mas todos eles serão ultrapassados. A paciência acaba por vencer tudo.

Será que esta antecipação é suficiente para ter uma ideia do esforço e do trabalho que vamos ter?

Mas, tendo sempre em vista os benefícios finais esperados, será um trabalho respirável e bem utilizado. Estou certo de que valerá a pena. Espero encontrar colaboradores que partam desta premissa já adquirida, aceite e tida como certa. Melhores resultados se com melhor qualidade em vez de quantidade; outro uso do dogma inicial(2,3).

P- Como exemplo simples, não é mau, mas estava a pensar em algo mais simples, ao alcance de todos. Já só de falar nisso e de como o antecipou, prevejo que não se aborrecerá durante muito tempo. Vai precisar de muitos bons desejos para o animar e manter o bom trabalho.

R- Como viram, os problemas são e serão muitos, intrincados, complexos e aparentemente, segundo a história ou a crónica, ainda não resolvidos. Mas isso estimula-me, estimula a reação, cada vez mais determinada a resolver; chega de esquivar, é tempo de uma ação positiva decisiva. É preciso que ela seja adequada, proporcional aos problemas. A procura de problemas a resolver, se se limitar ao puro envolvimento, pode ser interpretada como masoquismo ou algo semelhante, mas neste caso há uma visão prospetiva de um cenário a construir e a alcançar que é definitivamente estimulante.

Antes de concluir este capítulo, devo salientar que, paralelamente, muitos, se não todos, os regulamentos, leis, procedimentos e costumes locais têm de ser progressivamente revistos e reescritos numa nova perspetiva, literalmente nova. não só para a configuração final, mas sobretudo para sincronizar harmoniosamente o progresso de cada etapa (PERT).

Por conseguinte, no "Terceiro livro", encontrará também uma miríade de mini-objectivos, numa progressão de mini-etapas, de modo a que possam ser alcançados sem problemas, tendo em grande consideração as realidades locais.

A apresentação deste desafiante e substancial terceiro e último livro concluirá tanto a fase da MORFOLOGIA como todo o projeto.

O prazo para o lançamento do "Terceiro livro" não pode ser dado com certeza, mas apenas a título indicativo, uma vez que é determinado em grande medida pelo nível de colaboração e participação. Em termos optimistas, prevejo a sua conclusão dentro de algumas décadas.

Por último, o capítulo 4

Não existem tópicos específicos para introduzir neste último capítulo, pelo que tento fornecer informações adicionais e explicações mais abrangentes utilizando um ambiente simples de sala de estar.

Algumas pessoas já tinham antecipado o conteúdo do projeto, em particular o hexadecálogo, e comunicaram-me livremente as suas reacções iniciais; os seus comentários impetuosos incluíam perplexidades genéricas, frequentemente motivadas por críticas compreensíveis e justificadas. O impacto atingiu-me primeiro, ou melhor, desiludiu-me, mas acabei por aceitar tudo, incluindo as críticas. Não, não é masoquismo, mas sim vontade de responder, descrevendo e mostrando toda a nova realidade global, definindo suavemente os novos pontos de vista.

Com esta afirmação bem definida, sinto-me capaz de prever as vossas reacções, que vão desde o espanto à curiosidade, à ironia, até ao ridículo, e por aí fora. Não há necessidade de se apressar. Passarão anos, ou mesmo décadas, mas, mais cedo ou mais tarde, a maioria de vós, leitores, concordará com uma proposta e respostas equivalentes ou com orientações semelhantes às que se encontram nesta proposta.

Quem partir de uma definição e enquadramento dos problemas globais, tal como podem ser encontrados e quantificados neste período, e aspirar a obter soluções definitivas e abrangentes, encontrará neste estudo vários pontos de convergência, caminhos e passos necessários, se não mesmo obrigatórios.

Se, por outro lado, apenas fossem necessárias respostas ou utilizações parciais e limitadas face a criticidades globais inevitáveis, o hexadecologista seria inútil ou mesmo perigoso; de facto, a sua aplicação parcial causaria confusão e, conseqüentemente, um aumento das criticidades.

Mas os meus primeiros interlocutores foram suficientemente pacientes, ultrapassando o choque e o ceticismo, e deram-me elementos vitais para completar a apresentação com os seus valiosos contributos.

Ambos demonstraram acções naturais que eram mais do que justificadas como reatividade reflexiva à nova circunstância revolucionária e perturbadora que se evidenciava.

Tomei nota das suas intervenções, limitei-me a tentar pô-las em ordem, e agora mostro-lhas com as minhas respostas.

P - Agora, depois de ter acabado de ver o Hexadecálogo, posso afirmar que me parece ser o auge da utopia.

R - Depende do ponto de vista; é uma conclusão com a qual posso concordar se o analisarmos sem atender às suas intenções e propósitos, mas como uma alternativa básica à realidade atual. Esta reação instintiva é natural, mas dados os efeitos significativos e persistentes que a implementação de um projeto pode produzir, os juízos finais devem, pelo menos prudentemente, ser revistos, reavaliados e depois reconsiderados.

O distanciamento das regras tradicionais e consagradas pelo tempo também pode ser vantajoso.

Uma revisão mais profunda pode ser efectuada até ao ponto em que se sinta capaz de se distanciar da cultura atual. Na verdade, antes da mudança total, um "reset completo" implica desaprender gradualmente não tudo, mas algumas coisas; caso contrário, seria um simples rearranjo, não um evento para além da limpeza de primavera.

"Já pensaste em ver as coisas desta forma?" pode ajudar alguém a perceber que fez suposições ou tirou conclusões precipitadas. Da mesma forma, os participantes que apresentam o que consideram ser um feedback útil podem receber uma resposta do género: "Bem, essa proposta não funciona para mim, e aqui está o porquê." O coaching entre pares promove um processo de reflexão, que a investigação demonstrou ser essencial para a aprendizagem e a aquisição de conhecimentos.

No entanto, se olharmos para os próximos séculos, tendo em conta a dura dinâmica de uma realidade que já está em movimento acelerado - refiro-me ao crescimento da população combinado com o aumento do consumo per capita de recursos, que produzem um esgotamento geral antecipado desses recursos, também causa de uma deterioração climática irreversível - então questiono o termo meramente utópico do estudo e substituo-o por "ideia existencial providencial".

Se não se sentir convencido, faça uma pausa e releia e repense a lista completa de causas e problemas (obviamente complicados) descritos no primeiro capítulo.

Considerem os objectivos indicados realizáveis, e não apenas desejáveis, e cada um de vós, leitores, poderá concordar em substituir a "apoteose da

utopia" com uma definição mais realista: "Uma revolução universal adequada, pacífica e essencial".

P- O objetivo do projeto assemelha-se ao romance "UTOPIA" de Thomas More de há 5 séculos atrás, portanto "Déjà vu".

R- Quer dizer que de alguma forma já havia uma intenção de perspetivar a vida num mundo muito melhor, portanto utópico. Assim, o objetivo final pode assemelhar-se, no entanto, esse texto prevê e descreve bem apenas o cenário utópico. não me parece que perspetive uma alternativa adequada para o alcançar.

Este projeto, por outro lado, está mais orientado para a preparação dos modos, tão suaves quanto possível, necessários para a transição entre a situação atual e a situação final prevista.

A rápida evolução da tecnologia neste período de tempo permite cenários decididamente favoráveis ao objetivo. Na altura, esse mundo utópico era uma fantasia concentrada; as condições não permitiam materialmente a sua implementação. Hoje, e mais ainda num futuro próximo, o nosso galopante domínio tecnológico permite-nos colocar a hipótese da sua realização; uma transformação consistente que procuro iniciar neste projeto.

Recordo que o primeiro pequeno capítulo dá a entender que a mudança é uma opção decididamente alternativa.

Todo o segundo capítulo estabelece e caracteriza o cenário final. O terceiro capítulo traça o caminho desafiante e complicado; a fase de "Morfagem" planetária, que exigirá o máximo esforço.

Este capítulo abre essa longa fase de esclarecimento, discussão que nos acompanhará até à conclusão do projeto.

Assim, dada a complexidade que se avizinha, não dispersemos a nossa atenção em factos históricos, concentremo-nos neste projeto, sem necessidade de divagações, um luxo para outras salas, neste ambiente limitado há atenção e espaço apenas para considerar este projeto bastante intrincado e colossal.

P- Então, se considera a situação tão complicada, prevê também um resultado incerto?

A- A incerteza, sempre que exista, não diz respeito ao resultado do projeto, mas limita-se à participação de colaboradores com os quais completar o projeto.

elaboração detalhada do projeto. Mas mesmo a participação concretizar-se-á mais cedo ou mais tarde. Assim, a verdadeira incerteza limita-se ao calendário que afectará as activações e os prazos de todas as diferentes fases.

P- Então, definitivamente otimista em todas as frentes?

R- Se avaliarmos realisticamente o futuro próximo global, com a informação e os dados que nos são fornecidos diariamente, não vejo outras atitudes válidas. É muito melhor comportar-se como um otimista orientado para a procura de soluções do que continuar na indiferença, sofrendo os problemas mas afastado das soluções.

P- Deixou de fora os pessimistas.

A- Mesmo aqueles que se identificam nesta categoria não podem ajudar, a não ser que sejam cépticos.

P- O que é que os cépticos têm de diferente? Não são assimilados aos pessimistas?

R- Se se considerarem "inteligentes" os seus pontos de vista duvidosos, considero-os um contributo valioso utilizado como uma componente construtiva, um apoio adequado como verificação e feedback. Ao passo que, se o ceticismo for de baixo nível, permanece excluído do contexto do projeto e é considerado simplesmente como inadequado, irrelevante; a sua presença permanecerá apenas nas estatísticas.

P- No entanto, parece-me que as intenções e os objectivos são igualmente ilusórios.

R- De facto, são inegável e diretamente proporcionais às causas existentes, bem definidas e irrefutáveis, bem como às que serão previsíveis num futuro próximo; conseqüentemente, o projeto tem todas as características de uma resposta preventiva, coerente e decisiva.

Podemos ainda alargar os benefícios desta investigação observando que, depois de termos feito um balanço da situação global, podemos finalmente desenhar livremente, modificar os pormenores de forma coordenada e implementar plenamente o nosso destino. Temos a capacidade de prever e iniciar a solução a tempo, partindo de uma base ampla, pelo menos diversificada e bastante desconhecida, especialmente quando enfrentamos o futuro, tendo em mente os mesmos objectivos partilhados esperados a serem alcançados e preservados.

Gostaria de sublinhar que o objetivo desta investigação não é apenas encontrar soluções correctivas, mas também resolver questões críticas complicadas e estabelecidas, não apenas socioeconómicas.

Se for necessário intervir para reconstruir, o melhor é fazê-lo sem estabelecer marcos históricos ou estacas restritivas que fixem limites de projeção. Apontar o mais alto possível, sem limites de tempo; "pensar em grande".

Quando se trata de algo novo ou inventivo, o pensamento requer o uso da imaginação para conceber ou inventar algo novo, que é, portanto, também realizável, mas sem restrições. Não é de estranhar que os sonhos, nomeadamente os da fase REM, desempenhem um papel importante.

Por conseguinte, o conceito de "imaginativo" e/ou "sonhador" é mais um elogio do que uma contestação.

P- Mas pretende mudar tudo, pôr as mãos em todo o lado, há demasiadas intervenções extremas perturbadoras; nunca ninguém tentou pô-las realmente em prática

R- Absolutamente correto; como já indiquei anteriormente, em termos de quantidade e qualidade, são proporcionais à gravidade total, mesmo que não seja a atual, mas que, sem dúvida, enfrentaremos num futuro próximo. Muitas intervenções limitadas, não integradas, mas ainda assim dispendiosas, não resolvem definitivamente o conjunto dos problemas. Na prática, resultam muitas vezes, mesmo que esses resultados desejados estivessem previstos nas intenções iniciais, num remexer genérico das águas, ou pouco mais; compromissos perdulários para conclusões circunscritas e deficientes.

Uma vez que uma maioria crescente concorda que a situação está a deteriorar-se lenta mas seguramente, devemos também alargar o consenso de que se, em geral, as respostas forem activadas mais cedo, menos urgentes serão as intervenções difíceis, exigentes e onerosas.

A iniciativa é simultaneamente ambiciosa e perspicaz, na medida em que procura criar novas situações globais a partir do zero, em vez de se limitar a resolver os problemas existentes um de cada vez. Tenha em mente os 5Ps: Próspero Perene Pacífico Permanência Planetária. O que é que falta? Tudo é fornecido. Gostaria de lembrar que os objectivos devem ser definidos no contexto de uma utilização a longo prazo, sem qualquer reserva ou data de expiração.

P- Agrada-me muito a configuração; quem não o faria? No entanto, também me repito e estou cada vez mais convencido de que, na prática, a proposta continuará a estar fora de questão.

R- A proposta já é uma realidade estreante; desde que a está a ler. Se gosta ou não, se é compreendida, partilhada, rejeitada ou não, é outra questão; depende do nível desperto de previsão e do bom senso recordado de cada leitor.

Como já foi dito anteriormente, este empreendimento é um desafio, um desafio planetário, e como acontece com outros desafios, temos de o aceitar antes de o enfrentar. Tudo é proporcional, incluindo o tempo, o empenhamento no seu sentido mais lato, bem como o melhor equilíbrio possível entre a qualidade das participações distribuídas.

P- Então concorda que é um grande salto para todos e que é certamente prematuro, dadas as diferenças culturais, sociais e económicas?

R- Todos eles devem ser considerados como obstáculos, cada um deles ultrapassável com o devido cuidado. Muitos tratamentos demorarão muito tempo, mas isso é um pormenor aceitável, pois, de momento, ainda temos tempo.

Nunca foi meu propósito pressionar para uma execução imediata, mas sim avaliar cuidadosamente o objetivo, os instrumentos e, sobretudo, a predisposição. Podemos estudá-lo lentamente, completá-lo em paz, sem falta de ar, dedicando tempo suficiente à preparação e à composição da fase MORPHING, tal como descrito no capítulo anterior.

Então, todo o estudo pode ser entendido como um manual operacional abrangente, uma ajuda inestimável sempre válida para traçar, definir e lidar com o futuro. O passado já passou, mas o presente é o início do futuro, se nos conduzir para onde e como queremos viver permanentemente.

A qualidade dos resultados finais é principalmente determinada pela nossa vontade e capacidade de os moldar aos nossos melhores desejos; cada momento é válido para começar, não requer o toque de uma trombeta ou o som dos sinos ou da campainha da escola.

P- Já foram feitas várias tentativas nesse sentido, embora com resultados insatisfatórios...

R- Isso também é verdade; em França, há dois séculos, experimentou-se a "liberdade, fraternidade e igualdade", mas por pouco tempo. A história relata que não durou muito tempo e as coisas voltaram rapidamente à normalidade anterior. No entanto, algo ficou guardado para a posteridade. Ao longo da história, iniciativas semelhantes aconteceram, com graus variados de sucesso.

Várias constituições proclamam, esperam e invocam objetivos desejáveis e admiráveis, mas depois são aplicadas com pouca frequência, com omissões tácitas e, finalmente, com a discricção interpretativa habitual.

Esta é uma nova oportunidade para uma revisão global abrangente.

Em comparação com a resposta rápida de Alexandria, esta gira e evolui durante um longo período de tempo. Desta vez, o seu alcance é global, incluindo todos os povos e civilizações. Espera-se um período longo, pois é necessário um verdadeiro rejuvenescimento em todos os territórios. Uma vez que uma nova constituição planetária seja desenvolvida e adoptada, será possível personalizá-la de acordo com as necessidades locais bem fundamentadas, mas sem nunca subverter ou violar as configurações dos níveis mais elevados.

Esta operação ciclópica coordenada é mais do que uma simples revisão ou atualização das normas/regras existentes; é uma reescrita total de todos os códigos, normas e regulamentos necessários a esta "transformação universal".

A duração da fase MORFING (terceiro capítulo), que trata especificamente destas transformações complexas, exigentes e interligadas, deveria ser mais inteligível e aceitável tendo em conta estas prerrogativas.

Estima-se que todas as reconversões levarão pelo menos um século, principalmente para incluir a redução da população residente. O sucesso final do projeto será determinado pela qualidade e consistência dos seus resultados.

Não é difícil admitir que, por conseguinte, haverá muito tempo para formular e integrar todas as situações em todo o lado da melhor forma para esperar os melhores resultados correspondentes.

Também seria possível acelerar o processo, ninguém se oporia, mas isso aumentaria as hipóteses de um resultado frágil com uma duração precária.

Valerá a pena arriscar um fracasso tão provável logo à partida?

Não é prudente apressar a sua conclusão, pois isso poria em causa a viabilidade da operação a longo prazo. Deixar que demore o tempo que for necessário, mas as consequências a longo prazo valerão bem a pena a espera. Podem ser pequenas ou enormes, mas todas elas devem ser seguras e estáveis.

P - Podemos dizer que este estudo, no fundo, fornece um longo caminho para a criação de um mundo perfeito?

R - Quando falamos em perfeição, acredito que tudo, sejam ações, comportamentos humanos ou relações naturais, está continuamente buscando essa perfeição. Portanto, certamente um caminho voltado para a busca da perfeição.

P - Penso que ninguém quer que as coisas piorem.

R - Se o fizessem, seria devastador. Querer não é suficiente. A realidade é que estamos a deteriorar o planeta, desperdiçando mesmo recursos, de forma mais ou menos involuntária. Gostaria de chamar a vossa atenção para este estudo, que propõe, como alternativa à sua gradual e perigosa continuação inercial, não apenas conter, abrandar ou parar estas tendências, mas uma renovação consistente, um salto evolutivo decisivo.

P- Já percebemos isso, está sempre a repetir.

R- E isso conforta-me, mostra que, persistindo no raciocínio, mais cedo ou mais tarde, as coisas serão compreendidas. Espero que todos os leitores o sigam no seu raciocínio.

P - Então a alternativa é investigar todos os nós, questões, hábitos e laços entre os indivíduos que condicionam e impedem a perfeição das relações humanas?

R - Este é um ponto de vista que não tinha contemplado, mas é adequado e partilho-o. Não se trata de uma afirmação hipotética

se pensarmos bem. Tudo depende do seu ponto de vista individual e de tudo o que vê, pensa ou gostaria de ver. Esta consideração será consolidada nos objectivos gerais do projeto.

P - Na prática, porém, as abordagens e os regulamentos do hexadécálogo são demasiado inovadores e devem ser aplicados simultaneamente; existem demasiadas diferenças e, por conseguinte, o projeto não pode ser implementado de forma coordenada.

A - Voltamos a um passo crucial. Até ao momento em que ele diz "não será implementado", tudo o que ele disse é verdade. A diferença crucial é que eu acredito, e estou convencido, que "será complicado, mas com o devido esforço será exequível".

É um desafio, e é um desafio planetário. É uma oportunidade para nós e para aqueles que tomarão o nosso lugar na jangada.

Em média, a humanidade evolui lentamente, mas por vezes com raros saltos.

O desafio de Kennedy, que ele próprio aceitara e reivindicara alguns anos antes, foi diretamente responsável pelo primeiro passo na Lua há meio século. Não só lançou sozinho o desafio, o que por si só era extraordinário, como também estabeleceu um prazo específico.

E depois houve a onda de atividade que explodiu em todo o planeta.

O relançamento do desafio pode ter parecido demasiado rebuscado, mas sabemos que terminou da melhor forma possível, tal como estava planeado.

Poucas provas na história foram ganhas, algumas foram mesmo perdidas, muitas nem sequer foram empreendidas. O pioneirismo, muitas vezes em busca de novos desafios, tem sido e continuará a ser uma força motriz em todos os caminhos da evolução, desde os indivíduos a toda a humanidade.

Tal como observaram no último capítulo, estou cada vez mais inclinado a prever um longo período para a fase de transformação simples. Não há pressa e nada deve ser negligenciado. O mais importante a reter, se este estudo pode ser classificado e entendido como uma resposta decisiva a uma crise mundial, é evitar

cometendo erros irreparáveis. Começamos com este livro para introduzir a presença do projeto e depois continuamos com pelo menos mais duas séries de livros (capítulo 3) para concluir a sua composição, ilustrando os caminhos do seu desejável arranque, implementação final. Este é o nível atual de compromisso e de percurso cuidadoso. Para completar a minha reação à sua observação, recordo-lhe o mito da tartaruga.

P - Mas um conjunto único de leis aplicadas universalmente não propõe uma nova forma de ditadura?

R - Compreendo a sua perplexidade e, talvez, tendo em conta toda a história, também o seu ceticismo bem fundamentado, mas assim retoma a utilização de termos e referências que já não se aplicam a mim. Devo dizer-lhe que, no nosso caso, os procedimentos prescritos indicam que o "ditador" é o povo, que atualmente é constituído por oito mil milhões de pessoas e que deveria ser reduzido a quatro, permanecendo igualmente distribuído por todo o mundo. A única votação limita-se à representação da vontade local; toda a estrutura global, até ao topo, não passa de uma representação concentrada dessa vontade.

O GAIS foi igualmente concebido com base nas orientações dos territórios, estruturado e gerido em todo o lado de forma uniforme para responder às necessidades locais, promovendo simultaneamente a funcionalidade global.

Além disso, não haverá novos territórios a conquistar, apenas um conjunto renovado e reformulado de regras básicas partilhadas (5P).

O hexadecálogo tem validade global, pelo que pode ser gradualmente combinado com direcções e leis locais e temporárias, a partir do nível territorial mais baixo, embora isso não possa alterar as definições e os objectivos do hexadecálogo.

Estas secções falam da globalidade que deve ser aplicada a toda a estrutura, uma vez que é a única referência universalmente reconhecida que deve ser partilhada e aplicada a todos os níveis da estrutura.

O mesmo se aplica a cada administração (LA), que pode completar e modificar as suas configurações, mas deve sempre estar em conformidade com as configurações dos seus níveis superiores.

Mantendo este quadro e estas orientações, não há lugar, nem condição, nem circunstância para o ressurgimento de qualquer versão de ditadura.

P- Como tenciona manter tudo sob controlo?

R- A frase "pensar alto, agir baixo" pode aplicar-se neste caso. Existem princípios gerais que devem ser seguidos, mas que podem ser alargados para se adaptarem a exigências locais específicas, sem exceção.

P- Então o controlo de cima para baixo existirá sempre?

A- Os controlos serão estabelecidos a partir do topo, mas serão previamente propostos e depois aceites pelas respectivas bases, e serão concentrados e aplicados por um único organismo de verificação, o GAIS, que não faz mais do que aplicar funções de controlo, todas elas sempre definidas pela grande maioria, se não mesmo pelos participantes em todo o projeto. Assim, predispusemos uma ferramenta evoluída e integrada que está sempre ao nosso melhor serviço, com as nossas maiores garantias. A sua incorruptibilidade devido a um controlo cruzado regular não deve ser subestimada.

O GAIS exigirá o mais elevado nível de empenhamento e colaboração para ser estabelecido. No entanto, dada a duração da fase de transformação, a sua conceção, desenvolvimento, integração e teste não constituirão, muito provavelmente, o "caminho crítico" do PERT principal do projeto.

P- Mais uma operação ciclópica, nunca antes vista ou imaginada.

A- Isto faz-me lembrar uma observação da biografia de Alan Turing: "Por vezes, são as pessoas que ninguém espera que fazem o que ninguém espera."

Certamente ciclópico, mas necessário, se não obrigatório, para atingir os grandes objectivos do estudo. A coerência do GAIS assegura o seu funcionamento geral, apoiando a realização de todos os objectivos ambiciosos, mantendo-se congruente e em conformidade com a dimensão do projeto.

No entanto, tendo em conta o ritmo a que este sector técnico está atualmente a arrastar o resto do mundo, a sua realização deve ser vista como totalmente concebível, se é que já não está a acontecer.

Depois de ler esta rápida atualização, deve concordar que estamos prestes a entrar no futuro, pelo menos tal como era visto há uma geração atrás.

Por exemplo, pelo menos no continente europeu, o tráfego aéreo já é regulado e gerido por um sistema informático sofisticado e absolutamente integrado. Isto seria inconcebível há apenas algumas décadas. Vale a pena recordar que, no início do século passado, só os pássaros podiam voar. Hoje, em suma, estamos a utilizar um módulo que vai interligar e combinar cada vez mais circuitos meteorológicos com agências de viagens, circuitos bancários, circuitos de saúde e segurança, etc., sem quaisquer limites aparentes, exceto a imaginação.

Consequentemente, já estão a surgir tendências para capitalizar sistemas díspares, integrados de forma abrangente por vários módulos, cada um dos quais é interdependente, distribuído, mas coordenado por funções complementares através de protocolos partilhados.

Estas realidades actuais ou projectadas, independentemente do presente estudo, podem já estar operacionais dentro de algumas décadas. Assim, antecipar o domínio do "know-how" necessário para um sistema abrangente do tipo GAIS no final da fase de transformação não deve ser tão surpreendente e assustador como o Big Brother de Orwell. Pessoalmente, estou calmo e confiante neste arranjo.

P- De que é que não tem a certeza?

A- Preocupa-me a falta de visão e de sensibilidade para as questões globais por parte de quem interessa, que, em vez disso, se limita e se restringe aos seus próprios interesses.

Esta orientação mental, no entanto, pode prejudicar qualquer um de nós.

Tenho uma pergunta para vos fazer. Trata-se de um inquérito simples mas vital.

Como classificaria este estudo após a leitura deste primeiro livro, pelo menos em termos de metas, programas e objectivos?

Escolha entre: desnecessário, supérfluo, imaginativo, prematuro, cativante, convincente, necessário e indispensável.

A maior parte dos mais de oito mil milhões de pessoas que habitam a nossa jangada, uma vez conscientes, poderiam quase de certeza interessar-se pelo avanço desta investigação. Será apenas uma questão de tempo até que a maioria das pessoas compreenda e aprecie o resultado de estudos ou projectos como este, ou outros semelhantes. Quer já existam, quer venham a surgir em breve, basta colocar hipóteses ou imaginar inúmeras respostas, ainda que com caminhos, metodologias, avanços ou execuções diferentes.

Cada vez mais, todos poderão primeiro analisar, escolher e depois defender a implementação da opção considerada mais abrangente para alcançar os objectivos desejados e acordados internacional ou universalmente; de uma forma gradual mas imparável. Muitos acreditam hoje que muitas coisas vão mudar, mais cedo ou mais tarde, e que tudo deve, mais do que pode, ser mudado.

P- Seja qual for o resultado da classificação, como é que esta iniciativa poderia evoluir desde o início?

A - Se a organização fizer a sua tarefa corretamente e tudo correr favoravelmente, esta transição poderá começar quando uma percentagem suficiente da população da Terra (grupo A) aceitar comprometer-se em número suficiente para desencadear o efeito SNOWBALL. Provavelmente, na medida em que esta massa se torne numericamente substancial, será necessário atualizar os documentos fornecidos no capítulo três, que, recordo, traça o caminho para iniciar e completar a transformação.

Haveria uma base de realidade suficiente com alguns actores-chave para criar e testar todo o GAIS a todos os níveis da

pirâmide administrativa.

O plano MORPHING poderia tornar-se executivo uma vez avaliado e adotado por um número suficiente de participantes. As formas de fazer regressar a densidade de residentes/km² aos níveis de 1970, que alguns territórios têm de conceber e implementar, são, sem dúvida, as etapas mais significativas, mais críticas, demoradas e exaustivas de toda a transformação.

Se for o caso, retomar esses documentos apenas para os rever e, se necessário, reformulá-los para criar uma versão oficial e final pelos aderentes; em particular, ajustar as tabelas de parâmetros e, em seguida, reformular o plano individual de MORFOLOGIA.

Haveria também uma base de realidade suficiente com alguns actores-chave para criar e testar todo o GAIS a todos os níveis da pirâmide administrativa.

O plano MORPHING poderá tornar-se executivo quando for avaliado e adotado por um número suficiente de participantes.

Outro ponto que pode despertar o seu interesse é saber se vale a pena envolver-se num empreendimento tão grande.

As respostas possíveis incluem: SIM, NÃO, NÃO TENHO A CERTEZA, É MUITO CEDO.

SIM- É isso mesmo. Procedam com cautela. A viagem será difícil, mas os vossos descendentes ficarão gratos.

NÃO - Tente responder depois de terminar o texto; se ainda acredita nisso, acho que tem demasiados interesses em jogo e/ou falta de responsabilidade social.

NÃO TENHO A CERTEZA - Penso que precisa de mais informações e esclarecimentos para ter uma ideia mais clara, mas já está no bom caminho.

É MUITO CEDO - Porque é que acha que é muito cedo? Acha que vale a pena esperar? Quanto tempo mais? Para quê mais? Considera que

que, se continuar a este ritmo, o cenário no "Dia da Ultrapassagem" irá melhorar?

Quer tenha escolhido uma destas respostas, ou outras, ou nada, saiba que continua a ser uma parte diretamente afetada por qualquer situação ou acontecimento que surja no nosso planeta. Independentemente dos pensamentos legítimos de qualquer pessoa, qualquer resultado, como resultado do nosso comportamento, irá sempre afetar-nos a todos. Por isso, é melhor manter-se pelo menos interessado, se não participar ativamente.

Só conseguiremos fazê-lo se trabalharmos em conjunto, sem água no pescoço, e tomarmos medidas fortes o mais rapidamente possível, custe o que custar; caso contrário, teremos de as tomar apressadamente amanhã, no meio do pandemónio global, aumentando as condições da catástrofe.

Considero que um pacote coerente e abrangente é a melhor alternativa; meias medidas, mesmo que realizáveis num curto espaço de tempo, agravariam a situação.

Depois de se chegar a um acordo convergente sobre os objectivos absolutos e universais, só se deve redefinir concretamente a forma de os alcançar, especialmente se já existir um caminho adequado.

P- Tenho uma vaga dúvida de que se esteja a referir a este estudo, ou estou enganado?

R - Não está enganado e, ao mesmo tempo, estou convencido de que se envolve diretamente no projeto. Teria todas as funcionalidades, mas o que é que lhe faltaria?

Este estudo começa por definir objectivos amplos, abrangentes e inesgotáveis que proporcionam estabilidade e prosperidade globais. Em seguida, define um novo conjunto de novas leis integradas, mas apropriadas, e termina delineando caminhos personalizados para cada nação que podem ser seguidos de forma coordenada para serem concluídos simultânea e harmoniosamente.

P- É repetitivo; também já ouvi estas afirmações antes, várias vezes.

R- Se as repeti, é porque as considero fundamentais. Foram reiterados apenas para sublinhar a sua importância, sobretudo tendo em conta os objectivos ambiciosos. Por isso, temos de reforçar a consciência e a determinação necessárias para os atingir. Há um longo caminho à nossa frente e a separar-nos, mas estaremos cada vez mais perto. Para já, "mais vale isto do que nada", como se diz no meu país. Por outras palavras, em vez de ficarmos passivamente à espera, vamos avançar contentando-nos com o que podemos fazer e alcançar todos os dias, desde já; porque "Quanto mais cedo começarmos, mais cedo chegamos lá". Esta posição deveria ser bem traduzível e compreensível em todas as línguas do planeta.

P- E se falássemos um pouco sobre os recursos? É verdade que estamos a consumir rapidamente os recursos, sobretudo os não renováveis, mas também é verdade que, historicamente, toda a economia, as nações e, mais recentemente, as empresas multinacionais se actualizaram e continuarão a evoluir, adaptando-se e ajustando-se a questões cada vez mais críticas. A evolução é um processo natural, pelo que este estudo deve ser considerado supérfluo, desnecessário, se não mesmo contra a natureza.

R- Historicamente, muitas situações críticas naturais (conflitos, peste, fome, etc.) foram detectadas em pequena escala e resolvidas mais ou menos rapidamente, mesmo com um esforço determinado ou com sorte, trazendo ainda uma melhoria geral, mas agora há condições que afectarão todo o globo. Por favor, não me obriguem a repetir a lista completa de problemas. Revejam os (poucos) que começaram com o Holoceno, comparem-nos com os mais recentes (crescentes) do Antropoceno, e digam-me se esta aceleração pode ser classificada como uma "continuação natural". O que é que é natural para além da participação da componente humana? Não encontro nada de natural, mas sim um crescimento acelerado desenfreado e não natural. Muitos podem não gostar, mas reinterpretado desta forma, não faz muitas rugas, de facto encaixa perfeitamente. Há que tomar uma decisão: ou a consciência ou a falta de responsabilidade.

P - Acha que o projeto da Terra Magnífica é conscientemente exequível? Ou é apenas uma visão fantástica, um texto de fantapolítica ou algo do género?

R- Concordo que o projeto pode ser inicialmente julgado como uma coleção de pensamentos utópicos e fantasiosos com apenas uma leitura rápida. Contém em pormenor todos os elementos para cenários globais hipotéticos futuros. Relendo-o com calma, com uma visão ampla do todo, compreendendo melhor as ligações, os entrelaçamentos, o arranjo combinado de motivos e objectivos, e o apoio mútuo de todos os seus componentes, pode-se começar a vislumbrar a sua realização viável. Certamente não rapidamente, certamente não facilmente, mas tudo isso é viável; não há obstáculos insuperáveis contemplados.

P - O senhor alerta para isso, mas eu vejo no hexadecálogo instrumentos que rompem simultaneamente com todo o tecido sócio-económico de todas as realidades nacionais, de todos os grandes interesses históricos estabelecidos; são intervenções de tal forma disruptivas que são impraticáveis, praticamente inadmissíveis e inexequíveis na sua totalidade, tornando o projeto atualmente inviável e inevitavelmente rejeitado.

A - Bravo; acertaste em cheio. As principais regras do projeto, pelo menos os primeiros cinco dogmas, são literalmente uma barreira, uma pedra sobre as normas e os hábitos atualmente em voga. De outra forma, como se poderiam atingir objectivos globais tão vastos utilizando servilmente as mesmas regras, hábitos e comportamentos que foram historicamente codificados e amplamente estabelecidos, tanto cultural como socialmente?

Dada a dimensão e o peso dos objectivos a atingir num período de tempo relativamente curto, são necessários instrumentos e intervenções de alcance pelo menos semelhante. Quanto mais disruptivos forem considerados, maior será a sua credibilidade e adequação à utilização. Colocar sempre os 5P à frente, caso contrário tudo isto não faria sentido. Como vêem, também eu insisto em repetir isto que está entre os pontos altos da proposta.

P- Então, vai haver uma grande revolução global?

R- Pelo contrário, vejo-a como uma hipótese progressista e responsável que incorpora uma nova consciência mundial, o NEW DEAL do terceiro milénio, mas desta vez com ressonância numa abrangência obrigatoriamente global.

P - Esta "cobertura global" será aceite? As pessoas ainda não estão suficientemente maduras para lidar com isso?

R - Como indicado acima, é o cenário tradicional dos pioneiros; qualquer originalidade tem de ser introduzida por alguém, mais cedo ou mais tarde. Assim tem sido e sempre será. O formato deste projeto pode ser visto como um desafio, não um desafio fácil, mas um desafio ao mais alto nível universal. Há alguém ou alguma organização a quem se tenha de pedir autorização prévia antes de propor um projeto? A simples apresentação inicial não é um costume livre? Pelo menos na maioria dos países?

Para um desafio desta envergadura, antes de ser impulsivamente rejeitado, é preciso também dar tempo suficiente para a sua compreensão, avaliando-o tendo em conta tanto os riscos potenciais como os benefícios esperados. O tempo, como penso já ter dito, está do lado do projeto; quanto mais tempo falarmos sobre ele, melhor todos o compreenderão e apreciarão.

P- É verdade, mas a história mostra frequentemente que são os que seguem as pegadas dos pioneiros que mais beneficiam.

R- Mais uma vez, tem toda a razão; tudo faz parte do jogo ou do papel das partes. Nestas condições, a história repete-se; a evolução precisa destes passos, ou melhor, precisa destas tentativas. Mesmo que falhem, mas sempre com modificações, correcções e as necessárias repetições, é um refrão que, mais cedo ou mais tarde, acaba muitas vezes por chegar ao resultado desejado, se não mesmo melhorado. Na nossa situação, não o vejo como uma questão de realização pessoal. O simples facto de falar sobre o assunto, incluindo a sua crítica, seria para mim uma indicação positiva. De facto, espero sinceramente, pelo menos, uma resposta de curiosidade genérica. Tal comportamento promoveria uma fase de atenção através de esclarecimentos relativos, insights, clarificações, para nos interpelar como este quarto capítulo, para finalmente facilitar a convergência para uma compreensão crescente.

P- Se apenas uma pessoa repara e lê, é de facto um washout e nada é feito com ele.

A- Quem define os limites temporais, como um mês, um ano ou uma década? Não há nenhum limite de tempo. Se apenas uma pessoa soubesse, seria um problema insignificante no início. Pode ser resolvido prevendo-o e coordenando vários meios

de divulgação, distribuição e contacto com entidades, associações e organizações culturais, entre outros. Além disso, foi construído pelo menos um site de referência para este efeito, que serve de plataforma de consulta e distribuição de documentos actualizados, bem como de coordenação de actividades que demonstrem interesse em, pelo menos, dar continuidade ao projeto.

Posteriormente, devem ser amplamente utilizadas ferramentas e tecnologias como listas de distribuição, blogues, boletins informativos, redes sociais, etc.

P- Se fosse um projeto de sucesso, seria um empreendimento extraordinário que exigiria uma organização global.

R- Também estou convencido disso. Mas gostaria de salientar que nunca pensei num arranque rápido e que não estou demasiado confiante quanto a isso. É quase certo que serão necessários vários anos para o arranque. É muito provável que algo substancial aconteça dentro de uma década, no máximo. Se, nessa altura, não tiver sido alcançado um certo número de interessados, o veredito será evidente, seja ele qual for.

P- Então, já estão a planear falhar em todos os sectores?

R- Isso parece-me um pouco exagerado e um pouco prematuro. Se se vai falar de fracasso, não sei se é o do projeto, mas sim o do planeta. Se tal acontecesse, a culpa não seria de quem o propôs, mas sim de mais um fracasso direto resultante do nível de consciência global. O projeto será guardado numa gaveta, possivelmente não num caixote do lixo, ou passará para o armazenamento de segurança e aí permanecerá, com potencial boa companhia.

P- Então, se já prevê este fim, isso significa que eu tinha razão quando disse que provavelmente haveria uma rejeição do projeto?

R- Apenas respondi logicamente a uma alternativa pessimista sua. Não pode, por vezes, tentar pensar de forma positiva, pelo menos um pouco? Há já tantas situações actuais que mostram inequivocamente desenvolvimentos com os quais nos devemos preocupar. Estou certo de que, seguindo a direção da "seta do tempo", a data do "Overshoot Day" se aproximará inexoravelmente do início do ano. É melhor preocupar-se agora

sobre o resultado desta regressão. Esse calendário é uma certificação brutal do declínio constante da qualidade das formas de vida no mundo, incluindo a nossa. Não quero ser rotulado de terrorista ou catastrofista, mas subestimar, ou pior, fingir que não sabe, ignorar ou esconder não resolve os problemas, apenas os adia, agravando-os. E é a este sinal preocupante que respondo com a minha proposta; por isso, classifico-me de otimista.

Fomos classificados como SAPIENS, agora vamos prová-lo. Se já somos identificados como HOMO SAPIENS há pelo menos 300.000 anos, está na altura de dar o passo seguinte e transformar a nossa marca em HOMO FELIX. A transição coerente do genérico Antropoceno para o atualizado e desejado Felixceno não seria assim tão extravagante.

Além disso, não basta concordar em ratificar este salto; é preciso acordar e implementar transformações significativas para estabelecer uma convivência planetária efectiva, completa e estável. Se nos considerarmos sapiens cada vez mais evoluídos, o que quer que isso signifique para nós. Não esqueçamos que somos sempre parte da natureza deste planeta. Não podemos ter duas gestões separadas e antagónicas - a Humanidade e o resto do planeta. Não poderíamos competir e manter o confronto por muito tempo; mais cedo ou mais tarde, seríamos os perdedores. Em alternativa a esperar por este desfecho, vale a pena empenharmos-nos, desde já, na procura de uma coabitação frutuosa e perene.

Aceitá-lo permite-nos evitar exacerbar os seus problemas e provocar reacções negativas incontrolláveis. Já descobrimos uma vasta gama de problemas críticos que se estão a propagar.

Seria o primeiro e mais ideal sinal de sucesso progressivo se conseguíssemos evitar aumentá-los. Ao mesmo tempo, à medida que aumentam as pressões para encontrar soluções para problemas não resolvidos e que se acumulam, será importante abordá-los com urgência, fazendo investigação e gerando pacotes de soluções claras, viáveis e concretas.

Como sabem, a procrastinação é um mantra que não resolve os problemas e, muitas vezes, agrava-os. Não demonstra uma previsão responsável nem uma sabedoria esclarecida.

P- Estas palavras soam bem, mas agora o mundo está completamente ocupado com outros assuntos e poucos se interessarão por este projeto, que, como indicou, está ainda na fase inicial e, portanto, também incompleto.

R- É muito preciso e correto, mas isso não significa que eu esteja errado. Nunca planeei procurar o tempo e a atenção que o estudo exigirá após a conclusão do "Livro Terceiro", mas é preciso começar por algum lado. Entretanto, como indicado acima, a apresentação deste livro é necessária para a continuação do projeto, e quanto mais cedo se começar, mais cedo se chega. A conclusão do material do capítulo três representa um ponto de viragem. Procurar a participação e a colaboração, bem como recursos suficientes, é um passo essencial; sem isso, não há esperança de que o projeto se desenvolva e seja concluído como merece.

Este projeto não ajuda a encontrar soluções imediatas para os problemas actuais. Mas isso não significa que o projeto seja inútil. Os seus resultados consistentes aparecerão dentro de algumas décadas.

Os problemas actuais não desaparecerão por si só, nem se limitarão a um único "Dia da Ultrapassagem", mas tornar-se-ão mais evidentes e persistentes à escala global. Mais do que 10 mil milhões de pessoas sentirão certamente os seus efeitos dentro de algumas décadas. Manter as nações e os continentes sob um controlo pacífico não será suficiente para cumprir a responsabilidade; tudo se tornará cada vez mais difícil e dramático porque os problemas reais e irrefutáveis em grande escala estarão relacionados com a sobrevivência, afectando todos os níveis da pirâmide de Maslow.

Os que têm tempo já não precisam de esperar.

Será necessário repetir isto? Penso que este é um mantra adequado. Os problemas devem ser enfrentados e resolvidos. Nos últimos anos, mantivemo-nos bastante saudáveis. Podemos contar com muito tempo para concluir, aperfeiçoar e distribuir o projeto. É uma solução pacífica que parte das circunstâncias actuais, não perturba, mas melhora, o estilo de vida de todos e estabelece objectivos universais como a estabilidade global equilibrada. Haverá alguém que não concorde que estes objectivos são dignos, no seu conjunto, da humanidade? Será que os comportamentos e os interesses dominantes de

facções, grupos e lobbies específicos ainda prevalecem? Este projeto, se for plenamente realizado, assegurará o mais alto nível de resiliência planetária. Este valor não pode ser quantificado e não é possível efetuar comparações com cenários semelhantes.

Trata-se de um novo ponto de viragem que não pode ser comparado com os anteriores.

P- No entanto, praticamente todas as componentes do projeto entram em conflito com os costumes actuais, vão encontrar um desacordo generalizado, uma rejeição firme e um muro de oposição resoluto.

A- Concordo, e pode acontecer exatamente o mesmo. Cada elemento revela problemas ou insuficiências quando considerado separadamente. Isoladamente, nenhum gera consenso, mas cada um provoca uma perplexidade imediata. No entanto, não é assim que se deve avaliar o hexadécálogo. Seria um veredito demasiado duro se fosse pesado e examinado independentemente para cada uma das suas consequências.

Em vez disso, uma avaliação fiável e realista deve referir-se a toda a funcionalidade integrada do projeto. Atingir os objectivos requer a aplicação de ferramentas, normas e atitudes que não estão disponíveis ou recuperáveis no mundo de hoje. Só nesta configuração, apesar da enorme mudança de sinal, o resultado é obviamente positivo. Só a aplicação conjunta de todo o hexadécálogo para atingir os objectivos justifica plenamente a aceitação dos avanços individuais.

P- Mas especular sobre as reacções mundiais é difícil; literalmente, profetiza-se uma revolução mundial impossível de aceitar no escuro.

A- A história está cheia de novos conceitos que eram desconhecidos de todos antes de serem criados e difundidos nas primeiras fases de qualquer evolução.

A natureza, como um todo, sempre procurou e encorajou variações sobre o tema, mesmo em contextos estabelecidos. Se assim não fosse, continuaríamos a ser macacos arborícolas. Adaptámo-nos em pequenos ou grandes passos, e só nos últimos dois séculos acelerámos o ritmo das mudanças, nomeadamente do progresso tecnológico. Este projeto poderia fazer parte de uma outra grande fase evolutiva e a sua realização resolveria enormes

críticas históricas de um só golpe, bem como desbloquear novos desenvolvimentos inovadores.

P- Mas, concretamente, a que críticas históricas se refere?

A- Os eternos contrastes entre nações, governos e impérios são a consequência direta de uma rivalidade cíclica perene.

P- No entanto, neste momento, ainda não existe uma verdadeira consciência comunitária global; cada nação está atenta, ou melhor, preocupada no presente em conter os problemas do passado; estão individualmente concentradas em manter o seu elevado nível de riqueza mas, em alguns casos, também a sobrevivência; por isso, este projeto será provavelmente visto como mais perturbador e provocará posições de legítima oposição.

R- Infelizmente, o que afirma é uma prática compreensivelmente generalizada e de longa data. Compreendo, portanto, a sua preocupação, mas não a sua desconfiança. Com o meu otimismo, acredito sempre que, antes de criticar ou reprovar para destruir prematuramente os objectivos do projeto, se deve encorajar alguém a conhecê-lo e a compreendê-lo mais profundamente, mas só depois de ponderar o provável futuro próximo.

P- As críticas existirão sempre, claro.

R- E bem-vindas, se forem construtivas, reforçam e melhoram o projeto. Nunca esperei que a minha proposta fosse aceite desde a sua estreia. Esta fase inicial, no entanto, mal chega para uma introdução genérica.

P- Com tão pouco material, é impossível formar uma opinião informada que implique avaliações aprofundadas.

R- É preciso paciência; no terceiro capítulo ilustro a progressão gradual na disponibilização de mais documentação; o projeto tem cobertura planetária, pelo que, através de colaborações, vislumbro e espero uma participação consistente.

P- Quais são os objectivos que espera alcançar com estas colaborações?

A- As colaborações contribuem largamente para a definição dos pormenores de todo o hexadecálogo, bem como da fase de transformação e da funcionalidade do GAIS. Devem envolver diretamente as realidades dispersas, que são recolhidas a partir da base estrutural. A convergência sobre as regras e regulamentos, que são depois implementados globalmente, deve incluir a representação completa desta nova e única SFI (Sociedade para os Habitantes).

Uma vez que serão utilizados a nível mundial, penso que seria útil que os diferentes representantes participassem ativamente na sua definição. Os princípios são globais, mas os parâmetros, que podem ser personalizados de acordo com as preferências, são locais. Partindo do princípio de que o hexadecálogo é seguido na íntegra, as bases proporão os parâmetros que podem ser fixados para o seu próprio território. As realidades locais que exprimem e aplicam as suas decisões locais também caracterizarão proporcionalmente os níveis superiores.

P- É aceitável que cada um siga os seus próprios interesses?

R- Não há alternativa, a resposta é SIM. Mas só se não se sobrepuser aos dogmas do hexadecálogo, aos parâmetros definidos no GAIS nos níveis superiores do sistema e, por fim, aos objectivos do seu atual PAL (Plano Administrativo Local).

P- Mas não existe uma verdadeira autonomia se as apostas forem colocadas a níveis mais elevados.

R- Estas aparentes apostas, que reflectem essencialmente a amplitude das janelas operacionais utilizadas no GAIS, não são mais do que o resultado resumido das realidades individuais deixadas pelas rondas administrativas anteriores e actualizadas para a atual. Por conseguinte, um percurso pode mudar progressivamente de direção, com pequenos ajustamentos. As indicações ou os pedidos de revisão de uma via podem vir não só das AL, dos residentes ou do GE, mas também de autoridades mais especializadas e diretamente responsáveis, como as agências.

P- Está a referir-se a organizações, instituições ou universidades?

R- É evidente que o projeto tem um alcance global e abrange todos os aspectos da vida social, económica e cultural. Caberá a estas entidades locais assegurar o bom funcionamento do projeto no seu território. Nada melhor do que incluí-las diretamente na escolha dos componentes, dos parâmetros e do impacto funcional.

No entanto, todas estas alterações devem ter lugar dentro e possivelmente para além da fase das eleições locais. Neste caso, as inovações já terão sido aprovadas pelo GAIS e o GE com os residentes será responsável pela revisão adequada, autorização pública e aprovação final. Estou sempre otimista e, portanto, convencido de que os benefícios dos novos cenários pós-MORPHING serão claramente reconhecidos

P- No entanto, já existem grupos que se ocupam de questões globais.

R- Vi recentemente a lista de temas que os participantes irão abordar, para um mundo coeso e sustentável, na edição de 2021 em Davos, que este ano será virtual: como salvar a Terra, tornar as economias mais equitativas, desenvolver a tecnologia, construir a sociedade e o trabalho do futuro, melhorar os negócios, melhorar os sistemas de saúde e promover o multilateralismo.

P- Os resultados das suas reuniões podem evoluir para a implementação de projectos reais que diferentes governos podem depois implementar, alcançando os mesmos resultados.

R- Isso conforta-me porque mostra que já existe uma procura de convergência em relação a alguns objetivos finais, mas, no final, são apenas recomendações muito boas; não contemplam uma abordagem de transformação radical.

P- Isso é o melhor que o planeta pode trazer para a mesa.

A- Parece ser um excelente pacote de objetivos admiráveis que se enquadram nos objetivos deste estudo. Pelo menos, não são contraditórios, mas antes complementares. O primeiro e o último tópicos são os que mais me atraem. Começamos por procurar "Como salvar a Terra". O anúncio implícito

de um apelo urgente à ação para salvar toda a nossa jangada em geral já é geralmente partilhado. E este é um ponto óbvio, uma partilha total: estamos todos no mesmo barco e, mais ainda, com o mesmo desejo e vontade de o salvar.

A grande diferença é que este estudo propõe uma única ação coordenada com objectivos globais finais pré-determinados. Enquanto as perspectivas contemporâneas podem indicar uma série de melhorias globais desejáveis, mas que teriam de ser implementadas voluntariamente por vários governos diferentes, e aqui as coisas sempre foram complicadas.

Considerando a soma de todos os esforços necessários para cada tentativa pioneira, parcial e isolada, portanto com pouca integração e escassas hipóteses de sucesso, prefiro as configurações para a solução proposta neste estudo.

P- Porquê?

A- É quase certo que alcançará e manterá um resultado final esperado mais estável e equilibrado. Talvez até em momentos de realização semelhantes. Ter os mesmos resultados e o mesmo período de tempo é a melhor perspectiva.

P-Então tem o conflito de sobreposição.

R- Não vejo as coisas dessa forma. Ambas se inclinam para a resolução de muitos problemas. Com a via do projeto, prevê-se a resolução de todos eles, ao mesmo tempo que se atinge um nível de estabilidade global e perene difícil de alcançar com as melhores vias parciais actuais. É complicado comparar recomendações separadas com um único programa integrado.

P- Em Davos, apesar de estar representado praticamente todo o mundo, apenas foram abordados temas de interesse global.

R- O subtítulo deste livro é "Como transformá-la" (ou seja, A Terra Magnífica). A mesma premissa se aplica ao diagnóstico e à importância de intervenções drásticas. Noto uma pequena distinção no verbo: salvar em vez de transformar. O primeiro, salvar, é experimentar novos tratamentos, obviamente

mantendo as configurações planetárias básicas habituais. Aqui, por outro lado, propõe-se uma transformação radical, após a definição de novos objectivos e cenários futuros, planeando as etapas das intervenções.

Assim, embora em princípio ambas as abordagens tenham como objetivo alcançar os mesmos benefícios, no nosso caso a diferença substancial encontra-se na intenção de reestruturar, ao mesmo tempo, também as configurações da estrutura administrativa planetária. Este não é um pormenor de somenos importância. Além disso, com esta opção substancial, garante-se a máxima durabilidade na manutenção dos resultados propostos.

P- Dê-me alguns exemplos de resultados.

A- Os objectivos principais que eu encapsulei nos 5Ps. Pelo menos nos três primeiros P's (Prospero, Perene, Pacífico) com a implementação de todo o hexadécálogo prevejo, após a fase de Morphing, um conjunto coordenado de resultados óptimos.

P- Um pouco fumado.

R- Talvez um exemplo possa ajudar a clarificar a distinção.

Consideremos um edifício antigo, talvez com dificuldades estruturais, que necessitaria não só de alguma modernização, mas também de várias renovações. Vamos limitar as intervenções possíveis a apenas duas.

A primeira, a que chamaremos tradicional, implica intervenções, com manutenção periódica e excepcional a qualquer nível, para manter o edifício habitável.

A segunda opção, dita inovadora, consiste em construir, nas proximidades, um novo edifício, com uma conceção que combine todas as melhorias tecnológicas disponíveis, e em transferir para ele os habitantes do edifício existente.

No primeiro caso, mesmo que todas as obras sejam efectuadas corretamente, o resultado final não é mais do que um edifício cada vez mais remendado e também muito caro, construído sobre fundações obsoletas e potencialmente destinado a tornar-se um estaleiro interminável.

O segundo, se desenvolvido corretamente e dentro dos parâmetros de conceção, merece oferecer e garantir a todos os condomínios um futuro mais longo, fiável, de qualidade e seguro.

P- Mas no nosso caso, estamos a falar de um planeta inteiro, não de um único edifício.

R- Evidentemente, o que eu considerava "o novo palácio" é o mesmo planeta, mas virtualmente reestruturado a partir das realidades administrativas individuais. Deixarão de existir administrações nacionais separadas, atualmente estimadas em cerca de 200, substituídas por uma única estrutura piramidal inteiramente confederada pelas bases de cerca de 200.000 administrações locais (AL).

Sem dúvida, esta é a melhor solução, radical e inevitável, que se desenvolverá nas próximas décadas ou séculos. Este estudo deve ser imbuído e transbordante de ambição, sem limites, porque nele nenhum desejo é poupado. Só podemos sonhar hipóteses sobre o futuro, melhor se elas também se tornarem realidade.

P- Porquê? Não seria perigoso ter demasiadas notícias? Não poderia estragar tudo?

R- Na fase de planeamento, se existissem, seriam imediatamente detectadas, dando início a discussões adequadas. Uma espécie de "Brain Storming", mas com o objetivo de encontrar novas ideias e não apenas de resolver problemas.

Vale sempre a pena discuti-las quando se avalia e filtra um grande número de novas propostas, porque quanto mais forem comentadas e ou criticadas, mais perto estarão de ser aperfeiçoadas.

Consequentemente, acredito que, pelo menos, os participantes que terão acesso a este estudo não são apenas antagónicos a ele e podem fazer críticas construtivas com base nos seus conhecimentos.

É muito provável que este seja um bom ponto de partida para procurar colaboradores. Mesmo que sejam utilizados para criticar este estudo em geral, a sua experiência diversificada e a sua compreensão das questões, especialmente as locais, que irão abordar são uma fonte válida que considero valiosa.

P- Que outras abordagens originais inclui a vossa proposta?

A- A exploração, o estudo e a identificação de medidas de correção são, sem dúvida, as mais inovadoras, ousadas e muitas vezes revolucionárias. Alguns exemplos práticos. Neste estudo, prevêem-se soluções como: uma estrutura administrativa única, uma moeda única e uma parceria nas actividades espaciais, bem como uma desmilitarização completa, um bem-estar generalizado, tudo coordenado e gerido pelo GAIS, e uma conservação cuidadosa dos recursos para garantir uma sobrevivência decente a 4 mil milhões de terráqueos. Trata-se, sem dúvida, de novos conhecimentos inesperados que, depois de compreendidos, implicam também uma digestão difícil. Se todos concordarmos com o diagnóstico e a necessidade urgente de reagir a todos estes obstáculos, aparentemente insuperáveis, podemos ultrapassá-los com uma serenidade paciente.

P- Mas se tivermos de delegar a gestão neste GAIS fictício, quem controlará as operações e se certificará de que as definições são seguidas corretamente?

R- Gostaria de recordar que este GAIS não é mais do que um sistema composto apenas por software e hardware que será posto em funcionamento por seres humanos, seguindo objectivos operacionais globais e delegações para alcançar operações altamente integradas e totalmente transparentes a serem utilizadas uniformemente em todo o lado. O GAIS será sempre uma ferramenta dedicada ao controlo da gestão operacional global da instalação, capaz de diversificar a utilização apenas das configurações autorizadas. Gostaria de referir que este instrumento é apenas uma extensão alargada dos nossos esforços para promover a regularidade, a legalidade, a estabilidade e o respeito mútuo em e entre todas as comunidades. Seremos cada vez mais utilizadores activos e integrados desta ferramenta no nosso quotidiano. Os especialistas já prevêem que, no final do século, cada habitante utilizará, para fins pessoais, mil CPUs. Assim, o nível e a descartabilidade da tecnologia não serão um problema, que se tornará evidente no controlo de todos estes diferentes "processamentos". É melhor prever e preparar a solução a tempo, antes que se torne um problema incontrolável. Se for bem montada e gerida, não há lugar nem rasto de ansiedades, medos, opressões.

P- As soluções forçadas serão necessárias devido à dimensão do desafio cultural.

R- Pode dizer-se que estamos a aproximar-nos da identificação do verdadeiro problema. Uma parte substancial do problema reside nas abordagens gerais, como os objectivos, os direitos e os deveres, que se completam no hexadecálogo e que todos devem cumprir integralmente enquanto abordagens gerais. No entanto, quando existem culturas e costumes específicos, alguns procedimentos podem ser adaptados local e temporariamente. Estes procedimentos devem ser propostos, analisados e finalmente aceites.

P- Mas quem estabelece e gere estas abordagens?

R- A resposta e a solução podem ser encontradas no terceiro capítulo deste documento, onde tento traçar a forma mais lógica de promover e adquirir um nível progressivo de interesse local, depois de co-interesse, com pelo menos uma intenção específica de participar. Dentro desta rede heterogénea de colaboradores interessados, continuamos passo a passo até que as integrações interpretativas localmente aplicáveis estejam concluídas.

P- É fácil de dizer, mas parece-me uma quantidade imensa de trabalho.

R- Sobretudo a verificação da coerência e da conformidade e a subsequente coordenação. Mas a quantidade de trabalho não é determinante: basta distribuí-lo entre os colaboradores e o tempo disponível. O importante é obter o melhor resultado.

P- E o prazo de execução?

A- A conclusão preliminar da morfologia, por si só, poderia levar até 20 anos, pressupondo uma participação significativa do território.

P- O que é que quer dizer com preliminar?

A- A fase de conclusão de todos os diferentes planos de ordenamento do território, reler o capítulo três. Em vez disso,

a duração efectiva da morfologia

A execução poderia ser quantificada como um século ou, em todo o caso, não mais do que um século e meio; dependerá das circunstâncias variadas que se verificarem nos vários territórios. Portanto, só saberemos com mais confiança no final da fase preliminar.

P- Falta mais alguma coisa?

A- As colaborações: humanas, a escolha do tipo de estrutura organizacional, a localização da sua sede e, finalmente, o apoio financeiro adequado.

P- Então continua a faltar tudo, não há nada em cima da mesa.

R- Se não dá a devida importância ao projeto, estou de acordo. Devo salientar que, para além deste texto do projeto, confirmo que tudo o que acabo de enumerar está atualmente em falta, apenas previsto. O projeto, mesmo que seja idealizado por uma única pessoa, deve evoluir, se aspira à sua plena realização, para um projeto, não só com cobertura planetária, mas deve absolutamente ser representado e constituído por uma participação multifacetada correspondente. Os resultados, sejam eles quais forem, devem representar a vasta vontade partilhada evidenciada em todos os territórios, se os houver, caso contrário ...

P- De outra forma?

R- Com muita pena minha, nesta infeliz circunstância, terei de constatar que os benefícios que se podem obter com um tal projeto não são considerados atractivos, ou que a situação mundial, agora ou nas próximas décadas, não é nem será ainda tão crítica. O que mais posso imaginar. Se o índice de colaborações listadas não indicar uma concretização adequada, tudo será adiado para o futuro, para as próximas gerações, porque também elas, apesar da variedade dos nossos comportamentos, serão afectadas pelo estado do planeta que lhes entregarmos.

P- Mas pára de adiar. Esperemos que seja finalmente o momento esperado. Voltando à fase de Morphing, falta mais alguma coisa?

A- A fase de MORFAMENTO será concluída com a publicação dos seus documentos finais. Só então se poderá dizer que o estudo de viabilidade do projeto está concluído. O fator mais importante é a aceitação nacional. Sem ela, que está longe de ser negligenciável, todo o estudo se reduz a uma simples hipótese de projeto que nunca poderá passar à fase de realização.

P- Então o que é que vai fazer?

R- Entretanto, continuaremos com o que está disponível com a intenção de completar o proselitismo que falta, além de divulgar os desenvolvimentos e actualizações contínuas. Como vê, haverá sempre muito para fazer, mas estou sempre convencido de que seremos muitos mais a fazê-lo, pelo que o desenvolvimento do projeto continuará como previsto, se não mesmo melhor.

P- Para a divulgação tem em mente algo importante, como conferências, manifestações nas ruas, ou outros?

R- Nada disso; confiaremos apenas na divulgação através do sítio Web do projeto, de acesso livre. A qualidade do seu conteúdo servirá de teste decisivo para certificar o seu interesse crescente.

P - Não será demasiado redutor tratar todo o projeto no contexto de um único sítio Web?

R- O que poderia ser melhor, é, tal como o projeto, de cobertura planetária, barato, com um pouco de programação permite a máxima personalização, até a gestão de serviços, bases de dados à vontade, comunicações e passagens de todo o tipo de documentos. Para começar, não vejo outras alternativas viáveis, mas isso não significa que pretenda excluir qualquer desenvolvimento posterior.

P- Como tencionam utilizar o sítio Web?

A- Apresentar inicialmente o conjunto do projeto, orientando o pensamento do visitante no sentido de o predispor a abordá-lo com simplicidade. Esta primeira parte termina com o descarregamento de todo o texto. Segue-se um espaço apropriado para colaborações. Passando das adesões, esta secção estender-se-á também à sua utilização; o sítio tornar-se-á então o centro de coordenação das suas actividades. A secção será alargada à medida que evoluir.

P- Então aí estarão concentradas todas as operações inerentes ao lançamento do projeto. Porque não também com as redes sociais, que também são de cobertura planetária.

R- Tenho alguma experiência na web, especialmente a programada. O início do projeto é delicado, sinto-me confortável com a escolha. Considerando que as redes sociais, neste momento, não me parecem adequadas para os objectivos iniciais. Poderão servir apenas quando o projeto tiver passado a estreia e estabilizado.

No entanto, o sítio servirá sempre como o principal suporte operacional para a progressão dos trabalhos, como já previsto.

Farei questão de assegurar que este estudo seja atualizado regularmente. O segundo e o terceiro romances serão provavelmente republicados aqui de cinco em cinco anos. Será intrigante observar as disparidades durante as diferentes épocas e influências, a nível local e global. Gerir muitos saltos culturais ao mesmo tempo implica um acordo global sobre os objectivos e a aceitação dos compromissos, esforços e sacrifícios associados. Porque estou consciente de que cada solução tem prós e contras, estou a inclinar-me para uma divulgação progressiva, dependendo do âmbito e da importância da questão divulgada. Estou a pensar em várias opções para aprofundar gradualmente a divulgação do projeto. Estas opções permitem que um público mais vasto o conheça em profundidade. Aqueles que não o compreendem de imediato podem recorrer a lições anteriores, tal como na escola. Não espero que o projeto seja absorvido e digerido num curto espaço de tempo, de uma só vez. Muitas pessoas tê-la-iam achado indigesta, talvez demasiadas, e teria sido mal compreendida, fornecendo razões para ativar e fomentar a regurgitação, uma reacção inata de oposição, e a

resistência; não é bem o caso. Os objectivos da divulgação não incluem o estímulo a atitudes negativas, mas se estas se manifestarem, é melhor tomar nota, conhecê-las e tratá-las imediatamente. O objetivo é a participação de um vasto leque de intervenientes. Já seria útil gerar uma curiosidade inicial e depois, à medida que o conhecimento avança, encorajar e incentivar a transformação desses curiosos iniciais em interessados, com o objetivo de os converter em numerosos simpatizantes e, porque não, apoiantes.

P- Estou entusiasmado, quando é que começa?

R- A curiosidade é compreensível, mas tudo leva tempo e é necessário consolidar a informação em cada continente, mesmo que inicialmente em número reduzido. Incentivar a curiosidade e o interesse para os ajudar a crescer. promover a difusão, o crescimento e o desenvolvimento de grupos distribuídos de pessoas interessadas.

A principal atividade que terá lugar nestes centros é a sua utilização como base para a recolha de informações, orientações e inclinações e, em última análise, para a definição de objectivos locais.

Com o maior envolvimento destes responsáveis e a recolha desta informação e dados, torna-se possível estabelecer e organizar os parâmetros e regras globais para a personalização local. A sua utilização posterior, após a devida validação, garante o respeito mútuo global. Quanto mais claras forem as realidades envolvidas, mais fácil e próxima será a adesão dos seus países.

P - Também aqui, tal como noutros pontos, são abordados apenas de forma breve, deixando várias possibilidades de interpretação, o que nos dá um exemplo prático.

R - É verdade, mas não entrei em pormenores neste momento porque considero que é preciso desenvolvê-los primeiro, e só depois é que se podem concretizar quando as realidades locais surgirem. Uma vez formuladas as realidades, aqueles que se propõem ser responsáveis por elas devem teorizar e compor soluções conciliadas com as realidades, mantendo o espírito dos princípios indispensáveis e vinculativos do projeto.

P- Então delegará a realização do projeto a outros?

R- Embora tenha concebido o quadro básico do projeto, nunca esperei que, após a apresentação inicial, pudesse levar o projeto por diante sozinho; o projeto é de âmbito planetário e, por isso, faz sentido, e tem de haver uma participação proporcional.

Por isso, estarei atento, ou melhor, interessado em ativar as estruturas organizacionais adequadas com o objetivo de acolher e envolver as colaborações que se tornem disponíveis. Tenciono começar com um pequeno comité simples e depois, logo que as condições sejam adequadas, estabelecer uma base, a partir da qual a estrutura se possa expandir. Como corolário, para além dos colaboradores, serão bem-vindas outras entidades, como associações, patrocinadores e simpatizantes, que reforçarão e complementarão o apoio generalizado. Estas adesões progressivas e alargadas serão percursos sem termo; o melhor indicador da popularidade e afirmação da proposta.

P- Mas todos estes projectos de desenvolvimento interessantes têm um custo; se o livro é gratuito, como vai lidar com esta questão?

R- Ainda estamos nesta "versão" do planeta, pelo que qualquer possível avanço será proporcional aos fundos, às subvenções que o comité ou a fundação receberem. Os donativos, que serão publicados no sítio em tempo real, servirão também como outra indicação clara, mostrando o nível de envolvimento e apoio a toda a iniciativa.

P- Isto implica que todas as doações serão tornadas públicas?

A- É bastante óbvio que cada registo conterá, para além do carimbo de data/hora e do montante, o pseudónimo do doador. Os totais do período e assim por diante. Mas não é só isso; todos os registos contabilísticos consequentes, desde as fontes até aos destinos, serão e permanecerão públicos, para garantir total transparência.

P- Se isto é o início, parece ser uma iniciativa apelativa.

R- É preciso começar bem, não só para dar um bom exemplo, mas porque é preciso começar por mudar certos hábitos; o hexadécálogo exige-o.

P- Já começaram a reunir estes recursos para o desenvolvimento do projeto?

R- Ainda nada foi feito, apenas algumas indicações, em termos de partilha de colaboradores. Tudo está a acontecer ao seu próprio ritmo. Não vale a pena perder tempo a concentrarmo-nos demasiado em algo que pode nunca vir a concretizar-se como se espera. Mas, como estou certo de que esta iniciativa despertará algum interesse, tanto positivo como negativo, só com a variedade da oferta de disponibilidades, haverá então condições para afetar utilmente esses recursos.

P- Como procederia se estas colaborações tivessem dificuldade em manifestar-se?

R- O resultado da procura de colaborações é absolutamente vital. Há muito com que se preocupar, não só do lado do projeto, se, dos cerca de 8 mil milhões de pessoas que, depois de conhecerem o projeto, nenhuma ou poucas se sentirem, pelo menos, intrigadas ou interessadas desde as primeiras fases. De todos os pontos de vista, este desinteresse flagrante seria um grande problema. Previa longos prazos de execução. Se o início fosse sólido, haveria uma certeza mais válida do que a mera esperança de que o progresso e a conclusão do projeto ficariam nas mãos de pessoas extremamente responsáveis. Especialmente aqueles com experiência comprovada no projeto.

P- Então, se bem entendi, o enunciado do hexadéclogo não completa o estudo, mas prenuncia a etapa mais difícil.

R- De certa forma, sim; o conteúdo deste livro, o Capítulo 2, abre e fornece soluções para problemas actuais ou futuros, mas não discute os métodos de implementação dessas soluções, que são delineados no Capítulo 3.

Esta última fase é, sem dúvida, a mais exigente, quanto mais não seja porque engloba todas as diferentes realidades actuais dos territórios e procura convertê-las num novo conjunto de

normas universais. As directivas e normas individuais devem ser revistas com cautela, porque as suas alterações podem ter repercussões locais importantes. Não é um oximoro afirmar que somos todos iguais e, ao mesmo tempo, praticamente diferentes, especialmente em termos de costumes e tradições.

A nível nacional, estamos atualmente estruturados de forma diferente e temos quadros legislativos adaptados.

Para ser plena e eficazmente operacional, o projeto exige que todas as zonas do planeta estejam em conformidade com um único sistema fundamental, com algumas variações regionais e, por vezes, temporárias.

As novas regulamentações devem ser introduzidas à escala mundial, mas por fases, sempre com uma simultaneidade simétrica.

Não vejo como é que podemos sair desta situação com um caminho relativamente rápido e um fim garantido e definitivo numa atmosfera global impregnada de conformidade estabelecida.

Tanto quanto sei, esta é também a primeira tentativa de envolvimento generalizado.

De certa forma, esta ideia parece inspirar-se numa "resposta alexandrina". Concordo que designar um par de séculos como um período relativamente curto é um oximoro, mas considero-o um intervalo de tempo aceitável para a coerência com as realizações dos séculos passados. Não é necessário despender tanto tempo, mas é, a meu ver, abundantemente congruente começar por aceitá-lo e depois pô-lo em prática, fazendo-o funcionar.

Se prevejo que a transformação levará alguns séculos, isso significa que estou agora bem ciente dos problemas generalizados que precisam de ser resolvidos.

Quem sabe quantas gerações serão necessárias para terminar a fase de MORFAMENTO?

P- É possível reduzir o tempo de implementação?

R- Poderia responder em dois sentidos, certamente ou talvez. Mas isso dependerá do nível de acordo e cooperação. Eu seria o primeiro a confessar que ficaria aliviado por me ter enganado, ou seja, por ter optado por ser demasiado cauteloso. Recordo que previ que o prazo de execução do projeto seria de

completada em 100 a 200 anos, assim podemos antecipar a aproximação às circunstâncias previstas para o início efetivo da TERRA MAGNÍFICA de 20 a 40 PASSOS. Dediquei todo o terceiro capítulo à tentativa de ilustrar a fase de MORFINGA, a etapa de preparação e transformação do mundo. Com esta estratégia, os chamados grandes e desagradáveis problemas e as suas consequentes respostas são reduzidos a muitos passos mais pequenos de muitas dificuldades mais pequenas, distribuídas e diluídas no tempo. Com esta separação em pequenas etapas, a abordagem PROBLEM SOLVING vai descobrir o espaço e as condições para soluções inventivas ou mais eficazes. Nessa altura, se as soluções forem partilhadas e determinadas, tendo em conta tanto a fluidez dos objectivos finais como a fase de progresso incremental, toda a duração diminuirá...

P - Boa resposta. Eu já conhecia a narrativa do MORPHING, mas estava a referir-me aos grandes interesses, às grandes nações, às grandes concentrações de capital e de finanças, às empresas multinacionais, etc. Será que me exprimi claramente?

R - A questão é agora muito mais clara e direta. O objetivo do projeto é garantir a segurança e a estabilidade social do ambiente global. Não se trata de uma questão secundária. Os chamados "GRANDES INTERESSES" são normalmente o resultado da centralização, da acumulação de um grande número de pequenas entidades, parceiros, accionistas, etc. Como resultado da implementação do projeto, ninguém perderá esses valores legalmente obtidos e reconhecidos. Todos continuarão a viver o estilo de vida que ganharam, alcançaram e mantiveram. Com as devidas actualizações, pelo menos seguindo os ciclos geracionais; caso contrário, perturbar todo o universo e depois restaurá-lo ao seu estado atual seria uma tarefa de gato e rato. Por conseguinte, a alternativa do projeto é manter-se presente indefinidamente, mas com uma estrutura diferente. Os residentes decidirão (mais cedo ou mais tarde) sobre a aplicação e a implementação, pelo que aqueles que quiserem aproveitar a oportunidade devem fazê-lo o mais rapidamente possível. OS GRANDES INTERESSES DEVEM ESCOLHER ENTRE UMA NOVA ESTABILIDADE PERMANENTE E A CONTINUAÇÃO DE UMA SITUAÇÃO HISTÓRICA CRESCIMENTO EM. É importante notar que os pormenores do projeto serão definidos durante o processo, tendo sempre em mente os objectivos básicos. Por conseguinte, o último a aderir estará sujeito aos regulamentos já estabelecidos.

Em alternativa, se a iniciativa sofrer oposição, se a sua divulgação for dificultada e se a sua aceitação for contestada e atrasada, estes

as forças opositoras serão cada vez mais apontadas como responsáveis directas por todos os problemas, sejam eles locais, nacionais ou globais. Palavras para o sábio, poucas palavras.

P - O que quer dizer exactamente com "algumas palavras"? Parece ser ameaçador quando é dito desta forma.

R- Não, nada de ameaçador. Queria apenas salientar que, uma vez que a ideia e o objetivo do projeto, A TERRA MAGNÍFICA, tenha sido contada em numerosas línguas e o conhecimento distribuído por várias populações, será muito difícil ofuscá-la. Com o tempo, tornar-se-á cada vez mais atual e decisivo. Muitos ditados significativos foram transmitidos ao longo da história, tais como: "SE NÃO PUDERES DEFENDER O TEU INIMIGO, FAZ DELE O TEU AMIGO", e é nisto que eu gostaria de insistir. O esforço tem por objetivo favorecer o amigo e não opor-se a ele.

P- Mas e os bancos? Vão-se embora?

R- Não, não vão desaparecer. Vão, no entanto, sofrer uma profunda metamorfose. O papel e os serviços dos bancos crescerão em importância, mas os bancos também se tornarão mais integrados no serviço e na missão do AL. Não se esqueça que as autoridades locais são sucursais locais da sociedade global, da qual todos nós fazemos parte. Em consequência, os bancos deixarão de ser geridos por empresas que lutam continuamente entre si, passando a prestar os mesmos serviços regularmente aos consumidores, que se tornarão também accionistas. Será difícil avaliar os benefícios enquanto não se conhecer a nova estrutura e o novo objetivo das actividades do AL em relação aos serviços bancários locais associados (segundo e terceiro livros).

P - E as bolsas de valores, as sociedades financeiras, a locação financeira, etc.?

R - Os novos objectivos planetários (5P) serão muito diferentes para eles, porque já não poderão permitir-se objectivos e resultados orientados para a regulação ou aquisição de valor. Os serviços necessários ou requeridos serão todos integrados na funcionalidade de cada LA. Não haverá necessidade de trocas relativas com uma moeda única, apenas empréstimos entre níveis estruturais e entre as autoridades locais e os cidadãos. O primeiro,

No entanto, só são utilizados em caso de absoluta necessidade e têm como objetivo o retorno às dotações iniciais. O mesmo se aplica aos empréstimos aos residentes, que só serão propostos pelas autoridades locais. A dotação de tesouraria (AB) de cada AL será sempre afetada com o objetivo de repor a dotação inicial. O PAL regula o mecanismo e o calendário de equilíbrio.

P - Ok, palavras bonitas e boas intenções, mas é tudo teórico, um conceito demasiado fantasioso, mais improvável do que praticável e com demasiados interesses pré-existentes.

R - Não diria "demasiado fantasioso", porque a Terra existe, existe há pelo menos 4,5 mil milhões de anos e tem 7,7 mil milhões de habitantes, apesar de o Império Romano ter estimado apenas 300 milhões. Os muitos desafios emergentes são agora uma realidade, exprimem-se e amadurecem a um ritmo mais rápido e alarmante à escala mundial. Por isso, proponho um projeto adequado, coeso e proporcional às grandes preocupações do mundo real. É, sem dúvida, de âmbito global e abrange já todas as realidades actuais e todas as situações futuras prováveis.

Não se pode limitar a intervir em contextos únicos e isolados; eles gerariam desequilíbrios posteriores; isto relata a história.

Se se optar por uma solução completa, ou seja, por uma transformação incondicional, é preciso preparar-se mentalmente para aceitar todas as intervenções lógicas consequentes.

P - No mínimo, o projeto é prematuro; não estamos a progredir assim tanto, talvez resolvamos a maior parte dos problemas dentro de algumas gerações, pelo que também pode ser completamente desnecessário, uma perda inoportuna de tempo e de recursos.

R - Mesmo que se trate de uma perspetiva mais densa de esperança do que de factos concretos, haverá sempre lugar para o projeto, pelo menos para completar as suas fases de estudo. É exatamente isso que pretendo com este estudo: reunir um pacote completo, semelhante a um manual de instruções, com calma e objetividade, e mantê-lo sempre pronto a ser utilizado se, e quando, o resultado da sua perspetiva não for satisfatório. Mesmo ela não apostaria no resultado. Não se trata de um jogo. Não há um super prémio em jogo.

Mas e se essa ação for ou se tornar urgentemente necessária? Agora ou mais tarde? Não seria melhor conhecê-lo bem e estar preparado para

a sua ativação? Ou procurar-se-ão soluções apressadas? O que acontecerá nos prazos exigidos por qualquer projeto improvisado? Alguém assumirá a responsabilidade de fazer com que, para todo o planeta, as dificuldades enumeradas no primeiro capítulo não continuem ao seu ritmo ou se agravem bruscamente? Já que me chamou a atenção para elas, passo a enumerá-las, apenas algumas, as principais:

Sobrepopulação-esgotamento de recursos-alterações climáticas-Dia da Sobrecarga- pandemias...

Esperar que alguém se magoe para agir em situações potencialmente prejudiciais não me parece muito responsável. Pode até ser um comportamento aceitável a nível individual. No entanto, neste caso, estamos a considerar a vitalidade da humanidade a longo prazo. Não me parece a mesma coisa. A Terra pode continuar sem nós, mas não o contrário.

É mais razoável concordar que devemos estar sempre bem guardados. Este projeto tem todos os ingredientes para ser o melhor, se não o único, seguro iAn que vale a pena possuir para viver em paz.

P - Então está a tentar convencer-nos a apoiar o seu projeto?

A - "Não me podes resistir, é certo, é só uma questão de tempo!" começou uma canção dos anos 60, uma variação persuasiva para expressar e afirmar que "a paciência vence tudo". Esta secção apresenta e expõe o meu projeto interligado do meu ponto de vista. Atualmente, continuamos à espera que os problemas isolados evoluam para gangrena ou metástases antes de procurarmos um remédio, por vezes de forma rápida e apressada, tamponando com intervenções incompletas ao estilo PATCH WORK, mas quando já é demasiado tarde.

O método dos retalhos é interminável e nunca se resolve completamente. De vez em quando gosto de recordar o pouco que sei de história, neste momento é oportuno recordar "SAGUNTO DOCET".

Esperar que situações complicadas se emaranhem para depois desencadear reacções perigosas e violentas como o descontentamento, as revoltas, as rebeliões, as revoluções ou mesmo a guerra, com os seus cenários que tendem para catástrofes previsíveis mas seguras, não é desejável para ninguém, mas a história diz-nos que foi isso que aconteceu demasiadas vezes, com uma regularidade chocante.

O que fazer quando se comprovar que se trata de um cenário mais

ou menos fiável, não numa escala apocalíptica, mas com diferentes

probabilidade de realização? Caros leitores, estas reflexões são para vós.

Que caminho gostaria ou deveria seguir? Que opções está a considerar? E, finalmente, que solução deve adotar? Se eu tivesse chegado a este ponto, teria levantado o dedo indicador e recomendado este estudo, que é um resultado aprofundado do PROBLEM SOLVING mais sofisticado.

P- Mas, se já existem outros projectos com objectivos idênticos, o seu não é demasiado tarde?

A. Tem mais alguma? É ótimo; todos nós ficaríamos encantados. Examinemos, analisemos, comparemos e avaliemos à luz dos objectivos. Se a minha proposta está atrasada, é porque fui eu que a escrevi. Não me parece que a utilidade da mesma seja uma corrida contra o tempo; os objectivos são muito mais substanciais do que um prémio para quem telefonar primeiro. Em todos os aspectos, tenho a certeza de que a melhor ideia será concluída para o maior bem-estar da humanidade, que é, em última análise, a única coisa que interessa a todos.

P- E se eu lhe dissesse que os GRANDES já aceitaram e concordaram em dirigir o projeto de outro? Serias derrotado.

A- Insistiu em personalizá-lo. Recentemente, reiterei o conceito de estar num cenário dito "win-win" para o encantar. Como explicarei mais adiante, a primeira vitória ocorreria, sem dúvida, em caso de sucesso, e a segunda em caso de fracasso pessoal. Eu já estava satisfeito com as minhas próprias ambições realizáveis. Assim, se alguém as ultrapassa, significa que merece ser ele a iluminar o futuro da humanidade. Nesta situação, fico com a consciência não só de ter participado, mas também de estar a viver num mundo melhor e, eventualmente, talvez de ter gerado nos outros, incluindo o vencedor, o estímulo da competição, a ambição de fazer emergir e vencer as suas próprias melhores ideias. Assim, mesmo que eu seja um "perdedor", nunca me consideraria um "perdedor", mas sim um participante único, e à minha maneira, nem que fosse só pela tentativa (falhada), considerar-me-ia um vencedor, sempre de cabeça erguida. Em qualquer situação, manter-me-ia firme na convicção de que tinha concebido e dado a melhor resposta. Por isso, iria rever as minhas notas, procurando formas de a melhorar. Certamente, esforçar-me-ia por

editar e melhorar a publicação, bem como alargar a distribuição.

P- Então reconhece que o seu projeto pode ter falhas? Incompleto e com falhas

R- Eu nunca disse isso; ouviu-me mal. O projeto é e deve continuar a ser pouco mais do que uma tela, que serve para descrever e explicar as linhas a seguir, com as quais se devem relacionar as etapas posteriores. Só então é utilizado como base para detalhar a criação dos elementos operacionais importantes necessários em cada módulo. Por isso, concordo com a expressão "incompleto", mas não com o termo "defeituoso". Se fizer sentido, pense nele como um "trabalho em curso" polivalente, porque continuará a sê-lo durante muito tempo, e a sua completude será determinada principalmente pela contribuição dos empregados e pelos recursos disponíveis. E quanto ao resultado destes desenvolvimentos, incluo também a minha própria responsabilidade.

P- Então, como já foi dito, neste momento, é apenas um conceito teórico, irrealizável e praticamente inútil!

R - És inegavelmente tenaz, mas descobriste uma necessidade de pão. Não vamos falar de heresia. Compreendo que o seu objetivo é destruir-me. Pode ser um comportamento natural, uma reação humana clássica. Mas eu também o sou, por isso vou mostrar-vos. Quanto mais insiste, mais convencido fico de que estou no caminho certo. O assunto a que se refere, não deve ser confundido com o projeto de base, que deve ser referido durante a formação dos muitos componentes que só mais tarde se tornarão os módulos realmente operacionais no território, principalmente o GAIS, vários regulamentos, etc.

Sendo uma iniciativa única que pode ser utilizada e aplicada em qualquer parte do mundo, não creio que seja adequado impor parâmetros exactos e inequívocos que sejam iguais para todos; isso seria uma ditadura. No entanto, as principais orientações para atingir objectivos comuns são não só adequadas, mas também necessárias, se não mesmo obrigatórias.

Se o desenvolvimento global exige a conceção e a implementação local relativa destes módulos finais e parâmetros relativos, o mesmo acontece com a intervenção de numerosas realidades nos territórios, continentes e Estados.

O projeto não é totalitário no sentido ditatorial, mas sim altamente democrático no sentido em que aspira a ser um sincronizador e coordenador democrático.

As ideias principais estabelecem princípios gerais a que todos devem obedecer (ver GAIS), mas cabe aos residentes aplicá-los nos territórios individuais, estabelecendo parâmetros locais (LAP) para promover a autogestão autónoma, a autonomia total e, em particular, a cultura tradicional. Não há interferência externa, apenas uma sincronização efectiva desde o nível de base até ao cume piramidal. O GAIS está encarregado de fazer com que todos sigam e respeitem os princípios gerais acordados e, sublinho, partilhados no projeto e não simplesmente impostos. Escolha "trabalho em curso" porque será assim durante muito tempo.

P- A presença do GAIS não é opressiva porque gere e controla tudo?

R- Todos nós somos preconceituosos porque o romance 1984 de George Orwell retrata os BIG BROTHER (GAI) como uma presença sombria e opressiva, mas não é esse o caso aqui, por isso é melhor livrarmo-nos desse preconceito. Apesar do seu nome, o GAIS deste estudo não tem nada a ver com esse precedente. Tal como referido no oitavo ponto do hexadécálogo, esta ferramenta é criada e controlada por indivíduos, tanto em termos de componentes de software como de hardware. Vivemos no século XXI e toda a gente conhece e utiliza computadores pessoais, computadores portáteis, tablets, telemóveis, IOT, a Internet e, não em menor grau, servidores big data. Não sei se toda a gente compreende que o mundo pararia se estas ferramentas (servidores) e a tecnologia de rede relacionada não estivessem disponíveis. Por conseguinte, o GAIS, concebido como o bom "big brother", não é mais do que a emergência de um sistema global integrado único que visa o serviço total, o apoio e o respeito mútuo.

Por se tratar de um instrumento único, que utiliza as mesmas técnicas mas com parâmetros específicos para cada LA, assegura um controlo mútuo que visa preservar níveis variáveis de estabilidade planetária. A transparência é proporcionada pelo controlo mútuo, com relativa consciência e confidencialidade entre todas as acções, gerando uma atmosfera e efeitos de confiança apaziguadores. Com os seus

A ação contínua, capilar, uniforme e imparcial, desencadeará a extinção progressiva de todos os tipos de comportamentos incômodos, ilegais e, no mínimo, moralmente reprováveis, gerando um relaxamento dos vínculos sociais. Um dos principais objectivos do projeto é reforçar mais acções morais, reforçando assim a estabilidade da sociedade (respeito mútuo), este preconceito.

P- Mas um sistema global unificado como este não sufoca a liberdade individual?

R- Foi também a minha primeira preocupação. Todas as operações e actividades de pessoas e empresas, mesmo que devidamente documentadas, ficarão sempre no total respeito pela privacidade e como mera garantia de bom funcionamento, desde que se mantenham dentro dos limites da legalidade. O GAIS não aceitará registos que sejam formalmente errados e equivocados. Assim, cada um pode ter confiança no seu trabalho e ficar satisfeito por possuir um BIG BROTHER (GAIS) verdadeiramente grande e incorruptível. Só aqueles que tentam operar à margem da lei encontrarão um adversário invencível e incorruptível, quer porque impedirá todas as actividades financeiras, logísticas e maliciosas, quer porque, com a devida sinalização, oferecerá uma ajuda altamente eficaz, solicitando verificações adequadas e justificadas.

P- Hoje em dia, os crackers especialistas gabam-se de poder aceder a qualquer servidor ou rede informática, mas o que acontece se o GAIS for comprometido e tudo parar ou entrar em colapso?

R- Com base numa estimativa aproximada, a estrutura GAIS começará com uma rede de base de 200 000 grupos de servidores, que poderão duplicar à medida que se sobe na pirâmide. Isto refere-se simplesmente aos servidores que irão alojar todo o sistema de nível de gestão administrativa, incluindo todo o software sofisticado e grandes bancos de dados.

Para a segurança mais essencial, o problema do cracker receberá sem dúvida mais atenção do que o problema do hacker. Sendo o GAIS a estrutura de apoio da TERRA MAGNÍFICA, ser-lhe-á fornecida uma rede única com o único objetivo de a manter intacta e de localizar rapidamente a origem da tentativa de invasão. Aquelles que apenas procuram atacar ou testar

é de esperar que a vulnerabilidade do GAIS de todos os ângulos, internos e externos, seja descoberta instantaneamente.

P- O que é que vai acontecer se ele for detido?

R- Não posso reagir em 2020 porque isso só poderia acontecer daqui a um século ou mais. No entanto, dada a importância do GAIS para permitir toda a atividade humana, sinto que posso prever que todas as contramedidas de segurança cautelosas, incluindo as mais severas, serão implementadas.

P- Por falar em detenções, fez-me lembrar que não sei se compreendi todos os novos contextos do dinheiro e dos serviços bancários no novo quadro administrativo.

A- A utilização da moeda única é, de facto, o ponto inventivo em torno do qual se reconstrói todo o funcionamento económico social estável. Esta utilização só é possível se várias acções preliminares tiverem sido realizadas. A primeira preocupação é a unificação, ou melhor, a fusão, de todas as nações numa civilização global, que é um pré-requisito necessário para a desmilitarização subsequente.

Aceitar e utilizar o hexadecálogo neste novo contexto significa que a prática de utilizar numerosas moedas ligadas à economia de nações específicas será então depreciada.

Porque já não existem certos constrangimentos históricos, torna-se rentável utilizar uma moeda única, não de papel, portanto eletrónica, virtual, em quantidade já não contingente, mas fixada a um nível adequado ao bom funcionamento socioeconómico, respeitando sempre o conjunto do projeto: objetivos, direitos, deveres, e todo o hexadecálogo.

P- Mas eu li que a oferta disponível desta moeda é ilimitada. Como é que isso é possível?

A- Provavelmente não compreendeu corretamente as frases que leu. Embora não existam restrições técnicas quanto ao montante, à distribuição e à utilização desta nova moeda, ela deve refletir e manter um princípio baseado no valor.

P- É difícil estabelecer paralelos entre as circunstâncias actuais e esta situação inédita.

A- O dinheiro funcionará como um regulador da vida social em todos os seus aspectos. A moeda foi concebida para circular, como indica o décimo segundo ponto do hexadecálogo; deve estar em constante movimento para não se tornar objeto de acumulações estagnadas. O seu principal objetivo é manter a economia em funcionamento. Quando termina o seu ciclo, torna-se de novo acessível para utilização futura.

P- Não sei se estou a perceber o que está a dizer.

A- Pense no papel e na aplicação do óleo, ou líquido de refrigeração, num motor térmico.

O motor teria uma vida útil curta se não estivessem presentes. No entanto, manter ambos em boas condições de funcionamento garante a manutenção do desempenho crucial do motor. E é isso que toda a gente procura e deseja.

As partes móveis são mantidas em bom estado de funcionamento, permitindo um elevado desempenho em todas as condições.

Do mesmo modo, o dinheiro em circulação assegura que as actividades e as interacções pessoais se mantenham suficientemente dinâmicas para manter o bem-estar do planeta ao melhor nível possível.

No entanto, tal como acontece com o óleo do motor, uma quantidade excessiva pode causar problemas; a moeda deve circular sempre na quantidade adequada; nem a mais nem a menos...

Tal como o óleo de motor regressa ao seu contentor após a sua utilização cíclica, o dinheiro completa o seu ciclo regressando aos cofres da administração local, sempre disponível e pronto a ser reutilizado, quando e na quantidade necessária.

Talvez seja útil compreender que seria utilizado no quadro de uma única sociedade global, com uma única administração, contabilidade, etc., mas também operacionalmente distribuído por uma multiplicidade de administrações locais,

Como já foi dito, a sua função é reguladora; deve proporcionar a normalização e a estabilidade do sistema, pelo que deve circular na quantidade necessária, tal como o sal.

Nos tempos antigos, o sal era muito estimado e venerado. Esta quantia era também utilizada como moeda. Na Antiguidade, o sal era muito estimado e venerado. Esta soma era também utilizada como moeda. Esta utilização deu origem ao termo "salário". Este material tem o potencial de ser utilizado para pagar aos soldados.

Tradicionalmente, a sua utilização é reconhecida como essencial para manter uma alimentação saudável e equilibrada. Considera-se que alguns gramas por dia são úteis. Mesmo sem a ajuda de nutricionistas, o nosso organismo tem plena consciência disso. Mas se comêssemos uma quantidade abundante de uma só vez, arrependêr-nos-íamos muito rapidamente; seria uma lição salgada, literalmente muito salgada. Se tivéssemos de sobreviver, estaria certamente no topo da nossa lista de coisas a evitar e, por isso, apreciaríamos a sua utilização apenas nas doses necessárias.

Se não acreditam em mim, leiam a crónica alemã do final da República de Weimar, em 1923, quando uma onça de manteiga exigia a entrega de cerca de 600 milhões de marcos.

P- Estabelecer estes paralelos com a atualidade é particularmente complicado.

R- Concordo que é um desafio. Neste caso, porém, recomendo saltar as etapas de comparação ou confronto, elementos cada vez mais ligados por intrincados nexos, e reconstruir todas as situações e condições dos ciclos de vida utilizando apenas a possibilidade de obtenção do projeto. Sei que é rápido dizer, mas não é usual avaliar concretamente resultados alcançáveis com cenários ainda apenas esboçados. Mas é assim que as coisas funcionam. Assim, refinando estas afirmações, conclui-se que as avaliações podem, de facto, ser mais fiáveis quando o cenário se apresenta mais completo, detalhado em todas as suas características. Tal como previsto no capítulo 3.

P- As ferramentas são mencionadas mas não são descritas em pormenor.

R- Também é preciso nisso, mas deve manter uma certa paciência que, se bem me lembro, triunfa sobre

tudo. Considerar a fase inicial de apresentação como um conjunto de direcções genéricas que afectam uma variedade de culturas, costumes e tradições em níveis evolutivos distintos, resultando em efeitos muito diferentes. Isto porque, se a ideia for aprovada, será utilizada a nível mundial num período de tempo relativamente curto. Tudo isto para sugerir que cada território encontrará explicações aprofundadas sobre os seus novos cenários, finais e intermédios, para cada etapa da sua transição, no segundo e terceiro livros deste projeto. Para já, terão de se contentar com uma planificação genérica, e portanto mais globalmente aceitável, de todo o trabalho exaustivo subsequente.

P - Está bem, esperamos, mas já que falou em comprar apartamentos, fui obrigado a perguntar: o que vai acontecer, ou como devo proceder, neste projeto, uma vez que vou comprar o meu?

R - Neste momento, posso antecipar uma premissa que será válida em qualquer altura e em qualquer lugar. Já ninguém, pelo menos no sentido e na forma tradicionais, comprará uma casa. A nova administração será proprietária de todos os terrenos e recursos reais, e todos os cidadãos serão accionistas, com uma ação per capita e intransmissível. O governo, que é responsável pelo bem-estar de todos, concederá autorizações para a utilização de todos os recursos, incluindo a habitação. Na sua situação, basta solicitar uma licença de utilização da casa que, como é habitual, não tem prazo de validade e é vitalícia. A licença será gratuita se o recurso já estiver disponível e ajustado ao nível de vida. Para níveis superiores há ajustamentos e compensações.

P- O que é que isso implica?

A- Para além da garantia de um nível de vida digno, cada licença de recursos é proporcional ao nível de trabalho ou de empenho profissional, em diversas combinações de qualidade e quantidade, fórmulas para quantificar um nível, correspondente e adequado, de despesa mensal individual, melhor ainda por agregado familiar.

P- Mas, se todas as habitações forem gratuitas, nunca ninguém vai construir uma casa nova?

A- Pelo contrário, com base nos pedidos, na disponibilidade de candidatos e na disponibilidade do sector da construção, cada AL tem acesso a todos os recursos imobiliários do seu território e pode proceder a afectações, renovações ou novas construções. O mesmo AL solicita que a totalidade da operação seja financiada com o fundo B e depois devolvida através da retenção de valores ao requerente e à disponibilidade do utilizador.

P- Isso significa que toda a gente pode comprar uma casa e conduzir um automóvel novo regularmente?

R- Na prática, sim, mas lembrem-se que não se trata de um país de abundância, mas sim de um planeta com os seus próprios princípios de sobrevivência, pelo que é necessário não desperdiçar e utilizar judiciosamente todos os recursos. Por isso, antes de o AL e o seu GAIS poderem avançar, têm de analisar a situação global e local completa, incluindo o estado dos cofres públicos, os activos imobiliários actuais, o emprego no sector e a disponibilidade da aplicação. O GAIS inclui um módulo para estas análises. Depois de ter introduzido todas as informações pertinentes, expõe imediatamente a sua apreciação e viabilidade às partes envolvidas, em primeiro lugar ao candidato e às autoridades locais, que têm a última palavra.

A cada AL é atribuído um valor monetário igual à soma dos rendimentos da sua população. Simultaneamente, o valor do rendimento mínimo para uma boa existência é aplicado a todas as famílias com rendimentos reais mais baixos. De posse desse valor, podemos multiplicá-lo pelo número de AL da base da pirâmide para obter a quantidade de moeda disponível para cada ALC ("Moeda AL").

P- O total das moedas "A+B+C" em qualquer AL é grande, muito maior do que os padrões monetários actuais.

R- Não faz sentido, e não há comparação entre o passado e o futuro; este aspeto do passado será irrelevante para todos, exceto para os académicos paleo. Não comecemos a apostar no bem-estar global; as restrições devem fazer parte da utilização inteligente da moeda, ou melhor ainda, dos benefícios potenciais de um novo "lubrificante".

P- Quem decide o montante? Nós, ou o GAIS? Quem é que nos responsabiliza pela quantidade que imprimimos, distribuimos ou utilizamos?

R- A resposta é simples: sempre e apenas para nós próprios. Os muitos sistemas de ouro (padrão-ouro), (padrão-ouro-câmbio), etc... sempre existiram para tentar resolver dificuldades acumuladas anteriormente, apenas para se deparar com novos problemas emergentes, mas sempre entrelaçados. Depois de um período de estabilidade, procura-se alterar as condições de instabilidade e de desigualdade e, quando o desequilíbrio se torna demasiado acentuado, recomeça-se, acrescentando outras intervenções mais ou menos aleatórias que correspondem ao estilo da técnica da "manta de retalhos". Encontrar uma solução, pô-la em prática e depois esperar que as desigualdades regressem tem sido, historicamente, uma estratégia de sobrevivência. A história de todos os territórios e de todas as épocas, ou seja, uma história sem limites, é um ciclo e uma reciclagem. E em cada passagem, alguns países prosperam enquanto outros sofrem. Quanto mais cedo começarmos a confrontar uma resolução "alexandrina", a aprofundá-la, a completá-la e a pô-la em prática, mais cedo cada um de nós poderá alcançar um futuro estável e mais seguro, com o prazer de ter trabalhado tanto quanto possível. Esta investigação fornece uma abordagem compacta, abrangente e enérgica com cobertura universal que, com um timing relativo e adequado, nos permite criar as bases para um futuro o mais pacífico possível nesta jangada antes que o seu estado e situação geral se agravem. Graças aos avanços tecnológicos, podemos agora analisar, avaliar e valorizar melhor as diversas situações do mundo. No entanto, também apresenta e expõe visões de cenários futuros, que estão tristemente relacionados com situações perigosas. Os riscos podem subir a um nível insustentável, escapando às possíveis reacções humanas normais. Temos de ativar fases para prever e avaliar possibilidades, a fim de alcançar o objetivo desejado e responsável de não comprometer ou piorar a nossa estadia nesta jangada limitada. Em resposta à pergunta "Estamos dispostos a correr este risco?" Estou inclinado a dizer que ainda não chegámos a esse ponto, mas estamos a chegar. Como resultado, se vários elementos se mantiverem constantes, a resposta futura será cada vez mais favorável. Não se trata de pessimismo ou terrorismo ideológico, mas sim de uma tentativa razoável de assegurar o nosso futuro. Se é demasiado cedo para nos preocuparmos com situações futuras, uma vez concluído, este estudo pode ser guardado para aguardar e preservar o que resta.

Partindo do objetivo de assegurar uma vida digna para todos, desenvolveram-se e abordaram-se situações (ver hexadecálogo) que têm o potencial de suavizar todos os problemas que historicamente se acumularam e foram arrastados para o presente.

Para as pessoas que não compreendem as actuais preocupações crescentes em relação aos objectivos e metas do estudo, todo o projeto pode parecer uma narrativa cinematográfica político-fantasiada. Eu concordaria se não estivesse cada vez mais convencido do seu potencial. No mínimo, vejo o benefício inegável de considerar grandes projectos com repercussões globais e, finalmente, começar a falar e a discutir a esses níveis globais para procurar soluções.

P- Não é segredo que o papel-moeda está a perder popularidade, especialmente para transacções grandes ou frequentes.

R- Sim, a chamada sociedade sem numerário já está a ser construída; não foi inventada nem defendida aqui (NIH). Uma simples aplicação Bluetooth para autenticar a transferência de propriedade de dinheiro é tão fácil como tirar uma fotografia e é facilmente vantajosa, praticamente vital e insubstituível.

P- Mas não para toda a gente ou em todas as circunstâncias...

R- Claro que sim, mas dado o momento da realização do estudo, estas cirurgias serão efectuadas por idosos, netos de crianças que ainda não nasceram.

Poder-se-ia certamente adivinhar quatro a seis gerações. Assim, em vez de avaliarmos e compararmos as situações actuais, habituemo-nos a considerar a sua aplicação em cenários futuros cada vez mais divididos pela tecnologia e cultura actuais. Com a pressão crescente e contínua nesse sentido, apenas a moeda virtual (mesmo a bitcoin ou equivalente) permanecerá inevitavelmente em circulação, mas ambas funcionarão de forma transparente. Actualmente, todos os governos estão a tentar concretizar e aumentar a praticidade e a legalidade.

P- Quais são os contrastes culturais entre a cultura ocidental média e os chamados países do terceiro mundo?

R- Também isto é relevante, mas a tendência vai envolver e ultrapassar toda a gente. A convergência, mesmo que não seja total, ocorrerá em pequenos passos suaves, mas só há um caminho, uma direcção, e não há volta a dar, como diz o ditado. Com um objetivo definido, a evolução inexoravelmente providencia, considera, supera e ultrapassa tudo, mesmo em passos imperceptíveis, gerando uma evolução gradual mas constante

aumenta... Os países do terceiro mundo serão os que receberão mais atenção e ajuda nos seus esforços para recuperar ou colmatar o fosso em relação ao resto do mundo, que, por outro lado, não deverá exigir uma atenção significativa para melhorias.

R- Vamos fazer as contas. Este estudo necessita de mais duas fases para ser concluído. O "segundo livro" será publicado pelo menos cinco anos depois deste. Só então poderá ser iniciada a terceira e última fase, que levará pelo menos dez a quinze anos a ser concluída. Por conseguinte, esta fase de estudo poderia ser concluída em 15-20 anos. No entanto, não é garantido que possa ser aceite para a realidade no dia seguinte, mesmo que seja apenas para completar o estudo. Em vez disso, os interesses das nações ou os paralelos com outras iniciativas semelhantes poderiam ser explorados primeiro, seguidos de análises aprofundadas, decisões e formação de consenso. Assim, à escala mundial, estimaria mais 30 a 50 anos, assumindo que tudo corre bem. Depois disso, apenas se estiverem reunidas todas as condições de arranque, pode ser activada a fase de MORPGHING, que será sempre actualizada.

A sociedade sem dinheiro efetivo seria concretizada organicamente e em tempo útil como resultado da realização da soma. Globalmente, prevê-se que a aplicabilidade seja sugestiva de, pelo menos, 200 anos. Consequentemente, mesmo que este estudo não seja totalmente realizado, a contenção e a restrição da circulação monetária seriam concluídas mais cedo do que o previsto. Com efeito, o impacto do projeto surgiria depois de essas alterações já serem de uso corrente.

P- A partir de hoje, 150 anos, mas muito tempo... cerca de seis gerações...

R- Eu seria o primeiro a regozijar-me com o erro, mas não depende de mim. São períodos de tempo indefinidos condicionados por observações e avaliações efectivas que servem de antecedentes à reestruturação e reconversão de normas, regras, estatutos, sistemas reguladores, etc. Este projeto, como já foi dito, propõe e considera uma avaliação global coordenada. Este projeto, como já foi dito várias vezes, propõe e considera uma avaliação global coordenada. Os problemas, a existirem, só complicarão o seu desenvolvimento, atrasando a sua chegada.

P- Penso que nos afastámos demasiado do tratamento da moeda única em circulação.

R- Também se vê, há tanto para representar; prados infinitos de cenários futuristas; compreende-se como é difícil manter a disciplina dentro de uma estrada; há tantos caminhos marginais apelativos.

P- Então, voltando à sua questão inicial, discutiu a utilização de DINHEIRO para distribuir dinheiro em circulação, mas se continuasse a retirar, os cofres ficariam secos, e depois?

A- A prerrogativa fundamental do projeto é a estabilidade. Este objetivo consiste em manter os níveis de cofre disponíveis para cada LA nos níveis inicialmente estabelecidos. Não há qualquer intenção de aumentar as dotações para além do previsto.

Consequentemente, a principal fonte para os manter constantes é abordada em cada valor em qualquer território: a disponibilidade de despesas, produtos, bens e serviços. Esta é a principal preocupação abordada durante a fase de MORFING. Outra abordagem consistente e adaptativa para equilibrar os COFFERS é a importação/exportação entre AL. Não esquecer que não haverá acumulação. Os únicos permitidos são simplesmente a estabilidade e os dois primeiros pontos do hexadecálogo. Os GAIS mantêm um registo de todas as transferências de stocks, posses ou valores monetários, visíveis ou não. Se as condições de stock existirem, deve autorizar a operação e, consequentemente, atualizar a disponibilidade mútua em tempo real.

P-Existe uma abertura total aos fluxos? Não será isso um pouco excessivo?

A- A abertura total aplica-se a todas as operações de e para a AL, que qualquer pessoa pode consultar, mas não às operações entre particulares, que são salvaguardadas pelo respeito mútuo. Penso que este tópico é adequado e suficiente a este nível de conceção, e não consigo inventar um mecanismo mais simples, mais aceitável e mais eficaz em termos de estabilidade geral. Como o GAIS tem de ser um instrumento intocável, imutável e, portanto, incorruptível, pode também ser utilizado para resolver uma série de problemas actuais. Ignora-se o facto de o estudo ter em conta uma mudança completa e não apenas uma

algumas acções correctivas, mantendo as técnicas históricas actuais. É preciso recalibrar.

O único grande problema que permanece é a sua vulnerabilidade a ataques, seja de hackers ou dos mais perigosos crackers. No entanto, é a sua relevância que exige a maior atenção, devendo ser envidados todos os esforços para a manter segura e intacta. Dada a sua utilidade estratégica essencial, a funcionalidade eficaz e a fiabilidade exigem salvaguardas activas, passivas e, se necessário, repressivas proporcionais.

Tentará primeiro sugerir actividades de correção antes de agir autonomamente, como se partisse de acções pré-programadas, na medida em que constata uma evolução da divergência dos índices em relação ao valor ótimo.

É preferível ter um automatismo pré-fixado do que não ter nenhum.

As actividades privadas, as empresas, as associações, etc... têm as suas próprias infra-estruturas informáticas. Todas elas são obrigadas a enviar para o GAIS todos os registos relevantes para as administrações locais ou residentes. Embora qualquer pessoa possa examinar todos os documentos públicos, o sistema garante o máximo nível de privacidade, a nível global. Todos os registos só são acessíveis ao pessoal autorizado pelo sistema. Estes pontos de acesso cruzado para discussão ou verificação oferecem a máxima transparência na atividade administrativa, criando assim as bases para uma relação recíproca fiável que visa a estabilidade global a longo prazo.

P-Eu reparei na sua ênfase nos novos tempos livres, talvez porque me interessa muito.

A- O trabalho, ou mais especificamente, o emprego orientado tanto para a produção como para a prestação de serviços, existirá sempre, mas será reduzido, pelo que o tempo livre é um subproduto natural. não só em termos de horas ou dias, mas também de flexibilidade máxima e da capacidade de o acumular para uma série de objectivos pessoais A variedade e amplitude das opções disponíveis contribuirão para um sentimento de dignidade e bem-estar, tanto pessoal como coletivo. O 12º ponto do Hexadecálogo indica a sua relevância e impacto total.

P- Na sua opinião, qual é a questão mais importante e a que deve ser dada mais atenção?

A- O equilíbrio global estável está no topo da lista de prioridades. Este equilíbrio é alcançado através da manutenção de um elevado nível de autonomia local, nomeadamente através da autossuficiência alimentar, que é complementada pelas importações e exportações.

Se uma zona obtém uma quantidade anormalmente elevada de moeda simplesmente através da exportação, é evidente que essa mesma moeda será escassa noutros locais. Continuando com estas lacunas, afastamo-nos da esperada e desejada estabilidade global; dogma inquestionável e incontroverso no coração do hexadéclogo. Os cupões de turismo e de lazer podem também ser utilizados como moeda alternativa ou de troca em trocas de AL.

P- Também me preocupo com o turismo, pode explicar-me?

A- Se um país exporta bens ou serviços, deve importar uma quantidade igual para manter a estabilidade global. Se um território, por exemplo, exporta um número significativo de produtos alimentares mas não necessita de importar tantos outros produtos com o mesmo valor total, terá de aceitar uma variedade de vales de valor comparável para manter uma balança de transacções equilibrada.

Será um mercado importante para propor e promover uma grande variedade de actividades.

P-Mas para os utilizar, sugeriu a redução do horário de trabalho; como é que isso é possível?

R- É simples, redução e redistribuição da carga de trabalho. A crescente sofisticação das aplicações integradas de tecnologia, telemática e robótica são os principais factores desta distribuição. A redução será uma consequência combinada da contração da população e dos objectivos de produção que se impõem. O aumento constante da produção deixará de ser o mantra; atualmente o objetivo dominante a nível mundial. Por outro lado, se o número de horas necessárias para uma cobertura consistente e regular dos serviços, da produção, etc., se mantiver constante, podemos deduzir que o aumento da automatização e da utilização de ferramentas inteligentes, sem que seja necessário aumentar a produção de bens e serviços para garantir a estabilidade, resultará, no entanto, numa diminuição em relação ao presente.

P- Teremos todos de trabalhar menos?

R- Em princípio, a resposta é sim, porque todos trabalharemos, certamente melhor e até menos

P- O que é que quer dizer com "todos"?

A- A cada LA será atribuída uma carga de trabalho bem definida, tanto produtiva como de serviço.

O nível de cumprimento desses resultados, será também o índice de mérito acumulado para toda a administração local. Este índice é o principal fator da disponibilidade total de moeda circulante local. Todos os munícipes têm um interesse direto em manter o nível de disponibilidade de despesas o mais elevado possível. Por conseguinte, a melhor afetação de verbas a cada um dos munícipes é conseguida quando todos participam na manutenção dos índices a um nível elevado e estável. Isto não parece ser assim tão obscuro.

P- Mas e o investimento do sector público?

A - É preciso perceber que a divisão atual entre público e privado se tornará obsoleta quando a transição estiver concluída. Assim, a contribuição da AL é incluída em todos os investimentos realizados na região e abrangidos pelo PAL e todas as actividades na área são beneficiadas; clareza em tudo: responsabilidades, méritos, etc.

P- Se trabalhar menos, o salário será reduzido proporcionalmente?

R- Não se preocupe, todos os salários e despesas mensais serão mantidos ao melhor nível, em função do fundo de maneió A.

P- A participação no Fundo B não é reembolsável?

R- A palavra "na medida em que" também se aplica aqui. Neste contexto, a realização, a valorização ou a melhoria dos objectivos locais, os três cofres (ABC) serão sempre devolvidos à sua dotação inicial, embora em momentos e de formas diferentes...

P- Considera que o número total de horas de trabalho no território vai continuar a diminuir?

R- Não imediatamente, porque, por um lado, muitos residentes terão mais tempo livre, mas também haverá mais serviços relacionados com e resultantes de mais tempo livre. Viver no sofá não é o caminho, pelo menos num futuro próximo, na minha opinião. A utilização do aumento do tempo livre deve ser facilitada, e isso deve ser assistido por um aumento correspondente de actividades apropriadas e proporcionais às necessidades relacionadas com o tempo livre. Para além das actividades familiares, podemos também encontrar actividades sociais, culturais, turísticas, desportivas, artísticas, passatempos e/ou uma mistura destas. Cada AL pode escolher entre uma vasta seleção de actividades e sortidos para ativar as actividades mais adequadas à melhoria da QUALIDADE DE VIDA local. Alguém discorda?

P- É este o país de Cockaigne?

R- Em retrospectiva, parece ser um sonho poético abstrato. No entanto, quando examinado através da lente da TERRA MAGNÍFICA redesenhada, com os seus objectivos e normas operacionais, parece não estar muito distante das condições ambientais futuras e também realizáveis. Haverá sempre uma distinção; a frase "bastante" deve ser substituída por "suficiente". Muitas das razões e circunstâncias que atualmente geram preocupação, quebram a harmonia e assombram as pessoas desaparecerão. O esbanjamento e o desperdício deixarão de estar na moda, serão substituídos, relativamente aos recursos, por poupar, economizar.

Também neste domínio, um planeamento lento e constante é essencial para alcançar apenas os resultados desejados.

P- Então qualquer terra pode ser convertida em terra de Bonanza?

R- Seria desejável, mas nem todas as terras têm as mesmas características, conformações, recursos. Mas mesmo nesses casos menos favoráveis, um planeamento adequado pode produzir resultados de um processo de aproximação. Respeitando as regras, mantendo os parâmetros de estabilidade local, e trabalhando dentro dos limites e objectivos delineados na última LAP aprovada nas eleições autárquicas (e portanto aceite pelo GAIS), a realização é deixada à iniciativa e capacidade administrativa dos responsáveis, sempre sob o controlo do omnipresente GAIS.

P-Mas com parâmetros diferentes, cada território será diferente do outro.

R - Não vejo nada de estranho na presença e utilização de muitos parâmetros personalizados; somos todos iguais mas também com algumas diferenças. Quero dizer que cada um, no contexto planetário, terá de respeitar a sua parte

apesar do facto de os territórios não serem idênticos. Por isso, é de saudar a utilização de personalizações locais adequadas, se estas servirem para facilitar o cumprimento das regras e objectivos gerais. É melhor assim?

P- Ainda não completamente, quer dizer que cada administrador pode criar e gerir o que quiser?

R- Parece que se esqueceu da presença de uma estrutura superior bem nivelada para a coordenação e verificação de cada nível inferior. Ao ler novamente o projeto com atenção, é evidente que existem inicialmente ORIENTAÇÕES GERAIS com REGRAS relativas, que são os pólos que abordam e delimitam a autonomia em cada nível. Continuando, dentro dos condicionalismos das dotações iniciais, cada AL deve ter um LAP vencedor nas eleições autárquicas. Se o GAIS aprovar a sua inclusão no sistema, será o mesmo GAIS que fará cumprir a sua implementação, autorizando e activando apenas os actos administrativos anunciados e declarados conformes no âmbito do PAL.

P- Por outro lado, os imprevistos ou situações não cobertos pelo LAP não podem ser tratados.

R- Não, isso não é correto. A gestão da rotina diária não deve ser confundida com a gestão de emergências. Ou seja, é sempre possível utilizar uma gestão financeira e administrativa adequada para situações de contingência ou de emergência (C). As AL podem também recorrer à conta B (investimentos). No entanto, dependendo da dimensão e gravidade do evento, são activadas regras que muito provavelmente afectam e/ou incluem outras AL a níveis laterais ou superiores na estrutura.

P- Mas para que serve o GAIS se os administradores tratam de tudo?

A- O papel principal do GAIS NÃO é assumir diretamente a gestão administrativa, mas apoiá-la na sua realização dentro das limitações ou limites (globais e locais) que existem nesse território. Permite que os administradores se concentrem em iniciativas e decisões adequadas, que também são escolhidas entre as propostas pelo arquivo, que é visto como um repositório histórico de comportamentos ideais adquiridos anteriormente.

A recuperação e a reproposição de experiências anteriormente resolvidas de forma positiva ligam-nas a outros acontecimentos semelhantes, já ocorridos noutras realidades da estrutura, favorecendo e acelerando as acções pertinentes. De referir que não há atrasos e tudo acontece em tempo real, pois trata-se de um sistema único e altamente interligado.

Os únicos períodos de espera com bases de dados ligadas e regularmente actualizadas serão os relacionados com os fluxos de acesso. Um argumento convincente para um desenvolvimento contínuo. Considero a combinação dos administradores com o apoio do GAIS como a melhor solução viável e aceitável para todos os territórios. A ênfase correcta deve ser focalizada na funcionalidade de todo o planeta, e portanto sem dar demasiada relevância a detalhes locais, na maioria das vezes apenas presumidos.

P- Qual poderá ser um pormenor importante que ainda é apenas presumido?

R- Neste momento poderá estar relacionado com os fluxos de acesso e de utilização, nomeadamente dos servidores a nível local. Aqui, todos os residentes, pessoas e actividades de serviços e produção têm de aceder a eles para os utilizar maciçamente. Trata-se de pormenores locais, mas que serão encontrados em todo o lado, pelo que a solução será encontrada ao mais alto nível dos colaboradores.

P- Não é perigoso tentar espremer tudo numa só estrutura com tanta coisa a acontecer?

R- É por isso que coloco a palavra GAIS em maiúsculas. O hardware comunica com um único software, que responde a todas as preocupações de segurança. É preferível ter um único ponto de contacto para controlar múltiplas áreas de segurança, em vez de muitas oportunidades distribuídas, compostas por uma multiplicidade de módulos de software únicos produzidos e actualizados a partir de um número ilimitado de fontes. Por conseguinte, é uma óptima oportunidade para

evitar a Torre de Babel das TI. Aproveitemos este momento para dar um salto qualitativo. É claro que deve ser analisado não só pela sua dimensão, mas também pelo facto de conter apenas dados e informações certificados. Só pelo facto de existirem, os dados e a informação, bem como a sua máxima transparência e atualidade, têm um certificado de garantia. A máxima autonomia local torna-se, através da sua própria LAP, sinónimo de legalidade partilhada depois de passar pelos filtros e verificações sempre presentes do GAIS.

P- Voltamos então à importância de cada LAP ambicioso. Quem é responsável pela criação destes PAL?

R- Recordo que nas eleições autárquicas, cada candidato elabora e apresenta o PAL (Projeto Administrativo Local), que é verificado pelo GAIS. O critério inquebrável do AL é e deve ser aquele que ganha as eleições. O PAL descreve como utilizar os cofres do ABC, a circulação, os investimentos, as emergências e a fluidez interna, de acordo com o hexadécálogo, com o objetivo de os restituir à sua dotação de base. Após o resultado das eleições, o PAA proposto pelo novo administrador eleito torna-se o PAA oficial até às novas consultas.

P- O alcance crescente desta iniciativa assusta-me cada vez mais.

R- Gigantesco é a dimensão exacta, mas é também um problema decididamente aliciante e fascinante devido à sua imensidão e às potenciais situações futuras. Já passámos por situações comparáveis antes, e não é preciso recuar muito na história para nos lembrarmos. Basta recordar o desafio do Presidente Kennedy de conquistar a Lua há sessenta anos, que me pareceu bastante equilibrado. Parece que foi há uma eternidade, pelo menos em termos de pioneirismo. No contexto mundial, a URSS foi sempre superior. Começando pelo Sputnik, passando por Laica, Gagarin e, por último, Tereskova. Os Estados Unidos também participaram, mas ficaram sempre para trás; era necessário algo de extraordinário para recuperar a liderança na corrida espacial. O facto de se dedicarem tantos recursos para estarem sempre em segundo lugar não era aceitável nos Estados Unidos. O relançamento tinha de ser coerente e convincente para propor uma viagem de ida e volta à Lua. ALL IN. O presidente americano anunciou a decisão em 1962 e o projeto deveria estar concluído no final da década, o que era mais fácil de dizer do que fazer. Ninguém se opôs a que comessem quase do zero, e conseguiram-no brilhantemente

menos de 8 anos após o anúncio. No entanto, também tiveram de utilizar todos os recursos disponíveis. Foram completamente bem sucedidos ao planearem e organizarem todo o equipamento, ferramentas, meios e pessoal necessários, avançando passo a passo e respeitando os limites de tempo para este esforço nunca antes tentado.

Uma demonstração prática de que é possível ultrapassar obstáculos gigantescos que antes eram considerados impossíveis de vencer, exceto na literatura de ficção científica. É claro que todos os ingredientes para o sucesso estavam presentes. O primeiro chocou o país inteiro: o desejo, ou melhor, a necessidade de não ficar em segundo lugar no mundo. Um desafio que aceitou e recomeçou o desafio. Por conseguinte, todos os recursos, nomeadamente económicos, foram mobilizados, mas ninguém se opôs ou se queixou porque todos aceitaram o desafio. Aceitaram, ainda com mais fervor, um outro desafio, lançado a 7 de dezembro de 1941, por razões muito diferentes, e o esforço daí resultante resultou sempre num veredito claro. Recapitulando, não há tarefas impossíveis; basta uma consciência profunda do problema e dos objectivos, um empenho total e ilimitado imbuído de boa vontade, recursos adequados em mãos capazes, e o resultado positivo pretendido ocorrerá regularmente.

P- Estas são verdades históricas para intervenções em contextos de conflitos quentes e frios, mas essas condições já não existem.

R- Embora seja verdade que as questões mencionadas foram provocadas por diferenças nacionais, e que este estudo não prevê nenhuma, temos e continuaremos a ter razões para nos preocuparmos. E então? Não se trata de um ou mais Estados contra outros, mas de todo o planeta, de um lado ou de outro, face a um conjunto de problemas e perigos colectivos, alguns já presentes, mas que se prevê que se tornem significativos num futuro não muito distante, que não conseguiremos gerir, dada a forma como estamos estruturados. Duzentos Estados, cada um com a sua própria organização cultural, económica e social, mas nenhum verdadeiramente autónomo, todos interligados de várias formas. Ninguém poderia prever o que aconteceu na primeira metade do século XX, depois desse início calmo, com duas guerras mundiais separadas por apenas vinte anos. Se as recordei, foi para assinalar que acontecimentos que ninguém previu são hoje actos históricos bem estabelecidos.

P- Mas parámos, durante quase oitenta anos, recolhemo-nos e reconhecemos a lição.

R- Esperemos que sim. Mas a evolução natural não pára por aí. As evoluções e as mudanças, embora lentas, sendo imparáveis, não serão fáceis de gerir para sempre. Os conflitos recentes foram, sem dúvida, muito localizados e, de qualquer modo, foram resolvidos rapidamente. Parece que sim, mas a lista de todos os outros problemas, e não apenas o nosso, está a aumentar, graças, em parte, à tecnologia que identifica, quantifica e pormenoriza as dimensões e a gravidade. O conhecimento de há um século atrás não considerava nem previa o que hoje sabemos que nos espera no futuro.

Não me sinto particularmente atraído pelo adágio "Quem tem tempo não espera tempo", mas tenho de admitir que é um bom apelo à observação adequada.

O futuro está inevitavelmente a aproximar-se. Como é que o vamos enfrentar? As decisões não são tomadas nem resolvidas parando nas questões simples ou adiando-as. Nesse caso, os problemas são apenas adiados, acumulados e também consolidados.

Quer enfrentar o futuro de forma ativa ou passiva?

P- O que é que quer dizer com estas opções?

R - A resposta é fácil; "passivamente" implica enfrentar o dia a dia, ver e sofrer o que nos acontece, correr atrás das situações com intervenções remendadas, no mínimo passar a noite e esperar uma recuperação milagrosa no novo dia.

Enquanto "ativamente" se refere à tomada de decisões antecipadas, por mais desagradáveis que sejam, que nos permitirão enfrentar e resolver antecipadamente os problemas e o que esperamos encontrar no futuro, de forma preparada e organizada, nas melhores condições possíveis.

P- Parece-me que voltamos sempre ao mesmo ponto.

R- Infelizmente, trata-se de considerações a que terá de se habituar; quanto mais se aperceber delas, mais terá oportunidade de as aprofundar e de compreender a sua importância. Por mais que demos a volta aos problemas, a sua base permanece intacta. E é sempre aí que os encontramos no dia a dia. Ou os tiramos do nosso caminho de uma vez por todas, ou resignamo-nos à sua companhia eterna. Reagir ou resignarmo-nos? Só nós, que escrevemos hoje, podemos decidir o nosso futuro próximo.

R - Claro que não há forma de evitar a manifestação de alguns destes acontecimentos perfeitamente naturais, que podem ocorrer em qualquer parte do mundo. Especifiquei ALGUNS, porque as alterações climáticas, e a seca que lhes está associada, embora seja verdade que são manifestações que evoluem no espaço natural, infelizmente é verdade que foram despoletadas nos últimos dois séculos, o recente antropoceno. Fazemos parte da natureza, mas não é por isso que podemos culpar a NATUREZA. A questão destes problemas é da nossa exclusiva responsabilidade. E podemos, ou melhor, devemos, resolvê-los o mais rapidamente possível. Até agora, o mundo inteiro está a clamar por soluções estáveis. Mas parece que, mesmo neste caso, não é descabido recordar o "Sagunto Docet", cujo texto original pode agora ser atualizado em "Enquanto os governos adiam, o planeta chora!". Falar, discutir, saltar responsabilidades; a nossa especialidade mais aplicada. O projeto aqui proposto, tenta uma ação resoluta para resolver não só os problemas climáticos, mas também TODOS os outros, passados, presentes e, tanto quanto já podemos prever, os próximos.

É preciso aceitar que, se implementado, o projeto ofereceria os mais altos graus de solução. Mas antes de prosseguir, é necessário um consenso global, a ser implementado com recursos, colaborações, instalações e ferramentas adequadas. Tudo com o objetivo de reduzir os danos e, finalmente, proporcionar um restauro total e eficaz para evitar reedições deletérias. São ilusões ou sonhos? Tudo isto é ainda exequível; dispomos, por enquanto, de recursos ainda abundantes. O que falta é a intenção, a vontade, porque pelo menos um projeto, para trabalhar, já existe. Acabaram-se as queixas. O facto de as coisas não estarem a correr bem e irem piorar cada vez mais está a ser compreendido em todo o lado. Como vêem, voltamos ao mesmo ponto, às mesmas premissas, caminhos e perspectivas.

P- Mas muitos, quase todos, têm problemas internos para resolver. Parece que todos estão a pensar nos seus interesses do momento. Amanhã é outro dia, vamos resolver primeiro os problemas antigos. Muitas pessoas pensam que isso é menos arriscado do que entrar na linha da frente de uma aventura incerta.

R- Já que falamos do impacto dos problemas, vejamos como são considerados na realidade. "Se vão acontecer coisas horríveis, que aconteçam a outra pessoa." Não se trata, de forma alguma, de uma assunção de responsabilidade colectiva. Também aqui fazemos uma separação entre os tipos de problemas: naturais e humanos.

Ninguém sabe que tipo de calamidades ou catástrofes irão surgir no futuro. As catástrofes naturais sempre resultaram da deriva continental, da sua dinâmica com os movimentos das placas tectónicas e das falhas associadas (desde a formação do planeta). As catástrofes naturais, como os terramotos, só podem ser minimizadas através de medidas preventivas locais, bem como de intervenções durante e após o evento. Só recentemente começámos a compreender e a antecipar completamente os sismos, os seus ciclos e os períodos de atividade esperados para estas catástrofes e os seus atrasos, que agora designamos por sombras sísmicas. Como resultado, enormes áreas, mesmo de terras fortemente habitadas, já foram mergulhadas na sombra. As erupções vulcânicas são relativamente fáceis de prever, são naturalmente localizadas e, por isso, são mais bem monitorizadas. Os furacões oceânicos e os remoinhos terrestres, por outro lado, sempre ocorreram, mas, de acordo com documentação cada vez mais exacta e extensa, a sua frequência e intensidade estão a aumentar constantemente. É importante não descurar o aumento da cobertura territorial. Embora a maioria das calamidades actuais seja natural, não podemos deixar de assumir um grande número de repercussões. Refiro-me às reacções do efeito de estufa, que incluem o aquecimento global, o aumento do nível dos oceanos, as tempestades, os tufões e as inundações. A circulação termohalina planetária é conhecida há várias décadas. As glaciações mais recentes (classe dos drayas), nomeadamente as de âmbito e duração restritos, têm uma relação, de causa ou efeito, com esta circulação. O conhecimento e a investigação manter-nos-ão actualizados, propondo gradualmente revisões baseadas em teorias relevantes. Para ilustrar, podemos aceitar que a tecnologia e a ciência estão continuamente a atualizar a lista de potenciais ameaças. E quanto mais as conhecemos, mais compreendemos as suas fragilidades individuais e o desafio cada vez mais difícil de manter a estabilidade global do planeta. Neste momento, gostaria de vos fazer uma pergunta simples que coloquei a mim próprio há alguns anos e à qual tenho tentado responder: será que podemos

enfrentamos confortavelmente um longo futuro com a atual configuração global, ou podemos fazê-lo com uma estrutura mais adequada? A crítica e os pontos de vista opostos são componentes naturais da nossa vida quotidiana, mas o destino da humanidade pode depender deste tema. Cada um de nós deve, ou deveria, assumir a responsabilidade pelo significado da resposta e pelas suas repercussões. Este projeto é uma proposta de solução. Uma iniciativa que visa resolver as questões acumuladas e devolver a Terra a um estado mais estável. Os objectivos do projeto não se limitam a devolver-lhe a saúde, mas também a resolver as dificuldades relacionadas com a coabitação forçada dos seus ocupantes. O seu hexadécimo de normas, disposições e princípios, se aplicado na íntegra e de forma cooperativa, constitui uma base sólida para garantir uma existência feliz, digna e estável no nosso planeta. Quem sabe o que Eratóstenes decidiria? Teria sido também pão para os seus dentes? Atualmente, é mais conhecido por ter sido a primeira pessoa a medir com precisão o tamanho da Terra. Foi também o primeiro a calcular com exatidão a inclinação do eixo da Terra. Pode também ter estimado a distância Terra-Sol e estabelecido o ano bissexto. Concebeu a primeira projeção global do planeta, que incluía os paralelos e os meridianos, bem como um método para localizar mais facilmente os números primos. Os seus detractores troçavam dele, chamando-lhe Beta (a segunda letra do alfabeto grego), porque ficava sempre em segundo lugar em todas as competições; os seus apoiantes, pelo contrário, referiam-se a ele como Pentatlos, à semelhança dos olímpicos que competiam em todas as competições, porque tinha provado ser proficiente em todos os campos do conhecimento.

P- Já há algum tempo que queria perguntar de onde veio a inspiração para este projeto?

R- Como a resposta é um pouco longa, começemos pelo princípio para manter os pés no chão. Desde pequeno, ao ler sobre as administrações locais da Idade Média ou do Renascimento, fiquei impressionado com a existência tranquila que se vivia nesses territórios restritos.

Não que essas fossem as únicas realidades de uma vida social agradável; situações semelhantes existiam em todo o mundo, mas eu tive a oportunidade de conhecer apenas elas, e foram elas que me inspiraram.

Globalmente, demonstraram uma autonomia bem estabelecida e bem gerida desde há muito tempo. A estrutura foi concebida para servir de

mecanismo de representação e de coabitação funcional e lógica dos numerosos grupos territoriais. Foi o berço de um ambiente diversificado mas tranquilo que favoreceu o desenvolvimento do artesanato, da agricultura, da cultura e da arte. Esta é a minha interpretação, que pode ser demasiado preconceituosa, mas que me influenciou muito. Com exceção do oitavo, os primeiros nove dogmas do projeto podem ser percebidos, identificados e reconhecidos. Não consegui aprofundar essas realidades. A culpa foi minha por não ter aprendido mais sobre aqueles que ainda considero uma realidade espantosa, mesmo que do passado. No entanto, esta relativa falta de informação não é totalmente negativa; pelo contrário, encorajou-me a crescer e a aperfeiçoar tudo o que tinha lido sobre eles.

Isto deu-me energia e impulso para completar esses cenários em geral. Houve algumas variações sugestivas mas pessoais sobre o tema histórico original. A fase seguinte foi olhar para o todo sob uma luz diferente ou de um ângulo diferente, o que produziu reflexões básicas mas espontâneas. Se isto já foi historicamente explorado, adotado, vivido e realizado com eficácia social registada durante vários séculos, porque é que já não está presente e estamos substancialmente pior em alguns aspectos, apesar do avanço da tecnologia? Será que tudo isto se deve a um desejo generalizado de gratificação rápida mas constante? Ou será que abdicámos de algo importante em nome de um progresso inexorável e galopante? A sua velocidade implacável manter-se-á? Será que o consumo mundial de recursos, de energia e de matérias-primas levará ao seu esgotamento demasiado cedo?

P- O que vem a seguir?

A-Os pensamentos surgiram naturalmente; como é que já tínhamos conseguido coexistir numa harmonia bastante bem abraçada? Tudo estava lá, como um pequeno planeta. Questões e soluções A conservação dos recursos significa utilizar apenas o que é absolutamente necessário. Não é suficiente para o fazer meditar? E se o mundo inteiro fosse uma versão em miniatura dessas sociedades anteriores? Não me refiro a um regresso total ao passado, mas sim a uma simples recuperação actualizada dos objectivos básicos da vida social e dos estilos comuns.

Como é que as coisas estão a correr agora? Do ponto de vista da tecnologia, não há comparação, mas para tudo o resto? Quais são as nossas intenções? Estamos no bom caminho? O que é que podemos esperar? Que ameaças, naturais ou não, se perfilam no horizonte? Estamos a promover o seu desenvolvimento precoce? Podemos mudar o rumo das nossas vidas? Existe um plano, um objetivo comum que nos possa conduzir

para um futuro pacífico? Ou, mais realisticamente, estaremos a entrar lá por ordem aleatória, deixando-nos arrastar para a máquina do tempo enquanto cada nação luta para manter pelo menos o seu espaço vital válido, tentando salvaguardar os seus interesses pessoais?

P-Mas nós dissemos que faríamos as perguntas e que tu responderias, É apenas uma série de perguntas!

É verdade que as realidades históricas e as questões que convergem para uma última pergunta sempre me perseguiram; o que é que falta ou é necessário para transformar o mundo em ambientes semelhantes? Esta pergunta fez-me companhia durante muitos anos. Regularmente, pegava na lógica pendente e incompleta e acrescentava-lhe algumas peças: esclarecimentos, sugestões, respostas e, finalmente, soluções.

P- Então a iniciativa é essencialmente uma recriação global dessas comunidades?

R- Nunca colocaria essa hipótese se fosse apenas por esse motivo; seria uma tentativa nostálgica de recriar uma realidade que já não é totalmente aceitável neste momento.

P- Então, qual foi o objetivo de tudo isto?

R- Afirmei-o porque considero que alguns conceitos são genuínos e servem de elementos fundamentais, nomeadamente no que diz respeito aos temas que ainda não discutimos, para o que ainda falta, ou seja, as perspectivas de futuro que nos esperam. Ao contrário do passado, que já foi vivido e consumido, ou do presente, que está preso às leis já estabelecidas, o futuro ainda não está totalmente definido. Dentro de certos limites, podemos redesenhá-lo, reprogramá-lo, até mesmo traçar e criar novos caminhos alternativos, ou pelo menos contribuir para esses fins.

P- Que importância tem o futuro neste momento?

R- Sim, mas a questão fundamental é que futuro. Adquiri o hábito de pensar "à frente", de prever acontecimentos e cenários prováveis: que cenários podem surgir num futuro próximo ou distante?

Sem exagero, penso que a utilização da previsão favorece a escolha do melhor caminho para chegar ao destino pretendido da melhor forma possível, mas não a utilizar de todo significa esperar passivamente, observar e sofrer a evolução progressiva de situações desagradáveis e de uma realidade degradada.

A previsão, combinada com o bom senso, é o prolongamento natural da sabedoria, que aumenta quando é partilhada e participada.

Sem estas atitudes principais, a conduta global seria definida por uma série de caminhos individuais, cujo agregado simboliza apenas fluxos fluidos para o futuro, sem um destino definido acordado. Todos reconhecem a importância da sobrevivência do mundo, quem não reconheceria? Infelizmente, os interesses egoístas ainda prevalecem ao nível das nações individuais. Isto é contrário à visão planetária. Atualmente compreendemos as proporções, a composição, os recursos e as regras naturais do planeta. No entanto, ainda não conseguimos estabelecer regras precisas para atingir coletivamente objetivos mundiais consistentes. Haverá algo que nos esteja a escapar? Será demasiado cedo para o referir? Será que podemos adiar o problema para as gerações futuras? Entretanto, estamos presos a tentar resolver os problemas de ontem. O simples facto de tentar parece ser um triunfo. Mas o amanhã aproxima-se inexoravelmente, com os seus progressos inexoráveis, com as descobertas imparáveis que as nossas tecnologias nos fazem descobrir e pôr em evidência. Adiar a resolução dos problemas na esperança de que eles se resolvam por si próprios é contraproducente: os problemas acumulam-se. dívidas e juros, por exemplo Qual é exatamente o problema? É evidente que deve faltar algo à altura das dificuldades, sobretudo uma certa rapidez na definição dos desafios no seu conjunto. Que acções benéficas podem ser tomadas? Podemos abordá-lo com alguns retoques parciais, como estamos a fazer agora? Será altura de começar a examinar hipóteses de soluções mais surpreendentes, que incluam o mundo inteiro e tenham um alcance e uma relevância comparáveis? O que é que nos vai acontecer de forma abrupta e repentina? Serão desastres naturais de alguma forma? Serão activadas ou fabricadas por nós, consciente ou inconscientemente? Ou uma série de diferentes misturas dos dois? Basta pensar no passado, que nos parece ser bastante familiar. Podemos reinterpretar e reescrever o passado, mas não o podemos mudar. Mas é o futuro que podemos prever, planear, conceber, programar, disciplinar e, finalmente, realizar, pôr em ação, controlar, corrigir e gerir. Seria o pior indicador de inconsciência esperar desarmado pela chegada do futuro. Quantas coisas grandiosas se podem

Quando pensamos em termos gerais, prevendo e projectando o futuro à escala global, as coisas ganham um novo significado. E quando pensamos em termos gerais, prevendo e projectando o futuro a uma escala global, as coisas ganham um novo significado e a leitura do resto do projeto não é totalmente desprovida de sentido. Certamente, o nível necessário de empenhamento, consistência e convicção definirá o nível de envolvimento no futuro e influenciará o seu resultado. Tal como qualquer outra coisa, podem tornar-se realidade com uma consequência favorável se acreditarmos neles de todo o coração. É conveniente que cada um de nós desenvolva e melhore o seu grau de responsabilidade, tanto individual como coletivamente. A constante antecipação de numerosos acontecimentos futuros de ordem e grau variáveis, a fim de os evitar e de nos protegermos através da execução de contramedidas adequadas, é o que eu caracterizo como "senso comum". Neste cenário, se ainda não perceberam, estamos a falar de segurança e sobrevivência na Terra.

P- Esta iniciativa aborda-o plenamente?

R- Não é tão impressionante; inicialmente, procura desenvolver um sistema estável de bem-estar generalizado, de modo a oferecer uma sobrevivência prolongada com os recursos do planeta; como resultado, cria e mantém a melhor e mais perene base forte para enfrentar e resolver os diferentes desafios que possam surgir.

Mesmo que com relutância, temos de reconhecer que o nosso planeta pode vir a ser o protagonista passivo de diferentes tragédias no futuro. Podemos também adiar o tratamento destes problemas, como está a ser feito agora; no entanto, como acontece com qualquer problema, particularmente um de importância global, quanto mais cedo for definido e se adoptarem linhas de ação construtivas, melhor. "Quem tem tempo, como já referi, não espera pelo tempo". Não quero estar por perto para ouvir esta frase se ocorrer uma dessas crises cruciais.

P- E não considera isso impressionante?

R- Se quiserem, chamem-lhe o que quiserem. Em vez disso, considero-o muito proporcionado e adequado para obter as melhores soluções necessárias.

P- Com o apoio da tecnologia, que não pára de evoluir, conhecemos os problemas melhor do que nunca e estamos a resolvê-los, pouco a pouco. Estamos sempre a melhorar.

R- Parece que, se excluirmos a previsão, a responsabilidade e a maturidade, especialmente num contexto global, poderei partilhar esse sentimento de bem-estar, mas apenas de forma limitada e, em todo o caso, apenas a curto prazo.

A - É o que parece à primeira vista. Mas com que tipo de problemas estamos a lidar? Se excluirmos a previsão, a responsabilidade pelos cenários futuros, sobretudo no contexto global, poderei partilhar este sentimento de otimismo prudente, mas apenas de forma limitada e, em todo o caso, apenas a curto prazo. Mas se combinarmos a população, as composições nacionais, o consumo e a disponibilidade de recursos, no contexto da evolução climática, as actuais propostas de soluções já existentes ou verdadeiramente futuras não podem ser consideradas suficientemente adequadas. Para explicar isto, teria de recomeçar do primeiro capítulo. Assim, embora compreenda a tentativa de manter o otimismo, fico cada vez mais perplexo. Todos os dias, todos os parâmetros globais, ainda que lenta mas seguramente, pioram. Está satisfeito com a sua lentidão? Durante alguns anos, também partilharia isso. Mas não se alargar a minha visão, antecipando os cenários que estamos a criar para nós próprios.

P- No entanto, todos os dias são descobertas novas jazidas de todos os recursos.

R- Isso é inegável, mesmo com os modernos processos de extração e reciclagem, mas não resolve os problemas; no máximo, adia-os. Seria conveniente considerar que todos os recursos utilizados, ou talvez seja mais correto dizer desperdiçados agora, nunca mais estarão disponíveis em qualquer contexto futuro, mesmo no que é vislumbrado por esta proposta. Estes recursos valiosos poderão ser mais apreciados pelos nossos descendentes no seu futuro.

P- Então, se hoje estamos melhor do que no passado e no futuro, aproveitemos o presente o mais que pudermos e só no futuro próximo; quando essas condições vantajosas puderem desaparecer, alguém, de alguma forma, providenciará; não nos deixemos enrolar antes de nos magoarmos.

R- É precisamente isso que parece estar predominantemente na moda; evitamos as dificuldades adiando-as, o que é a tendência

atual

especialização partilhada. Se assim não fosse, que razão teria eu para me esforçar por apresentar este projeto?

P - Se a maioria dos governantes se atrasa, isso significa que ou não são capazes ou acreditam que essa é a melhor e mais adequada escolha para eles.

R - Sem dúvida que sim, mas pelas razões erradas. Os problemas do mundo real não podem ser adiados para sempre. Também são ampliados em vez de serem resolvidos. Não podemos disfarçar e esconder a realidade à nossa vontade infinitamente. É possível enganar uma pessoa durante muito tempo, ou enganar muitas pessoas durante pouco tempo, mas é impossível enganar muitas pessoas durante muito tempo. Desfazer-se das batatas quentes atirando-as para um futuro próximo é uma abordagem simples que está a tornar-se cada vez mais popular. Num futuro saturado de problemas, não haverá forma de discordar ou rejeitar estas soluções comuns, enviando-as para o nosso presente. Certamente que os nossos descendentes não nos agradecerão, bem pelo contrário. Não devemos consolar-nos com o facto de já não estarmos lá; a única satisfação miserável.

P- Não creio que chegue a esse ponto.

R- No entanto, é inegável que temos agora problemas, também novos, e sobre isso houve também desenvolvimentos recentes.

P- Tem alguns casos, de preferência recentes?

R- Esta pandemia, por exemplo, começou com um pequeno surto e agora está presente em todo o planeta. Mais cedo ou mais tarde será resolvida; no mínimo, tudo voltará a estar sob controlo e retomaremos, mais ou menos, o nosso caminho interrompido. É bem possível que as actividades de muitos líderes, consideradas individualmente, venham a aumentar potencialmente as disparidades na desigualdade socioeconómica a nível global e local, desde pessoas a agregados familiares e nações. Isto poderá provocar, sem uma estratégia global integrada, fossos significativos entre as muitas realidades do planeta, nomeadamente conflitos socioeconómicos. Verificar-se-á, com implicações inexoráveis em toda a parte? Todas as medidas de estabilidade global manter-se-ão constantes? Leverismo, tanto direta como indiretamente ligado,

aumentará o valor dos factores críticos: o oposto do que o senso comum esperaria do homem. A anulação das dívidas públicas de várias nações pode ser um instrumento válido e rápido para ajudar à recuperação, mas exige escolhas difíceis, nomeadamente a determinação dos Estados que podem beneficiar e em que medida. No entanto, mesmo a obtenção de um acordo global difícil, mas exequível, apenas permitiria um alívio a curto prazo dos problemas a longo prazo. Uma vez utilizada, esta solução, embora ajudasse certamente muitos problemas a curto prazo, continuaria a ser uma solução perigosa e destrutiva. Tirar partido destas lacunas privar-nos-ia de estabilidade e poria em risco o equilíbrio necessário e desejado.

Se quiserem outra razão, proponho um paralelismo entre a Ilha de Páscoa, por um lado, e o nosso planeta, por outro. Imaginem ambos como duas jangadas espalhadas no oceano. Para a primeira, é mais fácil; para a terra, o oceano é espaço. O processo da primeira poderia, em escala, repetir-se com a segunda. O que era preocupante no primeiro: o ecocídio quase total. Tragam o caminho de volta ao planeta e tentem dormir descansados.

P- Mudando abruptamente de assunto, alguma vez pensou em deixar de escrever para este projeto?

R- Obviamente que não estou no ramo. Não me considero um escritor. Tenho dificuldade em escrever. Prefiro os números, a substância tangível, as listas claras e verificáveis, e sinto-me estranho quando saio da minha zona de conforto. Esta minha limitação desencadeou uma sensação de mal-estar, ou melhor, a tentação sussurrada do demónio interior para desistir, desistir e deitar tudo a perder, mas o refrão terminou com uma reflexão do tipo: "O que é que se segue?" O que é que eu vou fazer com isto, guardar tal noção para mim?" Seria uma pena desistir. É pouco mais do que um desafio. Por isso, continue, nem que seja para chegar a um ponto em que possa avaliar melhor a sua influência total.

Quanto me custaria adiá-lo? Reanimei-me, apenas o suficiente para retomar o projeto. Mais teimosamente ainda, nunca tinha reparado ou tomado consciência deste carácter latente. O cenário tornou-se cada vez mais fascinante, exigindo e inspirando desafios e respostas mais ousadas. Lembro-me até de Albert Einstein, quando declarou que repetir servilmente as mesmas acções inúteis para resolver um problema bem definido levaria ao advento da insanidade. Obrigado pela vossa atenção

Muito obrigado, Albert. Tranquilizaste-me, pois não creio que este estudo revele uma reutilização positiva ou negativa das soluções tradicionais.

Todo o projeto propõe um conjunto complicado de empreendimentos, alguns controversos e outros ousados, mas todos conducentes a uma atmosfera indubitavelmente confortável e sempre cobiçada, digna dos HOMO SAPIENS.

Se for implementado, podemos mesmo falar de uma nova era chamada HOMO FELIX. Do HOMO SAPIENS ao HOMO FELIX, a humanidade poderá dar mais um grande passo em frente. Não será mais apropriado o nome HUMANITAS FELIX? Seremos nós, que o merecemos, dignos e capazes de o pôr em prática e de o manter indefinidamente?

P- Não nos pergunte, eu contento-me com isso e faço-lhe uma última pergunta simples: Há mais alguma coisa que tenha despertado significativamente o vosso interesse?

R- Certamente, sobretudo o monólogo de Charlie Chaplin do filme "O Grande Ditador", de 1940, atraiu-me.

Se acrescentarmos questões actuais de que ele pode nem sequer ter tido conhecimento, como a poluição, o esgotamento das reservas, o Overshoot Day, o crescimento demográfico, etc., podemos dar mais relevância a esse discurso, que continuaria a ser mais relevante hoje em dia.

P - Sem dúvida que já se apercebeu do planeta descrito no título do livro, mas nenhum de nós consegue vislumbrá-lo, depois partilhá-lo, analisá-lo e, como se poderia pensar, apreciá-lo ao fim de apenas algumas páginas.

R - Reconheço que se trata de um conjunto de situações inovadoras e insólitas para as quais nenhum de nós estava preparado. Tive de reler vários parágrafos antes de continuar, mas depois o quadro geral tornou-se gradualmente mais realista, nada parecido com os rascunhos das primeiras visões.

Estas páginas devem ser lidas pelo menos duas vezes, intercaladas com o tempo necessário para digerir e integrar o contexto, que é claramente sem precedentes, e para compreender os objectivos estabelecidos; estou cada vez mais confiante de que são exequíveis, conquistáveis e até mesmo sustentáveis.

A expressão "Eu tenho um sonho" transformou-se em "Eu tinha um sonho, agora temos um plano, eles vão ter um futuro".

É emocionante e já gratificante ter consciência da possibilidade de fazer sonhar, emocionar, ou pelo menos encorajar, e finalmente vislumbrar um interesse nada esperado, de reorganizar e conter toda a gestação do projeto em cerca de 4/5 gerações. Se uma participação substancial de recursos humanos fosse realizada, o período poderia ser significativamente reduzido. Mas isto também estou a repetir; significa que é um ponto crucial. A perspectiva de impulsionar e despertar esta nova consciência atrai-me.

De qualquer modo, estimular, solicitar e promover aberturas de pensamento com este alcance, propósito, escala e objectivos globais é já uma satisfação gratificante, não só para mim, mas também para os vários interlocutores, mais ou menos virtuais, que facilitaram a composição do diálogo deste capítulo. Ao exprimirem as suas opiniões espontâneas e francas, com a vossa atitude diferente, mas de comportamento valioso, fizeram-me lembrar as três personagens galileanas que colaboraram na apresentação da sua obra-prima: Sagredo, Simplicio, Salviati; um interessado, o outro cético e finalmente o convencido.

Obrigado do fundo do meu coração! Na escala, representaram toda a humanidade e, em nome dela, agradeço-vos.

Penso que, para uma primeira apresentação, isto é mais do que suficiente.

Sinto-me tentado a terminar este livro com uma coleção de numerosos aforismos, mais ou menos conhecidos, que considero serem pérolas de sabedoria, mas limitar-me-ei a recordar apenas alguns, os mais adequados, que me confortaram e acalmaram durante a preparação deste documento. Os principais autores são: Alan Turing, Nelson Mandela, Eleanor Roosevelt, Walt Disney, Antoine de Saint-Exupéry, Mahatma Gandhi, Steve Jobs, Anatole France, Totò, William Shakespeare, François de La Rochefoucauld, William James, Lao Tzu, Sócrates, Carl Gustav Jung, Frank Zappa, Confúcio, Robert Lee Frost, Vincent Van Gogh, Thomas Jefferson, Charles Darwin, Ralph Waldo Emerson.

Não é uma má representação do planeta; um pouco de todas as civilizações, países e épocas.

Aqui está o cocktail resultante:

- Por vezes, são as pessoas inesperadas que fazem o inesperado. "Estou grato àqueles que responderam e até me criticaram; desafiaram-me e estimularam-me."
- Parece sempre impossível até ser realizado.
- Faz o que te parece certo no teu coração, porque serás castigado de qualquer maneira. Serás condenado se o fizeres. Serás condenado se não o fizeres.
- Aqueles que acreditam na beleza dos seus sonhos terão um futuro feliz.
- Podes conseguir tudo o que quiseres.
- Faça com que os seus sonhos devorem a sua vida, para que a sua vida não devore os seus sonhos. Faça da sua vida uma fantasia, e depois torne-a realidade.
- O que fizeres agora influenciará o teu futuro.
- "Sê a mudança que queres ver no mundo."
- As pessoas que acreditam que podem mudar o mundo têm mais probabilidades de sucesso.
- Para fazer progressos reais, temos de antecipar, preparar e acreditar, bem como agir.
- Durante uma crise, as pessoas inteligentes procuram respostas, enquanto os tolos procuram culpados.
- Nós também somos feitos do mesmo material que os sonhos, e a nossa breve existência tem lugar no espaço e no tempo de um sonho.
- O homem inteligente reconhece que é insensato, enquanto o insensato acredita que é sábio. Aquele que não vive na loucura não é tão inteligente como pensa.
- É preferível dedicar a vida a algo que dure mais tempo.
- Preocupar-se com o que os outros pensam vai mantê-lo preso para o resto da sua vida.
- Uma viagem de mil quilómetros começa com um único passo.

- É lamentável que só aprendamos as lições da vida quando elas já não se aplicam a nós.
- Reconhecer que não sabemos nada é a única sabedoria verdadeira.
- Pensar é difícil. É por isso que a maioria das pessoas julga.
- A mente é como um para-quedas. Só funciona quando o abrimos.
- Para prever o futuro, é preciso primeiro compreender o passado. O mais divertido é levantarmo-nos sempre depois de uma queda, em vez de nunca cairmos.
- O essencial é continuar a avançar, mesmo que lentamente.
- O homem que move montanhas começa com pequenas pedras.
- Quando sabemos que só temos uma vida, começa a primeira das nossas vidas.

A vida é simples, mas estamos sempre a complicá-la.

- Sobrevive a espécie que melhor se adapta à mudança, não a mais forte ou a mais sábia.
- Tudo o que descobri sobre a vida pode ser resumido em duas palavras: ela continua.
- O que se faz é mais importante do que o que se diz.
- Quando um homem distingue entre os conceitos de felicidade e de riqueza, entrou no domínio da sabedoria.
- Como seria a vida se não corrêssemos riscos?
- Quando me perguntaram o que queria ser quando fosse grande, respondi que queria ser "feliz".
- Diziam que eu não percebia o exercício e eu respondia que eles não percebiam a vida.
- É preciso fazer algo que nunca se fez antes se se quiser algo que nunca se teve antes.
- Primeiro, ignoram-no, depois troçam de si e, por fim, lutam consigo. Nessa altura, tu és o vencedor.

Até agora não saberia o que descartar, muito menos classificar, mas Anne Frank merece uma menção especial juntamente com ela:

- É espantoso o facto de não precisarmos de esperar nem um momento para começarmos a tornar o mundo um lugar melhor.
- As nossas escolhas têm um impacto na nossa vida. Antes de mais, fazemos as nossas escolhas. Depois, as nossas escolhas moldam quem somos.
- Todos nós queremos ser felizes, e as nossas vidas são únicas e semelhantes.
- Não temos controlo sobre o nosso destino, mas podemos escolher em quem nos tornamos.
- Que belo conceito o de que alguns dos nossos melhores dias ainda estão à nossa frente.
- As suas acções de agora influenciarão o seu futuro.
- Quando as suas ideias, palavras e acções estão em sintonia, é feliz.
- Se mantiveres um sonho no teu coração, nunca perderás o sentido da vida.

A parte de leão, no entanto, vai para Albert Einstein, o criador das previsões mais exactas de visões do futuro.

- Agradeço a todos aqueles que me disseram não. Eles são a base de quem eu sou.
- Mantenha os opositores à distância. Eles têm um problema para cada solução.
- Não tenho a certeza sobre o cosmos, mas também não tenho a certeza sobre a estupidez humana.
- É estúpido continuar a fazer a mesma coisa e esperar resultados diferentes.
- A estrutura da asa do zangão é inadequada para o voo em relação ao seu peso, mas ele não tem consciência disso e continua a voar.
- Qualquer pessoa que nunca tenha cometido um erro ou tentado algo novo.
- Se não o conseguirmos explicar a uma criança de 6 anos, não o compreendemos.
- Temos uma hipótese quando sabemos tudo mas nada funciona. Tudo funciona quando se pratica mas não se percebe porquê. Em

qualquer dos casos, acaba-se inevitavelmente por fundir teoria e prática: nada funciona e não se percebe porquê.

- A diferença entre um gênio e um tolo é que o gênio tem limites.
- Ninguém pode fazer-te sentir inferior a não ser que lhe dê permissão.
- O mundo é perigoso não para aqueles que fazem coisas más, mas para aqueles que não fazem nada.

Particularmente significativa é a declaração que fez sobre todos os seus triunfos, que começaram com a mais pequena centelha de inspiração e só foram alcançados depois de muito suor.

A inspiração pode identificar a referência a um sonho, a uma centelha intuitiva e imaginativa. A transpiração, por outro lado, refere-se à transpiração natural que ocorre como resultado direto de um esforço mais essencial e prolongado para produzir uma conclusão benéfica de uma atividade constante, exigente e bem determinada.

A faísca ou inspiração inicial vem de uma pequena fração de pessoas, mas pode também servir como fonte de sonhos evolutivos para muitas outras. Chegar aos cem é um processo interminável; a transpiração contínua é uma componente necessária e inevitável para todos.

Este capítulo e o projeto terminam com uma saudação de síntese:

Aguardando com expectativa a implementação dos 5P para o HF, desejo boa transpiração a todos os colaboradores.

Leonardo T.

©2021-2023